ANNO XXXI. N. 9.

SEXTA FEIRA 12 DE JANEIRO DE 1855.

Por 3 mezes adiantados 4,000.
Por 3 mezes vencidos 4,500.

Por anno adiantado 15,000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇA'O.
Recife, o proprietario M. F. de Faria; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins; Bahia, o Sr. D. Duprad; Maceió, o Sr. Joaquim Bernardo de Mendonça; Parahiba, o Sr. Gervazio Victor da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim Ignacio Pereira Junior; Aracaty, o Sr. Antonio de Lemos Braga; Ceará, o Sr. Victoriano Augusto Borges; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues; Pará, o Sr. Justino José Ramos; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

CAMBIOS.
Sobre Londres, a 28 1/4 d. por 1$000.
« Paris, 342 rs. por 1 f.
« Lisboa, 105 por 100.
« Rio de Janeiro, 2 1/2 por 0/0 de rebate.
Acções do banco 40 0/0 de premio.
» da companhia de Beberibe ao par.
» da companhia de seguros ao par.
Disconto de lettras de 8 a 10 por 0/0.

METAES.

Ouro.—Onças hespanholas . . .	29$000
Moédas de 6$400 velhas. .	16$000
» de 6$400 novas. .	16$000
» de 4$000. . .	9$000
Prata.—Patacões brasileiros. . . .	1$940
Pesos columnarios, . . .	1$940
» mexicanos.	1$860

PARTIDA DOS CORREIOS.
Olinda, todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exú e Ouricury, a 13 e 28.
Goianna e Parahiba, segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal, nas quintas-feiras.

PREAMAR DE HOJE.
Primeira ás 11 horas e 42 minutos da manhãa.
Segunda ás 12 horas e 6 minutos da tarde.

AUDIENCIAS.
Tribunal do Commercio, segundas e quintas-feiras.
Relação, terças-feiras e sabbados.
Fazenda, terças e sextas-feiras ás 10 horas.
Juizo de orphãos, segundas e quintas ás 10 horas.
1ª vara do civel, segundas e sextas ao meio dia.
2ª vara do civel, quartas e sabbados ao meio dia.

EPHEMERIDES.
Janeiro. 2 Lua cheia as 5 horas, 48 minutos e 33 segundos da manhãa.
» 11 Quarto minguante ás 2 horas, 7 minutos e 38 segundos da tarde.
» 18 Lua nova as 6 horas, 17 minutos e 36 segundos da manhãa.
» 24 Quarto crescente a 1 hora, 48 minutos e 32 segundos da manhãa.

DIAS DA SEMANA.
8 Segunda. S. Lourenço Justinianno Patriarca.
9 Terça. Ss. Julião e Bazilissia, sua esposa.
10 Quarta. S. Paula primeiro Erimita.
11 Quinta. S. Hyginio p. m.; S. Salvio.
12 Sexta. S. Satyro b. m.; S. Arcadio m.
13 Sabbado. S. Hilario b.; S. Hermillo.
14 Domingo. 2.º depois de Reis; O SS. Nome; S. Felix m.; S. Macrina v.; S. Malaquias.

PARTE OFFICIAL.

GOVERNO DA PROVINCIA.

Expediente do dia 8 de janeiro.

Officio—Ao Exm. presidente do Rio Grande do Nortte, remettendo o conselho de disciplina feito ao soldado Antonio Domingues Correa.

Dito—Ao Exm. commandante superior da guarda nacional do municipio do Recife, transmittindo por copia o decreto n. 1471 de 4 de novembro de 1854, estabelecendo a organisação para os corpos de artilharia da guarda nacional e marcando o armamento de que devem usar taes corpos.

Dito—Ao coronel commandante das armas, dizendo, que com este lhe será apresentado para ter o conveniente destino, o desertor do extincto 8.º batalhão de caçadores Romualdo José Ferreira, que foi preso em Ipojuca.—Communicou-se ao juiz de direito da comarca do Cabo.

Dito—Ao mesmo, inteirando-o de haver expedido ordem a thesouraria de fazenda, para que estando nos termos legaes os documentos que S. S. remetteu, seja paga ao major João Nepomuceno da Silva Portella, a quantia de 40$320 rs., que foi por elle despendida com alugueres de cavallos para transporte de sua bagagem e outros objectos.

Dito—Ao consul francez nesta cidade, remettendo em resposta ao officio em que S. S.ª representa contra a multa de cem mil reis, que foi imposta ao capitão da barca franceza denominada *José*, copias da informação que a respeito foi ministrada pelo inspector da alfandega, e bem assim do parecer do procurador fiscal da thesouraria de fazenda, com o qual concorda o respectivo inspector.

Dito—Ao inspector da thesouraria de fazenda, inteirando-o de haver o bacharel Miguel Archanjo Monteiro de Andrade Junior, juiz municipal do termo de Cimbres, participando que no dia 28 de dezembro ultimo, entrara no gozo da licença de quarenta dias que lhe foi concedida.—Igual communicação se fez ao conselheiro presidente da relação.

Dito—Ao inspector do arsenal de marinha, approvando a deliberação que Smc. tomou, de mandar applicar ao fornecimento dos navios da armada, a aguardente apprehendida no presidio de Fernando, entregando a respectiva importancia na thesouraria de fazenda, visto não ter apparecido pessoa que quizesse arrematar a referida aguardente por preço rasoavel.—Communicou-se ao inspector da mesma thesouraria.

Dito—Ao capitão do porto, inteirando-o de haver em vista de sua informação, concedido ao pratico Antonio Henriques Mafra, 3 mezes de licença sem vencimentos, para ir a provincia do Rio Grande do Sul.

Dito—Ao juiz de direito da comarca do Rio Formoso.—Não tendo esse juizo remettido até agora a relação nominal que exigi em officio circular de 6 de setembro do anno proximo passado, dos individuos que nessa comarca exercem officios de justiça, cumpre que o faça quanto antes, devendo semelhante relação ser organisada de conformidade com o modelo que remette.—Neste sentido officiou-se aos juizes de direito do Cabo, Goianna, Nazareth, Limoeiro, Pão d'Alho, Bonito, Boa-Vista; ao juiz do civel e ao de orphãos desta cidade.

Dito—Ao inspector da thesouraria provincial, transmittindo para o fim conveniente a relação das despezas feitas para o expediente da repartição das obras publicas no corrente mez.

Dito—Ao mesmo, para que, a vista da conta que remette, mande pagar a Cruz & Gomes a quantia de 105$420 rs. em que importam os objectos fornecidos a directoria geral da instrucção publica para o seu expediente.—Communicou-se ao referido director.

Dito—Ao commandante do corpo de policia, communicando que não só participou ao Exm. presidente da Parahiba, o fallecimento do soldado de policia daquella provincia Damião André das Neves, mas tambem solicitou a indemnisação da quantia de 16$560 rs., que se despendeu com a inhumação do cadaver do dito soldado.—Officiou-se neste sentido ao mencionado presidente.

Dito—Ao capitão Domingos de Luna Veiga, concedendo os 8 dias de licença, que Smc. pedio para vir a esta capital—Communicou-se ao commandante das armas.

Dito—Ao commandante superior da guarda nacional dos municipios de Olinda e Igarassú, accusando recebidas as copias que Smc. remetteu das relações dos guardas nacionaes pertencentes as listas do serviço activo e de reserva, das tres parochias do municipio de Olinda, e bem assim a da acta dos trabalhos do conselho de revista do mesmo municipio.

Dito — A administração do patrimonio dos orphãos, inteirando-a de haver mandado admittir no collegio dos orphãos o menor Juvenal filho de Gertrudes Magna de Jesus, casada que foi com o fallecido Marcolino Jeronymo Gonçalves dos Santos.

Dito — Ao major João Nepomuceno da Silva Portella.— Communicando-lhe que, por portaria desta data, resolvi conceder a dispensa que Vmc. solicitou do cargo de delegado de policia do termo da villa Bella na comarca de Pajeú de Flores, approveito a occasião para dar-lhe os merecidos louvores pelos relevantes serviços que prestou na dita comarca, e espero que continuará a prestar tão valiosos no commando do batalhão 9.º de infantaria, a que he chamado.—Fez-se o necessario expediente a respeito.

Portaria—Ao director do arsenal de guerra, para recolher aos armazens daquelle arsenal o armamento arruinado que lhe foi apresentado por parte do commandante do corpo de policia, fornecendo outro em bom estado para o serviço do dito corpo.— Communicou-se ao respectivo commandante.

Dita—Ao mesmo, recommendando que forneça a João Donsley, mediante a competente indemnisação, 5 barris de polvora.

Dita—Ao agente da companhia das barcas de vapor, recommendando a expedição de suas ordens, afim de que no primeiro vapor que seguir para o sul, seja transportado para o Rio de Janeiro como passageiro de estado, o padre francez Bessa.

—9—

Officio — Ao Exm. presidente das Alagoas, remettendo as medalhas que competem aos alferes do oitavo batalhão de infantaria Estevão José Paes Barreto e Amalio Maia, por terem feito a campanha Argentina.

Dito — Ao Exm. conselheiro presidente da relação, para designar outro desembargador para preencher o numero dos vogaes togados da junta de justiça, visto haver o desembargador Severo Amorim do Valle declarado que tem de averbar-se de suspeito no processo criminal dos ex-officiaes do corpo de policia o qual tem de ser submettido ao conhecimento da mesma junta.

Dito — Ao coronel commandante das armas, recommendando a expedição de suas ordens, para que o commandante da companhia fixa de cavallaria preste uma ordenança a cavallo todas as vezes que por necessidade do serviço lhe for requisitada pelo subdelegado da freguezia da Boa Vista.—Communicou-se ao chefe de policia.

Dito — Ao inspector da thesouraria de fazenda, transmittindo para o fim conveniente o aviso de letra n. 39 na importancia de 3:569$200 sacada pela thesouraria de fazenda da provincia do Rio Grande do norte sobre a desta e a favor de Barroca & C. — Participou-se ao Exm. presidente daquella provincia.

Dito — Ao mesmo, para mandar levar em conta ao almoxarife do arsenal de marinha a quantia de 51$ que se despendeu com o sustento não só de seis operarios estrangeiros vindos de Hamburgo com destino a provincia do Pará, mas tambem das familias dos mesmos operarios, segundo consta da conta que remette por copia, ficando S. S. certo de que acaba de solicitar-se do Exm. presidente daquella provincia, a expedição das convenientes ordens para ser indemnisada semelhante quantia. — Officiou-se neste sentido ao supradito presidente e ao inspector do referido arsenal.

Dito — Ao chefe de policia, inteirando-o de haver expedido ordem, não só ao agente da companhia dos paquetes de vapor, para fazer receber e transportar até a provincia das Alagoas no vapor *Guanabara* o criminoso Manoel Francisco dos Santos e as duas praças que foram escoltando ao referido criminoso, mas tambem ao commandante do corpo de policia, para prestar as mencionadas praças.—Expediram-se as ordens de que se trata.

Dito — A camara municipal desta cidade. — Em resposta ao officio que Vmcs. me dirigiram em data de 3 do corrente, representando sobre a difficuldade de fazerem-se as figuras de anjos que a planta do cemiterio publico, approvada por este governo, manda collocar nos espaços entre as catacumbas, tenho a declarar-lhes que concedo a autorisação que pedem Vmcs. para alterarem nesta parte a referida planta, substituindo aquelles emblemas por florões.

Portaria — Ao agente da companhia das barcas de vapor, recommendando a expedição de suas ordens para que sejam transportados no vapor *Guanabara* para a corte, o coronel de primeira linha Luiz Antonio Favilla, sua mulher e duas escravas.—Mandou-se passar guia de soccorrimento ao mencionado coronel.

Dita — Ao mesmo, recommendando que faça transportar para a corte, por conta do governo, no vapor *Guanabara* o primeiro sargento do primeiro regimento de cavallaria, Manuel Correa da Costa e o soldado Antonio Jacintho Leodoro e para as Alagoas o soldado desertor do oitavo batalhão de infantaria, Joaquim de Sant'Anna. — Communicou-se ao coronel commandante das armas.

Dita — Ao mesmo, para mandar dar transporte para a côrte por conta do governo no vapor *Guanabara* aos cadetes do 9.º batalhão de infantaria, Pedro de Barros Cavalcanti de Lacerda e Alfredo de Barros Cavalcanti de Lacerda.

EXTERIOR.

LISBOA

23 de novembro de 1854.

A QUESTÃO IBERICA.

Meu charo amigo.—Ha questões melindrosas em que um escriptor se não póde julgar autorisado a fallar em nome do seu partido, mas em que lhe cumpre manifestar leal e francamente a sua opinião. A questão iberica, que parece agitar-se com enthusiasmo na nação vizinha, he daquellas que existe exactamente neste caso. A minha pessoa, tão obscura como he, tem sido citada n'alguns jornaes, e por alguns trechos de artigos teem-me querido inculcar como partidario de uma futura fusão politica entre os dous paizes. Por isso mesmo que pouco avulto nos negocios publicos, mais uma razão me obriga a não consentir que abusem da minha humilde entidade.

Eu sou dos que não acreditam na homogeneidade completa, que se diz existir entre Portugal e Hespanha. Separados politicamente durante muitos seculos, não admira que o caracter dos dous paizes se distancie, e não será difficil descobrir a causa philosophica que determina estas differenças de indole e de costumes. Livres mais cedo do dominio arabe, dirigimos o nosso esforço para a India e para a Africa, emquanto a Hespanha, que acabava de expulsar de Granada o ultimo dos Abencerrages, empenhava com a Europa uma grande luta, e ligando o despotismo politico ao fanatismo religioso, oppunha as invasões do espirito moderno o tremendo tribunal da inquisição. Tambem o tivemos mais tarde entre nós; mas compare-se a historia de um e de outro: contem-se as victimas, e ver-se-ha que era mais o genio da imitação do que o da intolerancia, que filiava entre nós essa horrivel instituição, a que se deve em grande parte, nos tempos modernos, as carnificinas sanguinolentas que desbotam os annaes da liberdade em Hespanha. Nessas eras adevinha-se por factos isolados as diversas tendencias dos dous paizes. Gil Vicente, o grande poéta comico, applacava em Santarem uma revolta contra os christãos novos, invocando o espirito evangelico do christianismo: annos depois, Cervantes e Lopez de Vega, os dous maiores genios de Hespanha, applaudiam com alvoroço a expulsão dos 600 mil mouros, que deixavam entregues á desolação as ferteis campinas, que haviam enriquecido com a sua industria. Os nossos escriptores vinham mal feridos da Africa e da India, e morriam, alguns ao desamparo, com os olhos fitos na cruz porque haviam pelejado, na espada que haviam ennobrecido: nenhum, que me lembre, inscrevia no rotulo das suas obras, como Lopez de Vega, entre os seus primeiros titulos, o ser *familiar do santo-officio*.

Portugal, apezar da inferioridade relativa da sua civilisação, foi mais accessivel sempre ás conquistas do espirito moderno. Em tempos remotos D. Diniz havia suspendido o cutello sobre a cabeça dos templarios: era a realeza oppondo-se nobremente á reacção: em éras recentes fomos nós que demos o signal para a distruição da companhia de Jesus: era a realeza tambem de instincto, ou de sciencia certa que dava o signal contra o dominio theocratico, que ameaçava opprimir a Europa.

Para que a indole dos dous povos fosse inteiramente identica, faltou-nos e não lamentamos essa falta, a mão de Philippe II para assimilar inteiramente os nossos destinos. Pôz na cabeça a corôa de Portugal, he verdade, mas foi necessario arranca-la dos braços dos heroicos populares, que combateram com o prior do Crato. Os nobres poderam ir beijar a mão que os havia corrompido: o povo guardou intacta a sua fé, até ao cerco de Elvas, até á batalha de Montes-Claros.

Foi menos o espirito da independencia, do que a antipathia de caracter entre os dous povos, que tornou tão rapido o seu dominio. Sessenta annos, isto he, a vida media de duas gerações, bastariam para absorver inteiramente Portugal, e apagar todo o rasto da sua nacionalidade, se por ventura fossem identicas as suas aspirações e a sua indole. 1640 não se explica pela ambição de um principe, e pelo descontentamento de alguns fidalgos: 1640 exprime eloquentemente a antinomia social entre Portugal e Hespanha. A revolução achou echo em todo o territorio. Na India e na America mesmo o estandarte das quinas fluctuou rapida e como contagiosamente.

Exaggerados e mal dirigidos, o zelo religioso e o heroismo hespanhol, produziram a inquisição e o despotismo. O povo aceitava e sympathisava com o fanatismo de Philippe II. Depondo a espada com que vencera o crescente, o seu amor pela cruz, elevou-se até a ferocidade. Se o rei assistia impassivel aos *autos de fé*, o povo não desfilava tambem os olhos das victimas que se estorciam nos arrancos da agonia.

« O catholicismo, diz um moderno escriptor, deixou o seu rasto na Peninsula, em cada momento da sua duração: e como elle foi na media idade um elemento de liberdade, e desde o XVI seculo um elemento de reacção imprimio esse duplo caracter na alma do hespanhol. Ha dous homens em cada hespanhol; um independente da época das communas, e um vassallo fabricado por Philippe II: deste mixto de independencia e de obediencia nascem essas contradicções que nos admiram. O mesmo homem que ainda hontem estava ancioso de respeito, existe agora ancioso de obediencia, para não dizer de servidão. Acreditae que he inconsequente, que renega o seu caracter. Não o podemos accusar disso; elle consubstancia em si duas pessoas, duas épocas, a idade média e a reacção do seculo XVI; o equilibrio do mundo moderno não se completou na sua entidade. »

He exactamente por eu acreditar que em Portugal existe melhor fundado esse equilibrio, que eu não acolho com tanto enthusiasmo a idéa iberica. Cotejem-se passo a passo os acontecimentos e ver-se-ha se me engano. O espirito publico entre nós auxilia todas as evoluções da civilisação e da liberdade. Em Hespanha fuzilam-se os frades, e elles apparecem depois engrandecidos pelo martyrio. Em Portugal expulsam-se dos conventos e nunca mais um habito ousou affrontar-nos a vista. A tolerancia não he só um principio sacrosanto, he uma prova de energia e de força para os partidos vencedores. A Hespanha receia um levantamento carlista: Portugal, deixando ao partido retrogrado o uso de todas as garantias liberaes, não tem a temer que esse partido conquiste nunca o poder que perdeu. A idéa de Philippe II injectada pelas tradições nos partidos, transparece, a cada passo, nos actos da vida politica. Moderados, carlistas e até o antigo partido progressista, que felizmente se transforma agora, todos pódem por em exposição os martyres que mutuamente sacrificaram ás suas desvairadas paixões. Em Portugal o partido exaltado miguelista, que o havia tambem mais cordato, e que deplorava os seus excessos, cahio sobretudo por se tornar perseguidor. O horror ao sangue que o christianismo e a philosophia moderna, que delle se deriva, tão altamente proclamam, como um preceito sublime, he entre nós, podemos dize-lo com orgulho, um sentimento nacional. Existe escripto no coração, antes de se haver imposto ao espirito como o primeiro dever do homem civilisado.

De todas estas reflexões soltas, qual he o pensamento que eu extraio, como conclusão logica e impreterivel? Um só, simples e conciso. He que existimos ainda mui verdes para uma completa fusão politica: he que precisamos deixar ao tempo, ao progresso das idéas, aos melhoramentos da civilisação, o cuidado de identificar os nossos destinos.

Mas a união politica he uma questão complexa e immensa. Para a realisar hão de entrar de novo em luta os dogmas que dividem os partidos. O *iberismo* pode comprehender todos os matizes das opiniões desde o absolutismo até á republica. He duplamente perigoso então entoar *toats* a uma idéa, que abrange em si talvez longos annos de discordias, e de irremediaveis conflictos.

Para que havemos de apressar a solução de um problema, que o futuro melhor poderá resolver, em beneficio commum dos dous paizes? He o desenvolvimento da civilisação que tem de aproximar inevitavelmente a identificação das duas nacionalidades. Portugal e Hespanha encontrar-se-hão por interesses e por principios, unidos, sem o haverem presentido. Quanto mais Hespanha moralmente se modificar pelo influxo das doutrinas humanitarias, quanto mais Portugal progredir pela evolução dos progressos economicos, mais facil se tornará essa encorporação, que hoje seria fatal, porque encontraria no espirito publico invenciveis repugnancias.

Eu dasadoro profundamente o alvitre dos que pretendem obter esse grandioso resultado, por matrimonios de principes, e por subversão de dynastias. He fazer recuar a politica até aos tempos de Luiz XIV, e tentar substituir as intrigas de uma diplomacia tacanha, ao rasgado movimento das causas philosophicas que sós explicam as revoluções da sociedade. Portugal vendo reinar na Peninsula um rei portuguez, não se julgaria por isso nobilitado na sua pessoa. Os reis podem apresentar o seu principio, mas não consubstanciam de certo as aspirações de um povo. A união iberica operada por um enlace conjugal, não me parece só uma idéa absurda, creio que he uma idéa *fossil* e ridicula. Outr'ora poderia forçar-se um penhor serio de alliança: hoje seria apenas um acto puramente physiologico, que nada tem que ver com os altos interesses de uma politica elevada e sisuda.

Quanto a mim, o *iberismo* não pode assumir, de futuro, senão uma forma—o da republica federativa. Todas as tentativas fora desta idéa serão ou tentativas baldadas, ou fecunda semente de lutas fratricidas. Independencia administrativa de cada estado, e a nacionalidade peninsular fortemente constituida pelo regimen da centralisação politica, he só a evolução que ha de salvar inteiramente a Hespanha do stigma, que lhe imprimio a realeza de Philippe II, e dos seus successores, e congraçar o espirito liberal da idade media com as verdades da civilisação moderna.

Mas nós somos solidarios com a Europa: he em vista das modificações que podem nella acontecer, que devemos apressar ou retardar o momento da nossa união. Poderosos, e, podemos dizer, invenciveis na resistencia, não nos cumpre entretanto tomar iniciativas que perturbariam a paz, e fariam correr o sangue, sem proximas vantagens para o triumpho da causa democratica.

A minha idéa, he por conseguinte, a de um addiamento mais ou menos prolongado segundo as circumstancias. Mas os fogosos sectarios do *iberismo* não a hão de aceitar facilmente: querem obter o fim, sem lhe importarem os meios: querem a Peninsula unida, pondo como questão secundaria a forma da encorporação.

A idéa e a forma aqui identificam-se. A união iberica sem federação democratica pode tornar-se um facto, mas ha de ser um facto desastroso para ambos os paizes.

Estas convicções que aqui exprimo não são novas em mim. Manifestei-as ha quatro annos n'um jantar, a que me convidara um personagem hespanhol, que he hoje em Madrid um dos mais strenuos propagadores do *iberismo*.

Julgo prematuras, e o que he mais, inuteis estas explosões. A união material e economica hão de consegui-la os *caminhos de ferro*: a união moral e politica os acontecimentos que terão de transformar a Europa.

Lopes de Mendouça,

Uma carta de Francfort de 9 de novembro exprime-se nestes termos:

« Podemos annunciar por boa via que as relações actuaes entre a Austria e a Prussia, entram em uma nova phrase, provavelmente feliz para a Alemanha. He quasi fóra de duvida que estas duas potencias chegaram a um accordo. A Prussia tem contribuido para isso, fazendo concessões importantes. No dia 30 de outubro expedio-se de Berlim a Vienna uma resposta ao despacho austriaco de 22 que justifica plenamente estas esperanças. Assenta na sua parte principal cinco pontos que resumidos cifram-se no seguinte:—em primeiro lugar a Prussia acquiesce aos quatro artigos das garantias exigidas á Russia; porem, em segundo lugar põe por condição que a Austria não irá alem daquelles quatro pontos, qualquer que seja o desfecho da guerra actual; em terceiro lugar menciona-se uma proposta commum, que apresentada á Dieta germanica pela Austria e a Prussia, afim de convidar a confederação a aceitar as quatro garantias; então a confederação, a Austria e a Prussia declararão ao gabinete de S. Petersburgo que he necessaria a aceitação dessas bases para o restabelecimento de uma paz solida e duradoura na Europa; em quarto lugar a confederação germanica e a Prussia promettem soccorrer a Austria, não só no caso de ser atacada no seu proprio territorio, mas tambem no caso de ser atacada nos principados; por ultimo, e em quinto lugar, trata-se das disposições preparatorias que deverá tomar a commissão militar da Dieta para firmar estas deliberações com a força e efficacia convenientes. Podemos assegurar que o conde Buol, ministro dos negocios estrangeiros austriaco, acolheu estas propostas da Prussia com muita satisfação, tendo já dado resposta á Prussia neste sentido.

Para que isto melhor se entenda transcrevemos o despacho austriaco de 23 de outubro, dirigido ao ministro da mesma nação na corte de Berlim; e que he uma resposta a nota do gabinete prussiano do dia 13:

« O gabinete real não fez mais do que satisfazer os nossos proprios desejos, quando, como observa em seu despacho do dia 13, examina o conjuncto de nossas communicações do 1. de outubro. Podemos provocar esse exame com a segurança de que os seus resultados, ainda que de grandes consequencias para todas as partes interessadas, não dariam motivo a que se attribuissem a nossa maneira de obrar as causas de uma separação, que apenas nos resolveriamos a considerar possivel.

« Estivemos sempre mui longe de querer restringir de modo algum o direito da Prussia para decidir livremente e por si mesma ácerca dos actos, que nós mesmos consignamos de maneira independente. Tanto no convenio de abril, como em as negociações que precederam, reservamos a liberdade de tomar medidas independentes, e de obrar segundo as circumstancias, com tanto que estas fossem conforme com os principios do mencionado convenio.

« Para que se diz, pois, com tanta insistencia, que nós procedemos independentes, quando este modo de obrar estava sufficientemente motivado? Porque se não ha de dizer que nós procedemos sempre vigorosa e consequentemente com os principios do tratado, e afim de assegurar a realisação do assumpto que se tinha em vista?—O convenio com a Porta era a condição previa e necessaria do cumprimento do artigo supplementar de 20 de abril; a nossa attitude agora nos principados he consequencia igualmente necessaria.

« Quando se celebrou o tratado de alliança offensiva e defensiva, a Prussia pedio-nos que nos obrigassemos a não cooperar com os adversarios da Russia, se esta potencia recusasse evacuar os principados. Neste caso, as operações naquelles não teriam por objecto exclusivo proteger os interesses alemães. Para que era, pois, estabelecer essa condição impossivel? — Se havemos de manifestar a impressão que em geral nos causaram as ultimas declarações da Prussia, diremos que entre ella e nós achamos antes uma particular maneira de comprehender os factos, do que uma differença de principios, ou uma divergencia no modo de comprehender os direitos e deveres resultantes do tratado de abril. Os factos foram considerados pelo governo prussiano de modo distincto do que nós os entendemos; e he nessa circumstancia mesmo que nós fundamos a esperança de um proximo accordo.

« O gabinete prussiano parece dar á retirada do exercito russo dos principados uma significação politica, que não podemos admittir. Alem disso, o gabinete de Berlim vê na declaração da Russia, de limitar-se a defensiva, uma garantia que nós não achamos. Por outra parte nada tem de assustador para elle a reunião das melhores tropas da Russia na Polonia, ao passo que nós a reputamos como uma das mais graves ameaças.

« Cada dia se desembaraça mais a situação e se aclara tal qual he, por isso não nos resta mais do que exprimir de novo a nossa confiança na certeza, que por vezes repetidas nos foi dada, de que sua magestade o rei da Prussia comprehende os deveres que lhe impõe em todas as eventualidades a sua sollicitude por firmar a segurança da Alemanha na parte de leste.

« Como sempre havemos feito, damos hoje a maior importancia a uma attitude commum por parte da Prussia e da Austria, perante a Dieta. Com a maior perseverança nos temos esforçado em manter-nos n'uma linha de procedimento em que deveriam achar-se tambem comnosco a Prussia e os demais estados alemães.

« No assumpto de Holstein a que se refere o gabinete real, successos extraordinarios impediram a Prussia de observar strictamente semelhante procedimento; será pois precisa consequencia do exito do assumpto reconhecer o quanto he inapreciavel para toda a Allemanha a união da Austria e da Prussia.

« No actual estado das cousas, julgamos poder propor tambem á Prussia cooperarmos para que seja completamente uniforme a acção dos representantes das duas potencias na Dieta germanica.

« Para este effeito, vos communicamos, Srs. ministros, as instrucções provisorias que redigimos para o embaixador imperial junto á Dieta, autorisando-vos para communica-las confidencialmente ao Sr. barão de Manteuffel, accrescentando que não faremos uso deste documento em quanto o gabinete prussiano não se explicar para comnosco.

« V. Ex. se servirá remmetter copia deste despacho ao Sr. ministro presidente. Aceitai os testemunhos etc. — (Assignado) *De Buol.* »

Escrevem de Leipsick: — « Muito se tem fallado nestes ultimos tempos das vantagens agricolas e commerciaes da navegação do Danubio, assim como dos serviços que poderia prestar a Austria em caso de guerra com o Oriente. Julgar-se-ha disto por um estudo rapido dos recursos de que dispõe a companhia que obteve o privilegio dessa navegação.

« A companhia danubiana possuia em 31 de dezembro de 1853 trinta e sete vapores para passageiros, 17 ditos para mercadorias, 18 ditos de reboque, ao todo 72 embarcações com a força de 8.626 cavallos, o que, da termo médio, 120 cavallos por barco: os grandes para passageiros tem machinas da força de 150 cavallos. Actualmente ascende o numero de barcos a 85, e a sua força média não se alterou de modo sensivel. O material da companhia se augmentará de anno para anno.

« Os barcos de passageiros não são todos da mesma dimensão; pela maior parte são dispostos como os Americanos, tem um dormitorio em baixo, e por cima salas fechadas e cobertas; poderiam conduzir até 1.200 homens de infantaria; porem, os outros, que formam o maior numero, não levarão mais de 600 cada um. Afora os vapores, a companhia possue 152 lanchões de ferro, e uma barca de 120 toneladas. Cada lanchão poderia levar 500 homens.

« Se todo o material da companhia se reunisse e carregasse de tropas de infantaria, poderia conduzir 110:000 homens. Os lanchões são tambem appropriados para transporte de cavallos, bagagens, e mais trem que acompanham um exercito.

« O material fluctuante da companhia não he o unico recurso que ministrará, dado o caso de ser preciso. Excepto o fabrico da polvora, não ha trabalho de artilharia ou de engenheiros, que as suas officinas não possam fornecer com abastança, e daria todo o necessario para a construcção de uma esquadrilha, destinada a manobrar no Danubio inferior, servindo neste ponto como o melhor arsenal maritimo.

« Estas officinas, ou para melhor dizer, arsenal da companhia, acham-se estabelecidas em frente de Alt-Ofeu, n'uma ilha do Danubio; obra de tres quartos de legua para lá da ponte pensil de Pesth. Comprehende fundição, carpintarias, e cordoarias, o mais completo que se podem desejar; os estaleiros e docas estão sempre no estado mais perfeito; os utensilios são excellentes, a organisação optima; os operarios, vindos de toda a parte da Europa, acham-se mui exercitados e passam de mil.

« Os precedentes dados bastarão para mostrar a importancia da cooperação que a companhia imperial e real do Danubio pode prestar ás operações militares. Esta companhia estabeleceu-se em virtude de um privilegio exclusivo concedido pelo imperador e assim se mantem. Tanto pela composição do seu pessoal, como pelas condições da sua existencia nas mãos do governo austriaco, acha-se em estado de servir actualmente no caso de guerra. »

Segundo as ultimas participações de Varna, as tropas tunesinas commandadas por Gussin-bey, dirigiram-se para Sebastopol em 12 vapores, 8 de Tunis e 4 Turcos.

Em Vienna fallava-se em que brevemente tomaria conta da pasta dos negocios da fazenda Mr. Banganer, homem que por seus reconhecidos talentos e muita energia inspira grande confiança.

Eis a felicitação que em nome da rainha Victoria dirigio o governo inglez ao exercito da Criméa.

« Ministerio da guerra 10 de outubro. Mylord; O major lord Burhersh chegou aqui no dia 8 do corrente de manhãa cedo, e entregou-me o officio de V. S. datado de 23 de setembro ultimo, em que communica as particularidades da importante e gloriosa victoria alcançada nas margens do Alma, e de que ja estava prevenido pelo vosso despacho telegraphico, recebido do 1.º do corrente.

« Apressei-me a transmittir logo a S. M. a narração interessante e bem escripta desta grande batalha; e compraz-me levar hoje ao conhecimento de V. S. quão dignamente aprecia o serviço que haveis prestado á Inglaterra, assim como á causa dos alliados, e quanto lhe apraz tambem applaudir o brilhante valor das tropas que commandais, a sua disciplina que faria honra até a soldados veteranos, e a sua irresistivel intrepidez.

« Ordena-me a rainha que transmitta por V. S. os elogios de S. M. e os agradecimentos da sua parte ao tenente-general sir George Brown, aos mais tenentes-generaes, e a todos os officiaes, sargentos, e soldados do exercito, que nessas circumstancias fizeram reviver as recordações das antigas glorias dos exercitos inglezes, e accrescentaram novo esplendor á reputação militar da Inglaterra.

« S. M. se contempla ainda mais satisfeita ao reconhecer a nobre ousadia dos seus soldados, e associar-se de todo o seu coração á sua victoria, notando que este valor foi desenvolvido e estes triumphos se ganharam a par das tropas d'uma nação, cujo valor em épocas precedentes tem causado assombro no campo da batalha; e que pela primeira vez agora se assignalou na briosa emulação de uma intima confraternidade de armas. S. M. confia que o sangue das duas nações em tanta copia derramado na batalha do Alma, desgraça que S. M. e o seu povo deploram profundamente, poderá cimentar uma alliança que durará para felicidade das gerações futuras, que em razão das consequencias e do glorioso esplendor da victoria, bem dirão com reconhecimento a memoria deste campo de batalha.

« Nos limites de um officio V. S. encerrou todas as circumstancias que são necessarias para fazer comprehender o plano de operações formado pelo marechal St. Arnaud e por vós, e o modo porque a pericia dos officiaes e o valor dos soldados dos exercitos alliados executaram esse plano.

« Guardais silencio sobre um ponto, isto he, sobre o brilhante serviço que tendes feito. Sem embargo disso, chegou por outra via ao conhecimento de S. M., que está bem convencida de que, se o seu exercito se tornou digno de sua antiga nomeada, o seu chefe se mostrou capaz de sustenta-la, e comprovou a profecia, escripta ha quarenta annos por aquelle de quem aprendestes a arte da guerra, cuja perda ainda deploramos; profecia que annunciava que algum dia darieis honra á vossa patria.

« Recebi de S. M. ordem de exprimir a V. S a sincera dor que teve ao ler a extensa lista dos officiaes e soldados que foram mortos ou feridos nesta acção memoravel. Semelhante victoria não póde obter-se senão á custa de graves perdas, e ha motivos para crer que nenhuma outra disposição das nossas tropas teria evitado tal sacrificio e ao mesmo tempo teria conseguido um resultado que dê lugar a esperar-se que não haja de futuro igual effusão de sangue.

« S. M. espera que aquelles de seus subditos, a quem a perda de seus parentes ou amigos submergio no luto, se consolarão pensando que os que não viveram para assistir ao triumpho dos seus camaradas pereceram em defeza de uma causa justa, e que os seus nomes serão inscriptos nos annaes da gloria do seu paiz. S. M. desejaria continuar a receber participações de V. S., destinadas a acalmar as inquietações affectuosas dos amigos dos feridos; e espera que grande numero destes valentes poderão em breve tempo voltar ás fileiras do exercito e desfructar com a paz futura as honras devidas a sua valentia.

« A paciencia com que os officiaes dos regimentos e os soldados supportam sem murmurar as privações extraordinarias a que se teem visto expostos desde o desembarque na Criméa, mereceu a ardente sympathia e a approvação de S. M. Os soffrimentos que as enfermidades já lhes tinham causado poderiam desfallecer tropas menos valorosas; porém, serviram para demonstrar ainda mais que quando sôa a hora do cambate, os nossos soldados só se lembram do cumprimento dos seus deveres.

« A maneira affectuosa por que V. S. reconhece os serviços prestados por sir Edmund Lyons e pelos officiaes e marinheiros da marinha real, será apreciado como estes valentes merecem. Privados da occasião de mostrar a sua bizarria contra uma esquadra que se recusa sahir ao mar, apoiaram com todas as suas forças as operações do exercito, e o seu galhardo proceder no campo de batalha, onde minoraram os padecimentos dos feridos, e cumpriram o derradeiro dever para com os mortos, será sempre para elles um titulo honorifico, que estreitará cada vez mais os laços que ligam os exercitos de mar e de terra.

« Tenho a honra, etc. — Ao general lord Raglan. —(Assignado.) *Newcastle.* »

(*Revolução de Setembro.*)

Diz o *Jornal do Commercio*, de Lisboa, que um periodico extrahe de obra de Mr. Louis Dussieux, intitulada *Força e fraqueza da Russia*, os seguintes promenores ácerca do governo e administração do imperio russo:

« O governo da Russia he a monarchia despotica. O imperador tem o titulo de Samodenjetz, que significa autocrata. A sua autoridade he illimitada, a sua vontade omnipotente. A corôa he hereditaria na linha masculina, segundo a ordem de primogenitura: só dado o caso de completa extincção da linha varonil, he que as mulheres são chamadas á successão. (Estas disposições de Paulo I. foram confirmadas pelos ukases de 1807, 1820, e 1826). O imperador deve pertencer ao culto catholico orthodoxo, e he o chefe da igreja grego-russa.

Tres grandes conselhos, cujos membros são nomeados pelo imperador, o ajudam no exercicio do poder:

O conselho do imperio (poder legislativo);
O senado (poder judicial);
O santo synodo (poder ecclesiastico);

Doze ministros, constituindo um conselho, são os agentes do poder executivo.

O conselho do imperio, cuja actual organisação data de 1810, divide-se em 5 secções, a saber: legislativa, militar ou da guerra, dos negocios civis e ecclesiasticos, economia politica, negocios da Polonia. As principaes attribuições deste conselho são: —a discussão e redacção das leis e decretos, a interpretação textual das leis, para reformar as sentenças dos tribunaes; a approvação do orçamento da receita e despeza, os negocios diplomaticos, os tratados, a rescisão dos relatorios anormaes dos ministros etc.

O senado, que, por muito tempo foi a primeira corporação do estado, e que, apparentemente, ainda hoje o he (posto que o conselho do imperio goze effectivamente dessa honra), foi creado em 1711, e investido n'uma grande autoridade. Hoje he um tribunal supremo, politico e civil; vela na execução das leis, e julga em instancia os negocios contenciosos criminaes e civis; vigia o proceder de todos os funccionarios no exercicio dos seus cargos, incluindo os ministros, e compete-lhe julgar os que são processados. Como o nosso tribunal de contas, tem direito de inspeccionar sobre a arrecadação dos impostos, e sobre as despezas. O senado divide-se em nove secções, ou tribunaes, que residem em S. Petersburgo e em Moscou.

A administração na Russia está muito longe de ser uniforme, apezar dos energicos esforços que o governo tem feito para a centralisar completamente. Na Livonia, na Esthonia, existem deputações provinciaes; na Corlandia, a nobreza ainda se reune em assembléa; a Finlandia goza de uma administração especial, e em parte, he regida pelas suas antigas leis. A administração da Polonia, he separada da do imperio. No entretanto, os esforços para uniformisar a administração das diversas provincias, vão diariamente produzindo os seus resultados. Os privilegios da Bessarabia, e os dos Cossacos acabaram ainda ha pouco, e o mesmo succederá por certo as demais provincias.

A Russia divide-se administrativamente em governos, e estes subdividem-se em districtos ou circulos. O governador tem a seu cargo a gerencia civil, e impera sobre as autoridades do governo. Um coronel de gendarmeria, chefe da policia, dependente do ministro, e não do governador, está adjunto a cada governo.

Em geral, os empregados russos são apegados as formalidades, caturras, insolentes, e cubiçosos; estes defeitos prejudicam muito a administração do paiz, e paralysam até os bons desejos do governo.

Em cada cabeça de governo existe um tribunal superior de justiça, dividido em duas secções, civil e criminal; das suas sentenças cabe appellação para o senado. Cada districto tem um tribunal de districto, ou de primeira instancia, dividido tambem em duas secções, uma civil, outra criminal. Apezar da boa vontade do governo, a justiça he mal administrada; a falta de publicidade, a incrivel venalidade dos juizes, a sua ignorancia, e confusão da legislação, são as causas desse deploravel estado da administração da justiça, que a omnipotente vontade do czar ainda não pode remediar.

Na Russia não ha codigos: porém, ha annos publica-se, por ordem do imperador Nicoláo, uma collecção de leis antigas e modernas, especie de Digesto, em 50 volumes, em 4.º, contendo 50,000 ukases, e que ainda continua a publicar-se.

A pena de morte não existe na Russia, segundo dizem, desde o seculo 18.º; o supplicio do knoutt, dizem os escriptores russos, he hoje apenas um espantalho. A unica pena para os crimes graves, he o degredo para a Siberia.

Foi em 1822, que o governador da Siberia, conde Spevonski, reorganisou o systema geral de deportação: desde essa época, as colonias penaes teem adquirido um grande desenvolvimento, e um certo grão de perfeição. Os condemnados quando chegam á Siberia, são divididos em cinco classes. Os grandes criminosos, condemnados a trabalhos forçados nas minas, mas nunca perpetuamente; ao cabo de 20 annos, o condemnado ás minas, fica livre, e he colono. Outros operarios trabalham pelo espaço de seis annos, em toda a qualidade de trabalho, e ficam livres depois. Os da terceira classe servem 8 annos, como criados de servir. Os da quarta, os lavradores empregam-se em arrotear a Siberia; devem ser casados; o governo fornece-lhes os necessarios adiantamentos para se estabelecerem. Concluida a pena, são tratados como colonos da corôa, bem como todos os deportados depois de livres. A quinta classe, a dos invalidos, composta de enfermos e velhos, está espalhada pelas communas, onde se empregam em varios misteres. Em 1840, segundo Tchihat-Choff havia 134,630 colonos, e uma grande quantidade de deportados, não computados. Haxthausen avalia em 10,000 o termo medio annual dos deportados (periodico de 1822 a 1832), e Mr. Demidoff em 15,000 a 20,000, sem determinar época. »

(*Imprensa e Lei.*)

INTERIOR.

RIO DE JANEIRO.

Duas palavras.

Sobre a navegação do rio Amazonas, a proposito da obra do Sr. Pedro de Angelis, publicada em Montevidéo e intitulada

De la navigation de l'Amazone.

I.

A navegação do Amazonas tem, nestes ultimos tres annos, attrahido a attenção dos homens de estado de todos os paizes; começou a ser agitada pela imprensa dos Estados-Unidos da America do Norte; passou a Europa, e ha ahi sido tratada mais ou menos desenvolvidamente em differentes periodicos: as republicas da America do Sul a teem apresentado sob o aspecto mais favoravel aos seus interesses e pretenções: e o Brasil, a quem mais de perto ella affecta, he infelizmente a ultima nação que tem procurado esclarece-la e popularisa-la.!

He tempo, he tempo de chamar o estudo do nosso povo para questões como esta, que importam o presente do paiz, decidem mesmo do seu futuro.

Que proporções tem ella tomado! — Como a encaram diversamente, segundo os interesses de cada um! — Como a exageração de uns arrastra a exageração dos outros! — Como a verdade e os principios perdem-se nesse labyrintho de asserções e pretenções extravagantes! E não he esta a verdadeira politica do paiz; a politica que tem creado as circumstancias, e os factos que se tem dado entre nós? Diremos duas palavras no intuito unicamente de incitar a discussão pela imprensa brasileira, e de provoca-la para um debate serio, que sirva ao direito e aos interesses do paiz.

Foi durante o ministerio de 29 de setembro de 1848 que o governo brasileiro lançou vistas sobre o Amazonas, e conheceu a immensa riqueza que se escondia para o commercio e para a navegação nesses fertilissimos valles banhados pelo rei dos rios e por seus innumeraveis tributarios.

O Brasil possue ambas as suas margens inferiores: Venezuela, Equador, Nova Granada, Perú e Bolivia occupam suas margens superiores ou as de seus tributarios: todavia a maior extensão de seu curso he em territorio brasileiro; os mais importantes de seus tributarios são brasileiros; as nascentes do Tapajoz, do Xingú, do Tocantins, do Trombetas sahem do solo brasileiro.

Semelhante e um altanoso cedro, suas ramificações são tanto mais vigorosas e robustas, quanto mais proximas do tronco.

O ministerio que naquelle época se achava á tes-

FOLHETIM.

O PARAIZO DAS MULHERES. (*)

Por Paulo Feval.

PROLOGO.

O PHAROL.

CAPITULO DECIMO.

ONDE NADA CUSTA.

(Continuação.)

Havia em torno do salão uma fileira de retratos de familia. Os quadros iguaes de fórma oval eram coroados de nós, que deixavam cahir á direita e á esquerda suas pontas um tanto inteiriçadas. Entre dous rostos masculinos via-se sempre o semblante de uma mulher, assim como a mesa em um jantar bem ordenado, onde os sexos alternam-se symetricamente.

Os vestuarios mudavam; mas os semblantes permaneciam quasi os mesmos. Começavam pelas armas brancas. Rostan, cavalleiro e senhor do Boscq, que estivera na primeira cruzada, estava adiante com sua mulher Yoland de Goulaine; depois vinha Antonio, seu filho, marido de Reine Porhoet, e ligado por ella aos duques soberanos da Bretanha. Depois outros até Antonio III contemporaneo de Bertrand de Guesclin, e cuja mulher Joanna conhecia Tiphaine a Fada. As telas desses antigos retratos estavam denegridos e tinham inscripções prolixas com caracteres encarnados meio apagados.

O Rostan que tinha o trage de Francisco I era já conde. Junto delle estava um quadro vasio, que era uma historia. Anna, condessa de Rostan, tinha ido á côrte de Paris, e o rei a tinha achado bella: os barões da Bretanha não zombam com a honra.

Amado V fez a guerra da Liga nas costas de Mercoeur. Antonio VI agarrou o duque de Chaulnes pela gola na praça do palacio de Rennes, e desafiou o rei-sol Luiz XIV. Antonio VII *entrou na floresta*, assim dizia-se daquelles que conspiraram com o principe de Cellamare contra o regente Felippe de Orleans, e seu filho teve o titulo de marquez.

O ultimo Amado acompanhou o conde de Provença ao desterro, e foi seu enviado junto do imperador da Austria. A marqueza viuva, cujos funeraes celebravam-se tão alegremente era sua mulher.

Ella estava ahi em seu quadro oval, cujo dourado parecia novo em comparação dos dourados mais antigos apagados pela fumaça, trajando esse vestido de seda verde semeado de ramalhetes de que Suzette se appropriára essa noite. Junto della sobre uma mesa estava o famoso chale de casimira da India, que cobria nesse momento as espaduas carnudas de Loison Clanchel.

Ainda não fallámos sufficientemente dessa Loison Clanchel. Mr. Lapierre hesitava entre ella e Suzette. Suzette era mais moça; porém Loison Clanchel tinha com que.

Em seu retrato a marqueza viuva tinha na mão uma rosa, junto dos labios, e os labios da marqueza envergonhavam a rosa.

Todas as outras mulheres desde a marqueza viuva até Yoland tinham igualmente uma rosa. Quanto mais se subia essa escada de datas tanto mais descorados estavam os labios e as rosas, o que prova que desde os tempos barbaros os retratistas faziam o que podiam.

Todas as rosas estavam direitas sobre as hasteas, e todas as avós tinham a cabeça alta, o sorriso calmo e a fronte serena. Reconheciam-se nellas as dignas espesas desses soldados que estavam, desde o primeiro até ao ultimo, apoiados nos copos trigueiros da espada.

O salão era grande e tinha quatro janellas gothicas, que davam para o pateo da honra. O forro das paredes pintado no começo do seculo realçava suas molduras com largos fios de ouro, que se cruzavam na altura de um homem, e iam rodear os escudos de alliança de cobre esmaltado suspensos sobre cada retrato. O forro do tecto offerecia um fundo de azul, e supportava tres grandes lustros de bugias, que se reflectiam no assoalho de miolo de carvalho unido e liso como um espelho.

O salão de Maurepar tinha visto todos esses illustres casamentos, em que tinha entrado toda a nobreza da Bretanha. Rostan tinha casado mais de uma vez suas filhas com os filhos de sangue ducal. Rostan era primo de Rieux, de Rohan, de Avaugour, de Dreux, de Chateaubriand e de la Houssaye.

Tinha ouvido graves e galantes poesias, e seus echos nunca tinham repetido senão conversações altivas.

Gritai e dai cambalhotas, patudos! E vós, porcalhonas, deixai ver a roupa suja debaixo da seda mal assentada. He tempo. A defunta que está em cima não póde descer, nem seu retrato póde fallar. Essa galeria muda que vos encara não impedirá vosso divertimento. Agitai-vos; he a primeira vez que esse assoalho vê dansa de sóccos. Escorregai, cahi no meio das gargalhadas, levantai-vos para tornar a cahir. Murros e cabeçadas, beijos e risadas, soluços e juras!

Inclinai-vos quando vier a fadiga, e enchugai o suor com as mangas; as marquezas não faziam isso; mas morreram.

Dai tres rosas ás tres Catiches, que já teem vestidos, e vereis tres retratos animados. Que differença ha entre o capitão de marinha que está nesse quadro, e Loiseau, o da estribaria? He que Loiseau salta e grita, e o conde está seis pés debaixo da terra. Loiseau, o alimpador, tem as calças de seda de um marquez. Que vale semelhante marquez? Loiseau, o alimpador, ainda póde beber.

Oh! a idéa das saturnaes he antiga como o mundo. Nobres damas e grandes senhores, marquezes e marquezas ride um pouco. Vossos guarda-roupas conservados com um respeito piedoso ha seculos estremecem agora para sacudir a poeira antiga. Que mal ha nisso?

Deixai passar os manequins vivos, que fazem o carnaval com vossos despojos. Representastes a grande peça, senhores e senhoras, agora a canalha vai representar a comedia. Mas ouvi! O seculo caminha, e debaixo dessas profanações vê-se a ponta de orelha philosophica. O util mistura-se com o agradavel. Não terieis representado a comedia sem o saber antes da grande peça que começa?

Oh! os patifes tratavam de commercio dansando a Sapateira.

— Que tens, meu Loiseau!

— Cheguei muito tarde... Dous talheres de prata... O copo do marquez... não sei quantos lenções... E tu, minha Catiche, que tiveste?

— Os casticaes da alcova, os saleiros, alfaias, e poucos escudos.

— Queres misturar?

— Não tens bastante, meu Loiseau.

— Caso comtigo, minha Catiche.

— Nieuil teve mais.

Nieuil havia tido um montão de cassarolas, casacas bordadas, o grande vaso de prata e a caldeirinha de agua benta da marqueza.

Loupin tivera mais que Nieuil, e Loiseau, o alimpador, mais do que Loupin. Nada custava.

Mas Mr. Lapierre tinha obrado grandemente. Só Suzette e Luiza Clanchel podiam pretender essa alta alliança. Suzette occultava no fundo da boceta de tartaruga embutida brincos de orelhas de diamantes, e Luiza Clanchel, alem dos productos que lhe tocaram na partilha, tinha posto em lugar de segurança um alforge cheio destinado ás despezas de cada dia. Mr. Lapierre procurava meio de casar com ambas.

Era uma feira de casamentos. Todos podem casar-se logo que tem posto honestamente de parte alguma cousa para matar a fome. Tal he a regra pregada pelos espiritos prudentes.

Quanto ao perigo que cada um podia correr por causa desses furtos pessoaes e da pilhagem geral, ninguem pensava nisso. O senhor legitimo desses bens era um proscripto, e a lei protegia indirectamente os saqueadores. Havia Magdalena e Victoria; mas Rostan estava em cima e não se queixava. Era uma presa abandonada: os restos de um navio desamparado, que as ondas lançam sobre a praia, pertencem a quem primeiro chega.

Sem duvida muitos clamariam contra esse escandalo; mas só por inveja.

Todavia que faziam no andar superior o grande Rostan e a Morgatte? Que fazia João Touril que entrára ás dez horas da noite occultamente. Algum Loiseau, e mais de uma Catiche teriam querido sabê-lo; porém Mr. Lapierre havia proferido este decreto justo:

— Já que elles nos dão a paz aqui, deixemo-los tranquillos lá em cima. E vinho! e cidra! e aguardente! a comezana que torna a começar no meio do baile grotesco, a embriaguez que sóbe para cahir, o psalmo funebre que se obstina, monotono e lugubre entre os estribilhos de taberna, as risadas e os gritos; os ouropeis que se rasgam cada vez mais para mostrar o burel, a seda e o velludo deshonrados nas lutas vis, as rendas convertidas em trapos e arrastadas aos pés, e os sóccos que saltam e faltam, os pares que cahem para não se tornarem a levantar.

E os lustres que brilham sempre; porque não ha uma mão para lançar ao menos o véo da noite sobre essas immundas convulsões.

E o circulo dos senhores que contemplam a casa manchada, impassiveis no fundo de seus quadros pallidos e semelhantes a phantasmas debruçados as janellas do outro mundo, as damas sorrindo e respirando o eterno perfume de sua rosa, os homens pensativos e graves com a mão sobre a espada, que não póde mais vinga-los!...

CAPITULO UNDECIMO.

O QUARTO DE ASTREA.

O pequeno Sulpicio vio esse quadro pelas janellas, que davam para o pateo, porque todas as cortinas haviam sido arrancadas. Sulpicio comprehendia emfim porque o sobrinho do cura tinha fugido, e dizia comsigo: razão de mais para ficar a pé firme junto do leito da defunta. O pastorzinho assim teria feito, se tivesse sido seminarista combatendo a blasphemia com a oração, e respondendo pela supplica ao sacrilegio estupido; mas o sobrinho do cura tivera medo.

Sulpicio não tinha ainda visto tudo. Parou sómente dez minutos no pateo para aguardar o momento de entrar no vestibulo sem ser percebido. Essa occasião não chegou, porque os novos donos do castello iam continuamente do salão para a sala de jantar. Sulpicio desesperou de enganar-lhes a attenção, rodeou a ala direita, saltou o muro, e approximou-se de manso aos geraes.

Todas as portas estavam abertas desse lado, como já dissemos. Sulpicio entrou na cozinha, onde não achou ninguem. Dahi nada era mais facil do que chegar á escada grande.

Sulpicio caminhando de pés descalços para não fazer rumor, chegou ao corredor do primeiro andar. Não se tinha gasto muitas velas; a escada e a galeria estavam mergulhadas em uma profunda escuridão.

Sulpicio, que não conhecia muito bem a distribuição interior do castello, seguio o corredor ao acaso, apalpando as paredes para achar as portas, e applicando o ouvido á fechadura de cada uma.

Mas o rumor que vinha de baixo tornava-o surdo, e elle não via nenhuma luz atravez da fechadura.

Assim chegou até ao fim do corredor, e vendo uma claridade sahir da ultima porta, parou para escutar. Quando ia applicar o ouvido a fechadura, a porta abrio-se repentinamente, e elle mal teve o tempo de encostar-se á parede.

João Touril sahio com uma candeia na mão, e Sulpicio reparou que elle estava mui pallido e violentamente preoccupado. João Touril parecia mais gordo que de ordinario, andava difficilmente como se o ventre e as pernas lhe tivessem inchado subitamente.

— Que endemoninhados! que endemoninhados! resmungou elle applicando o ouvido ao tumulto; por quanto dinheiro teem elles bebido e comido?... A velhaquinha diz que nada lhe importam essas miudezas. Oh! com que se fazem os soldos? com dinheiros... E os francos? com soldos... E os luizes? com os francos... Assim os dinheiros fazem milhões quando são bastantes... Isto he claro!

— Sem contar o que destruiram! continuou elle caminhando pelo corredor com voz triste. Não acho mais nada nos quartos: a ceifa está feita, resta respigar!

Sulpicio o seguia encostando-se sempre á parede. João Touril parou no lumiar de uma das portas que o menino já tinha examinado, poz a mão sobre o botão; mas não abrio-a, e murmurou:

— Quando a tiverem levado...

Sulpicio comprehendeu que era esse o quarto da defunta. João Touril retirou-se com pezar. Havia alli alguma cousa a fazer; mas faltava-lhe a coragem.

Passou ao outro lado do corredor, e empurrou com o pé a porta que ficava em frente do quarto da marqueza. O pastor ficou fóra. Pela abertura da porta, que o curandeiro não quiz fechar, elle vio uma vaste alcova, a qual reconheceu por aquella em que tinha vindo com todos os vassallos de Rostan ajoelhar-se e orar emquanto se dava a extrema unção ao conde de Maurepar, filho da marqueza e pai de Antonio. O cheiro particular que exhalam os quartos muito tempo fechados, chegava até Sulpicio. O quarto estava tal qual elle o vira outr'ora; sómente o bofete estava arrombado, e as gavetas da commoda espalhadas sobre o assoalho coberto de pó.

João Touril poz a candeia sobre a commoda vasia, e disse pallido de indignação:

— Isso he uma enormidade; se eu fosse a velhaquinha ou esse tolo de Rostan desceria e faria calar esses miseraveis... Que fazem Rostan e Astrea desde tanto tempo?

Dizendo isso, o curandeiro meneou a cabeça com ar de máo humor.

Era isso precisamente o que Sulpicio queria saber. Tinha entrado no castello para achar Astrea e o grande Rostan, e seguia o curandeiro esperando que este o conduziria mui naturalmente ao retiro dos dous complices.

O pastor estava certo de que se preparava um crime, e só receiava que a Morgatte e Rostan tivessem já sahido do castello.

Mas porque não estava João Touril com a Morgatte e Rostan? O curandeiro trabalhava. Sulpicio vio-o arrancar um pedaço de cortina, e servir-se delle para ajuntar os restos de toda a sorte que juncavam o chão do quarto.

— Essas pestes nem mesmo sabem seu officio, resmungou elle abaixando-se a cada instante; ha ainda aqui muitas cousas boas!

Apanhava argolas de cortinas, placas, chaves, pregos, cordões, pedaços de franjas de galão sujo etc., fazia um montão de tudo e trabalhava de tal maneira, que tirou o lenço de listras para enchugar o suor da fronte.

Depois de ter feito conscienciosamente sua escolha, quiz carregar as algibeiras, mas as algibeiras estavam já cheias, e eis porque o pastor o tinha achado mais gordo que de ordinario. Os bolsos da casaca, do collete e das calças transbordavam. Seu embaraço era visivel. Elle tinha o desespero dos gulosos, que devoraram sem medida, e cujo estomago já está saturado. Onde metter os assados e a sobremesa?

Juvenal ensina diversos meios praticados em seu tempo, todos fundados no principio de que convem eliminar o antigo antes de alojar o novo. João Touril esvasiou os bolsos para ver se não haviam alguns objectos, que devessem ser sacrificados em sua precedente pilhagem. Seu exame foi imparcial e severo; todavia reembolsou tudo, e conseguio tambem fazer desapparecer as reliquias postas á parte sobre a commoda. Então lamentou o resto, e lançou um olhar melancolico sobre as cousas sem nome, que cobriam o assoalho.

— Vamos a outro! disse tornando a tomar a candeia. Hei de ir procurar um cesto na cozinha para não perder nada.

Empurrou uma porta interior e desappareceu. Sulpicio hesitava em segui-lo quando ouvindo um leve rumor atrás de si, voltou-se, e vio um raio de luz atravez da fechadura, que ficava-lhe na altura dos olhos. Havia então luz no quarto da defunta.

Sulpicio ouvio fallar, e reconheceu logo a voz do grande Rostan. Astrea não podia estar longe. O pastor tinha emfim chegado ao termo de suas pesquizas.

Abandonou João Touril á sorte de sua colheita nocturna, e deu um salto para o outro lado do corredor. Applicou um olho á fechadura; mas nesse mesmo momento a chave rangeu, deu duas voltas vigorosas, e ficou verticalmente posta impedindo a vista.

Sulpicio applicou o ouvido em lugar do olho, ouvio um rumor confuso, e palavras que se cruzavam; mas não póde perceber nenhuma.

A' direita e á esquerda do quarto funebre outras portas abriam-se para o corredor. Sulpicio tomou a primeira, a qual estava fechada sómente com o ferrolho, e entrou em um quarto completamente escuro. Seus pés embaraçaram-se em uma especie de rede invisivel e elle cahio; mas sem rumor, porque havia um colchão sobre o assoalho. A porta que separava esse quarto do da defunta estava entreaberta. Era por ahi sem duvida que Rostan e a Morgatte tinham entrado.

Pelo augmento do tumulto que subia do andar terreo, Sulpicio adevinhou que o salão ficava immediatamente em baixo de si. Ainda que o colchão salvador tivesse estado no leito, e Sulpicio tivesse cahido no assoalho: sua queda se teria perdido no alarido.

Entretanto um rumor de vozes sahia pela porta entreaberta, e ás vezes um largo raio de luz passava formando no forro do tecto um leque voluvel, e quasi sempre depois renasciam as trevas. Era evidente para Sulpicio que a luz desappareceria de quando em quando atrás das cortinas do leito mortuario.

Elle rezou uma *Ave Maria*, porque o coração batia-lhe, e os terrores dessa aventura eram superiores a sua idade. Entregou a alma a Deos, persignou-se e levantou-se.

O leque luminoso estava no assoalho. Sulpicio pôde vêr que o quarto em que estava tinha soffrido bem como os outros a devastação, apezar de sua terrivel vizinhança. Favorecido pelo motim da orgia, o pastor saltou pannos, lenços e colchões, retendo a respiração e sentindo o peito apertado como em um torno.

Não podemos dizer o que elle esperava vêr; mas o que vio, quando chegou ao lumiar, impressionou-o tão violentamente que cahio de joelhos cobrindo o rosto com as mãos.

(*Continuar-se-ha.*)

(*) Vide o *Diario* n. 8.

ILEGÍVEL

MUTILADO

ta da administração publica começou por destacar a parte interior da provincia do Pará, convertendo-o na nova provincia do Amazonas, creando assim um centro de autoridade e de vida para as populações espalhadas pelas margens do Amazonas; mandou ao Perú, á Bolivia, ao Equador, a Nova Granada e a Venezuela emissarios que convencionassem com aquelles governos sobre a navegação do Amazonas, que a elles e a nós convinha que se regularisasse por mutuas concessões a bem do commercio, da industria e da civilisação, que não se tinham podido ainda internar nesses ermos atirados no centro da America Meridional, que, pelo rio Amazonas e seus tributarios, poderiam communicar-se com o mundo, ligando assim, pelos interesses e pelas relações, povos que alli viviam quasi em perfeito isolamento.

Estava isto no programma politico do ministerio, que depois de haver firmado a ordem publica e prestado grandes serviços quer na organisação interior do paiz, quer nas vistas e nos actos de uma politica externa firme, elevada e generosa, desejando dirigir o espirito publico para o progresso e o desenvolvimento material do solo, e attentando nesses immensos e fertilissimos terrenos que possue o Brasil, nesses productos admiraveis que espontaneamente brotam do seu seio, nesses rios gigantescos que o regam, nas extraordinarias riquezas que elle encerra; reconheceu que era tempo de sahir-se do circulo de discussões puramente politicas para se dar expansão aos elementos de verdadeira grandeza e prosperidade, que os partidos em luta delirante deixavam em abandono.

Havia, sim, alem de interesses commerciaes e industriaes, um grande pensamento politico, mais sem duvida do futuro, do que do presente, que todavia demonstrava a previdencia de verdadeiros estadistas. Um tratado se celebrou effectivamente com o governo peruano em outubro de 1851: uma companhia de vapores se estabeleceu, que da cidade do Pará seguisse regularmente para a povoação de Nauta, no territorio do Perú.

O vapor he o grande elemento moderno da civilisação, e, graças ao governo brasileiro, póde elle atravessar aquellas massas vastissimas de agua e levar a acção e vida a paragens, que ignoravam as immensas riquezas que receberam da natureza.

No entanto lembraram-se alguns Norte-Americanos que deviam querer para si o direito da navegação do Amazonas.

O tenente da marinha americana Herndon nos dá, na sua memoria apresentada em 1853 ao senado dos Estados-Unidos pelo presidente da republica, impressa depois em Washingtsn, e intitulada — *Exploration of the Walley of the Amazone made under directon of the Navy Department*, — as noções mais francas e claras da origem de semelhantes pretenções.

Achava-se em Valparaizo embarcado a bordo da fragata *Vandalia*, quando, em fins de 1850, recebeu uma carta do tenente Maury, superintendente do observatorio nacional, prevenindo-o de que pelo seguinte vapor lhe seriam enviadas ordens para ir explorar o valle do Amazonas.

Com effeito, recebeu do governo americano ordens datadas de 30 de outubro de 1850, para atravessar a Bolivia e o Perú, e descer o rio Amazonas até o oceano.

He curioso ter-se alguns artigos das instrucções que lhe transmittio o governo de Washington:

— « Queria o governo ter informações exactas do valle do Amazonas, da extensão da sua bacia e das suas aguas, bem como de todos os seus tributarios, em relação á navigabilidade delles; do numero, condição industrial e social de seus habitantes; do commercio, producções e clima; da capacidade do terreno para a agricultura, caracter e extensão dos recursos commerciaes a desenvolver, quer em campos, quer em bosques, serras, etc., etc. »

— « Querendo o governo habilitar-se com todas as noções e e esclarecimentos para formar juizo acerca da importancia presente e futura da livre navegação de um paiz, exigia por isso conhecer tambem a condição das minas de prata ou de qualquer outro metal, seu producto, como e por quem trabalhadas, com que instrumentos, e d'onde obtidos e como transportados. »

— « Desejava tambem o governo saber qual o numero e o caracter da população alli existente; que acolhimento receberiam os emigrantes que para la fossem estabelecer-se, e como se poderiam alli fundar povoações. »

— « Precisava tambem o governo saber que producções eram as do solo, de que classe eram os trabalhadores, quanto valia o trabalho diario, e qual o producto de cada acre de terra, e por que preço obtido etc. »

— « Fará o tenente Herndon as observações geographicas e scientificas que possam concorrer para o objecto da expedição; mas considerando-as como accidentaes e não como parte dos objectos principaes della: e apenas chegue ao Pará, embarque na primeira opportunidade para os Estados-Unidos e de tudo informe o governo. »

Ao mesmo tempo, outro tenente Gibbon, que tambem no Chile se achava, recebeu iguaes instrucções. Herndon deveria seguir pelo Perú para entrar no Amazonas. A Gibbon cumpria subir á Bolivia, e de lá procurar os tributarios daquelle rio, e com especialidade o Madeira, para descer suas aguas, e entrar como Herndon no rio Amazonas.

Com effeito, munidos destas instrucções, tomou o tenente Herndon o caminho de Pasco, procurando o rio Hualaga, e por este o Amazonas, ao mesmo tempo que Gibbon seguio o de Bolivia, e procurou descer pelo rio Madeira. Tendo cumprido a sua commissão e voltado aos Estados-Unidos, ahi se entenderam ambos com o tenente Maury, que tratou de publicar um folheto, prodigamente espalhado por toda a União Americana, e que tinha por fim chamar a attenção dos Americanos para a navegação do Amazonas.

He este o primeiro folheto que abrio a discussão, e que já foi traduzido e impresso no Rio de Janeiro, em 1853, com o titulo — *O Amazonas e as Costas Atlanticas da America Meridional* pelo tenente Maury.

A memoria do tenente Herndon, de que acima fallamos, só posteriormente foi publicada.

Desde logo a imprensa dos Estados-Unidos tomou a si a discussão: a attenção daquelle povo especulador, que o amor das riquezas arrasta a toda a parte, foi attrahida para o valle do Amazonas. Não era possivel, na opinião dos jornalistas americanos, encontrar em parte alguma do mundo maior fertilidade do solo, clima mais saudavel e ameno, communicações mais faceis, e um futuro mais esperançoso e minas de prata, de ouro, de toda a especie de metaes, acham-se em abundancia; os rios arrastam diamantes e pedras preciosas; só falta o homem, porém o homem americano, o Iankee com o seu machado, o seu arado, a sua carabina e as suas machinas industriaes.

Para o americano dos Estados-Unidos o *homem*, a *humanidade* he o Iankee, e só o Iankee. Elle unicamente he o homem pratico, do trabalho, do progresso, da industria, do commercio e da civilisação; o Iankee não se apega ao solo em que nasceu, á terra em que repousam os ossos de seus pais; á casa em que nasceu seu filho, á arvore que plantou, á cabana que edificou, á igreja em que foi baptisado, á escola em que recebeu a educação: não. Tenha embora a raça latina esses sentimentos. O Iankee, descendente da raça Anglo-Saxonia, requintou as qualidades que tinha na Europa; tornou mais distincta sua physionomia, mais egoistas seus sentimentos, mais activo o seu corpo, mais audaz o seu genio, mais emprehendedora a sua imaginação. O Iankee considera-se o povo do seculo que representa melhor as idéas do trabalho, que são as idéas do seculo.

Tantos trabalhos, tantos perigos correm na California, que em poucos annos mudaram de face, e — alli, ao pé delles, tocando no Orinoco com cabeceiras dos seus tributarios pelo canal Cassiquiare, e quasi descarregando as suas aguas no mar das Antilhas, o Amazonas, com ouro, prata, diamantes, isto he, tudo o que a California possue, e tenta a ambição do homem; com terrenos para o arado, para a foice, e o machado americano; com Indios a fazer desapparecer da superficie do globo ao estouro da carabina Iankee; com todas as seducções, emfim, de um novo Eldorado; como não excitaria semelhante paiz —O auri-sacrafa-mes—dos Americanos, e não os arrastaria logo a mandar para elle emigração, vapores e machinas?

Não nos devemos admirar, portanto, da impressão que causou na União Americana a publicação do escriptos sobre o rio Amazonas: o que se devia esperar de trechos como os seguintes?

« — O platano, dizia Herdon, produz por 50 ou 60 annos successivos; o algodão dá em 6 mezes; o arroz em 5 mezes; o milho em 3; o anil cresce espontaneamente, etc. O pão cresce nas arvores no Brasil; o mel acha-se nos seus bosques. Ha ahi uma arvore que sendo golpeada verte em abundancia um suco excellente, de que se póde fazer uso em vez de leite. »

« — O paiz regado pelo Amazonas, dizia Maury, uma vez desinçado *dos selvagens e dos animaes ferozes*, e sugeito á cultura, seria capaz de sustentar com os seus productos a população toda do mundo. Produz quarenta por um em arroz. Em cinco mezes colhe-se, e em qualquer tempo do anno se póde plantar. O lavrador, que hoje semeia um alqueire de arroz, colhe quarenta daqui a cinco mezes; semeando estes 40, dentro de outros cinco mezes, colherá 1,600 alqueires; em dez mezes a terra produz alli um augmento de mil por um e mais. Póde-se em qualquer tempo plantar milho, que amadurece em tres mezes, de modo que o lavrador póde alli fazer quatro colheitas annuaes de milho; reunia um verão inalteravel, com uma perpetua successão de searas. »

« — He esse paiz, continúa Maury, de grande importancia para sua colonisação, para a necessidade de enviar para alli emigrantes, barcas de vapor, machados e arados, com mensageiros e agencias de commercio. »

« He nas margens superiores do Madeira, tributario do Amazonas, dizia Gibbon, que se acham as minas perdidas de Urucomaguan com thesouros iguaes em valor á fabulosa riqueza da cidade dourada da Manoã. »

« — Uma grande porção de prata, accrescentava Herudon, que constitue o meio circulante do mundo, extrahio-se da encosta da serrania, cujas vertentes vão desaguar no Amazonas. »

«—Nas montanhas do Amazonas, continúa Herudon, podeis cavar prata, ferro, cobre, carvão, azougue e zinco; das arêas dos seus tributarios podeis extrahir ouro, diamantes e pedras preciosas; das suas relvas podeis colher drogas das mais raras virtudes, especiaria do mais exquisito aroma, gommas e rezinas das mais uteis propriedades, tintas dos mais brilhantes matizes, madeiras de marcinaria e construcção do mais bello pollimento e perduravel natureza. »

« — Coyba, publica Herudon, está no centro da região aurifera desse paiz soberbo. Encontra-se o ouro em veias entre os seixos, no fundo dos arroios, e em grãosinhos sobre a superficie da terra. No fim de cada chuva que cahe, correm os escravos e os meninos a apanha-lo das lavagens das ruas da cidade. No Diamantino he certo que se encontram diamantes misturados com a terra, como o ouro nas escavações da California. Segundo Cartelevau, um homem procurando fincar no chão um páo, achou um diamante de 9 quilates. Algumas vezes encontram-se diamantes no papo das aves.

« — Tempo virá, assim finalisa o tenente Maury no seu folheto, em que a livre navegação do Amazonas ha de ser considerada pelo povo dos Estados-Unidos como segunda em importancia, comparada com a acquisição da Luiziania, se he que for *segunda*, porque nos parece que ha de vir a ser a valvula da segurança da União-Americana. Não nos estenderemos mais sobre este assumpto, porque suppomos que os estadistas hão de concordar na opinião de que esta questão do Amazonas offerece um brilhante campo aos olhos *perspicazes* dos patriotas. »

Esta linguagem levantou, e devia com effeito levantar grande celeuma na opinião publica. A União-Americana he a democracia personificada. O governo he dominado, dirigido, absorvido por uma opinião publica qualquer que se improvise, justa ou injusta, mas que exprima a força da maioria. O governo não tem poder ante ella; e a questão da navegação do Amazonas tornou-se popular.

Reunio-se a Convenção de Memphis nos fins do anno de 1853. He uma associação ou club, como os da revolução franceza, que de muita influencia goza no paiz, e que se relaciona e trata com o governo, com o corpo legislativo e com as autoridades. A navegação livre do Amazonas foi a ordem do dia: deliberou-se: « 1.º, que a livre navegação do Amazonas he uma das mais importantes questões do seculo, e que, para faze-la effectiva, devem esforçar-se os estadistas Americanos; 2.º, que neste sentido ficava o tenente Maury encarregado de chamar a attenção do governo, em nome da Convenção, sobre este assumpto, fazendo-lhe conhecer a importante urgencia de procurar abrir a livre navegação do Amazonas, para as relações commerciaes por vapor, e de qualquer modo, na bocca deste rio, e dentro delle, com todos os habitantes das margens delle e de seus tributarios; 3.º, que os membros da Convenção de Memphis declaram que amam a paz, e teem em alto valor as relações de amizade que sempre existiram entre os Estados-Unidos e o Brasil; que julgam que he uma virtude conserva-las, e consequintemente para que continuem, nada mais pedem ao congresso e ao governo americano se não assegurar a navegação do Amazonas com o amigavel consentimento do Brasil — *amigavelmente se podermos — por força se precisarmos—(peaceably if we can — forcibly if we must.)* »

Tratou-se então na Inglaterra e na França de preparar a imprensa em combater semelhantes pretenções; muitos periodicos se occuparam em mostrar o absurdo das idéas que nos Estados-Unidos se popularisam; o *Economist* e o *Daily-New*, especialmente se teem esmerado na sustenção dos direitos do Brasil.

No Brasil um ou outro artigo se tem publicado neste ou naquelle periodico, sem methodo, sem systema. Apenas um trabalho, notavel em muitos pontos, se distribuio em refutação á memoria do tenente Maury, devido á penna do Sr. Moraes Antas; e mesmo a isso pouca attenção pareceu prestar o publico. Eis que agora na cidade de Montevidéo se deu ao prelo um livro do Sr. Pedro de Angelis, Italiano, que ha muitos annos habita as margens do Prata, e tem alli conseguido uma justa e merecida nomeada de litterato e de publicista.

He o Amazonas, a sua navegação, os direitos do Brasil, as pretenções dos Americanos do Norte, que formam o objecto desse livro, que nos chegou pelo ultimo paquete do Prata.

Em artigos posteriores proseguiremos, analysando a questão em si, e nas obras que teem sido sobre ella publicadas.

II.

Sim, teem razão os Americanos exploradores do valle do Amazonas. Um admiravel terreno se deixa alli banhar por uma immensa porção de aguas, que formam o magestoso rio, o rei dos rios, o primeiro rio do mundo. A navegação a vapor pode subir não só o Amazonas propriamente dito, mas tambem um grande numero de seus tributarios, cada um dos quaes he maior do que os maiores rios da Europa; alguns igoaes, outros maiores do que o Missouri.

Mas não he o ouro, não he a prata, não são os diamantes e nem as perolas que dão o mais subido valor e realce ao valle do Amazonas: he a prodigiosa uberdade de um solo que tudo produz, graças á sua humidade e ao calor do clima, que o faz primar em merecimento; á agricultura e ao commercio, á industria e a colonisação, he que o Amazonas ha de dever principalmente o seu progresso, a sua riqueza, e a sua prosperidade futura.

A cubiça só faz ver o ouro, as pedras, os metaes preciosos, que se pintam dispersos pelas ruas das cidades, pelos arroios, aonde podem até as crianças ir apanha-los: he uma sereia a cubiça, e ahi está a California com suas minas a chamar aquelles que anceiam em curto espaço e com pequeno trabalho amontoar grandes fortunas.

Mas o commercio regular, a industria mansa e fadigosa agricultura, são os verdadeiros mananciaes de prosperidade e riqueza de um paiz, e maior somma de cuidados devem merecer dos estadistas.

A prosperidade dos paizes auriferos he quasi que ephemera; o improviso da California não lhe dá assento permanente, e nem base firme de futuro. Os estabelecimentos não são duradouros; o homem não se liga ao solo, não forma a propriedade que tem de transmittir a seus descendentes, e a qual lega seu nome e sua memoria; não he o corpo sómente que se não apega á terra e ao clima, he tambem o espirito, que, satisfeito na sua ambição, vôa para lugares aonde possa melhor gozar da riqueza que ajuntou, e dos cabedaes que conseguio reunir e amontoar.

Os estabelecimentos agricolas, em opposição aquelles, são fixos; prendem seus autores á terra que com seu suor e seu trabalho cultivaram, creão o verdadeiro amor da patria, fundam a instincto de paz e de ordem, e são verdadeiras garantias que se dão ao paiz.

Aqui lucra o espirito social, o laço de familia desenvolve-se, e esta expressão — *patrios lares* — que nos poetas se descanta, mas não se define, porque está acima mesmo da mais bello poesia, esta expressão—*patrios lares*—he comprehendida, e encontra echo em todos os corações.

O estabelecimento nos paizes auriferos he de annos, he de mezes, he de dias, he de horas; dura emquanto dura a satisfação da cobiça: e o individuo que se refez nos sonhos dourados de sua sede de ouro, abandona-o incontinente, que aquella vida foi para elle um meio, uma transição, um exilio.

O estabelecimento agricola he fixo, permanente e eterno: passa de pais a filhos, do presente ao futuro.

Que importa o ouro, as pedras preciosas, a prata, ainda mesmo que verdadeiros fossem todos esses contos de Castelneau, de Maury, de Herndon e de Gibbon, que são verdadeiros contos, nos quaes a imaginação occupa o principal papel? Serão subsidiarias, mas não as riquezas principaes do valle da Amazonas, que sobresahe mais pelos verdadeiros caracteres e elementos que encerra para solidos estabelecimentos agricolas, que aperfeiçoem a industria, desenvolvam o espirito do commercio e recebam a civilisação que lhe traz vida e futuro.

Realmente quem lançar os olhos sobre a carta geographica da America Meridional deve extasiar-se notando que, á pouca distancia entre si, e separada por uma pequena cordilheira, brotam as aguas que alimentam e formam os grandes rios Amazonas e Prata.

Os ventos sueste e nordeste, que açoutam quasi que permanentemento o Atlantico sobre as costas da America meridional, carregando em vapores as aguas do oceano, e levando-as para além da immensa cordilheira, que separa os famosos Andes das costas maritimas, dão nascimento á enorme massa de aguas, que não podendo, pela construcção das altas serranias, correr em linha recta para o mar, dividem-se segundo os declives e construcção do solo, para o norte e para o sul, procurando caminho para atirar-se no oceano, e assim formando o Amazonas e o Prata.

Por um lado o Hualaga, que chega quasi a Pasco no Perú, o Ucayali que vem das proximidades do Cusco e da Paz por caminhos diversos; o Javary, o Jutahy, o Juruá, o Tefé, o Coari, o Purus, o soberbo Madeira, que se interna na Bolivia pelos braços Mamoré e Ubay, e na provincia brasileira de Matto-Grosso pelo braço Guaporé; o Tapajós, o Xingù, o Tocantins, que absorve no seu curso o pittoresco Araguaya; por outro lado o Morona, o Pastaza, o Tigre, o magnifico Napo, que nasce nas proximidades de Quito, o Jupurá, o Putumujo e o vasto Rio-Negro que recebe no seu seio o rio Branco, e toca nas nascenças do Orinoco pelo passo Essiquiare; e mais abaixo o Trombetas e alguns outros, eis-ahi os principaes tributarios do Amazonas; todos elles teem cascatas, quedas immensas, difficuldades enormes, que por ora tornam impossivel uma navegação regular em toda a sua extensão, mas offerecem todavia assim mesmo vasto espaço para a navegação a vapor, que va dar nova vida e existencia a terras tão prodigamente enriquecidas pelo autor do Universo.

Não ha a facilidade logo de primeira viagem, como pretendem os modernos navegantes Americanos; a esse respeito, a respeito da verdade, mais dignos são os viajantes como Oscillati, Smith, Discursino, Valdez y Palacios, Mause, e tantos outros, que sem a menor idéa de ambição pelo ouro, a prata e as pedras preciosas, e sem a mais pequena pretenção de ver o Iankée tratar o paiz como trata a California e o Novo Mexico, só recontam o que viram e examinaram. Mas com o tempo, com o desenvolvimento da colonisação, com uma regular navegação, como a que começa a companhia denominada do Amazonas, todos esses vantajosos resultados, que se desejam, hão de ser de certo obtidos.

E já o dissemos, e o vimos; se a parte do Perú áquem dos Andes; se o interior de Venezuela, de Nova-Granada, de Bolivia e do Equador podem, pelo Amazonas, fazer o seu commercio de importação e exportação, porque possuem alguns tributarios, ou as margens superiores de alguns tributarios do Amazonas, o Brasil he o que mais tem a ganhar, porque na sua maior quantidade de aguas e de espaço percorrido, he o Amazonas mais seu, e mais enriquece o seu solo e o seu territorio.

Felizmente que parece que o tempo tomou a si justificar o Brasil contra as accusações do tenente Maury. Segundo este, o Brasil não tinha forças e nem vontade para fazer navegar nenhum barco de vapor pelo Amazonas, e, procurando estorvar os Americanos e Européos que o pudessem fazer, e adiar e procrastinar os desejos dos Peruanos, estipulára o tratado de outubro de 1851 com o governo de Lima, que cahira no laço de o aceitar.

Os vapores que começaram ácerca de um anno a navegar da cidade do Pará até Nauta, com toda a regularidade, e com cujo auxilio o commercio se desenvolve progressivamente e a olhos vistos, justificam a politica, as forças, e a vontade do Brasil, e tornam desnecessaria uma resposta ao folheto do tenente Maury, e ás memorias dos seus dous amigos Herndon e Gibbon.

Ainda nos documentos annexos ao relatorio da repartição do imperio apresentado ao corpo legislativo na sessão do anno corrente, nos documentos com que tem instruido os seus relatorios dirigidos á assembléa provincial do Alto Amazonas o seu illustrado presidente, o senador Penna, encontram-se todos os pormenores da navegação a vapor da cidade de Belém, no Pará, á cidade de Nauta, no Perú, com designação de distancias e de tempo despendido, e com especificação dos productos que tem creado e vão creando novas transacções mercantis que se estabeleceram: nota-se tambem o cuidado que tem havido em mandar-se proceder a explorações e exames nos lugares e pontos ainda não conhecidos.

E nem póde tambem prevalecer a accusação estabelecida ao governo portuguez durante o dominio colonial do Brasil. Não foram somente os Hespanhóes, desde Orellána, e Pedro de Orsua, que percorreram o Amazonas, e alguns dos seus tributarios, por ordem do seu governo. O governo portuguez applicou bastante attenção ás explorações destes rios, fê-los examinar e reconhecer, e levantar plantas, em diversas épocas, por astronomos de nomeada, como José Simões de Carvalho, José Joaquim Victorio da Costa, Francisco José de Lacerda, Antonio Luiz Fortes, Pedro Teixeira, Melchior Mendes, Seraphim José Lopes, Estanislão Antonio dos Santos Fateixa, Pedro Alexandrino Pinto de Souza, etc., etc.; diversos governadores por si mesmos, como Francisco Xavier Furtado de Mendonça, e Manoel da Gama Lobo de Andrada, percorreram os rios e terras da antiga capitania: as cartas e as memorias ahi andam, que se podem consultar, quer no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, quer no archivo militar desta côrte, rico, muito rico de mappas antigos e importantes.

Com prudencia e com tempo he que se podem levar ao interior do valle do Amazonas a colonisação e a vida. Da colonisação tratou o governo brasileiro, quando á companhia incumbida da navegação do Amazonas impoz a condição de lançar em differentes portos colonias formadas de emigrados europeus, e para as quaes lhe concedeu terras sufficientes e diversos favores; da colonisação tratou o governo brasileiro, quando executando a lei de 1850, a respeito das terras devolutas olhou primeiramente para a nova provincia, creada com o titulo de Alto Amazonas, para lá nomeando a repartição que tem de dividir e demarcar as terras do dominio publico.

Assim he que se responde ao tenente Maury; os factos bastam por si para destruir todas as allegações.

Mas o Brasil, disse-o elle, e essa accusação vemo-la grassar mesmo na Europa, e convem mostrar a sua falsidade: O Brasil, dizem, segue a politica japoneza, quer trancar as portas da navegação do Amazonas e dos seus tributarios, quer fechar a entrada da civilisação para aquelles infelizes povos alli internados.

Ainda no *Annuaire des deux mondes* — de 1853 a 1854 se produz a mesma accusação. Diz-se que o Brasil lutou contra o dictador de Buenos-Ayres, D. João Manoel de Rosas, porque não permittia a entrada dos rios Paraná e Uruguay, nem mesmo ás nações ribeirinhas, e entretento relativamente ao Amazonas pratica o Brasil a mesma cousa, que não podia tolerar no chefe da Confederação Argentina.

Grave, por demais grave, he de certo esta accusação, perante o mundo civilisado, na presença do seculo actual.

Ha duas faces nesta questão; o facto e o direito. Convem discrimina-las, e dar a cada uma o que he seu, o que lhe pertence.

Quaes são os actos do governo do Brasil que podem justificar a veracidade de semelhante accusação? Pode elle na sua organisação politica, nas suas leis civis e administrativas, no seu systema alfandegal e de impostos, nos costumes dos seus habitantes, na indole dos seus naturaes, ser comparado ao Japão? Foge elle das relações commerciaes, do contacto intimo com as nações estrangeiras? Não encontram no seu seio o commercio europeu, a industria européa, as sciencias, as lettras, as artes da Europa todo o acolhimento, todas as sympathias?

Confessa-se tudo isto; he mesmo na Europa o Brasil elogiado pela generosidade e liberalidade da sua politica nas margens do Rio da Prata; mas pretende-se pô-lo em contradicção comsigo mesmo, apresentando o seu systema relativamento á navegação do Amazonas como o antipoda ou a excepção de todo o seu comportamento.

Mas quem está curando de fazer explorar os tributarios do Amazonas, no seu curso pelo Brasil, senão o governo brasileiro? Quem tem procurado saber os lugares e pontos navegaveis a vapor, para alli o applicar? Quem fundou a primeira companhia de navegação a vapor, que já percorre regularmente um espaço enorme de aguas, como he todo o intervallo entre a cidade de Belém, no Pará, e a de Nauta no Perú, nas proximidades do Ucayali? Quem cuida seriamente de promover a colonisação européa, com subsidios e com largas concessões de terras, para que dirija sua corrente para as margens do Amazonas?

Não podia o Brasil fazer navegar todas as aguas encravadas no seu territerio, por si e independente de combinação ou accordo com nenhuma outra nação estrangeira? Entretanto não foi o Brasil quem mandou convidar o Perú para abrir a navegação da parte do Amazonas que elle possue, offerecendo-lhe a navegação das margens inferiores? Não foi o Brasil quem mandou convidar a Venezuela, a Nova-Granada, a Republica do Equador, e a Bolivia, que pelo Japurá, pelo Napo, pelo Ucayali, pelo Madeira, pelo Hualaga, e por tantos outros tributarios do Amazonas podem communicar-se com o Atlantico?

Com um já se celebraram tratados, com outro está-se em vesperas de o fazer, e á proporção que concordarmos com os Estados-Americanos, aos quaes póde servir a navegação do Amazonas, o commercio e a civilisação irão progredindo por esses ermos do seu magestoso valle: e com o commercio, e a civilisação, com o tempo e a industria se farão desapparecer as catadupas, os saltos, as cascatas alcantiladas, a corrente demasiadamente forte, que actualmente se encontram em todos os tributarios do Amazonas, e que por ora impedem a navegação a vapor, admittindo apenas, e em alguns lugares, uma navegação por pequenas canôas; com o tempo e a industria, com o commercio e a civilisação se tornarão saudaveis e proprios para o estabelecimento e vida do homem muitos desses terrenos aliás fertilissimos, que banham aquellas aguas, mas que são por ora pestilentos e mortiferos, e repellem o contacto delle.

Quem ha ahi mais interessado do que o Brasil em todo esse progresso, em toda essa prosperidade que o futuro ha de trazer necessariamente, e que o Brasil todo almeja do coração? A bella provincia do Para, a novissima provincia do Alto Amazonas, o norte da rica provincia de Matto Grosso. e grande parte da de Goyaz, acharão vias faceis de communicação para seus immensos productos; não he só o cacáo, o algodão, a salsaparrilha, a gomma, a quina, a borracha, o assucar, o arroz e o milho; não he somente a grande quantidade de gado, com que póde enriquecer as povoações maritimas; não são somente diamantes e metaes que encerram em seu seio; as mais soberbas madeiras para toda a qualidade de construcção, para tintas e usos medicinaes, e quo actualmente se perdem pela difficuldade, senão impossibilidade de transporte; todos esses recursos emfim serão larga e amplamente aproveitados pelo commercio e pela industria.

Como pois poderia o Brasii seguir a politica japoneza, interessado como he elle, na navegação dos rios?

Os factos, portanto, manifestam a falsidade da accusação: o interesse do Brasil, o seu grande e maximo intimo, a sua real e verdadeira politica, lhe aconselharam a marcha sabia e illustrada que se deu á colonisação e navegação do Amazonas.

E notai bem: ha grande differença entre o transito simples e o commercio propriamente dito. O Brasil não foi dizer ao Equador, á Bolivia, á Nova Granada, á Venezuella e ao Perú, nações ribeirinhas da Amazonas, que lhes faria a concessão de simples tranzito pelas aguas encravadas no seu territorio: não; foi propôr-lhes o direito de commerciarem com as povoações sitas nas margens brasileiras do Amazonas, direito que devia ser reciproco para o Brasil em relação ás povoações sitas nos territorios daquellas republicas. Notai ainda; o Brasil offereceo uma extenção de aguas de cerca de 400 leguas, que distam da cidade de Belem até Tabatinga, que he a sua fronteira, com povoações já importantes, como são a cidade da Barra, Santarem, e varios outros pontos por uma navegação por ora de cerca de 80 leguas, em territorio peruano, e tocando apenas em logarejos novos ainda e pequenos, e o mesmo lhe succederá se a navegação se estender para os territorios que se dirigem á Bolivia, a Venezuella, ao Equador e á Nova Granada.

O tratado com o Perú foi, e nem podia deixar de ser, temporario, e não perpetuo, porque foi um ensaio mas o principio ficou estabelecido e vigorará. Os meios e as concessões são as que podem soffrer modificações. Foi o Brasil quem offereceu aos ribeirinhos do Amazonas abrir as aguas deste rio para poderem elles não só por elle transitarem e se communicarem com o Atlantico, mas tambem para commerciarem com as povoações brasileiras que banham suas famosas aguas. Eis ahi creada uma politica generosa e liberal, que exclue as accusações do systema japonez: a mesma politica que o Brasil sustentava contra Rosas, que se negava a tratar sobre a návegação do Paraná e do Uruguay: o Brasil pedia-lhe que concedesse aos ribeirinhos desses rios o transito das suas aguas para o mar, regularisando convenientemente, como senhor que era de ambas as margens inferiores. Rosás declarava que era seu direito negar esse transito, e o negava emperradamente.

Ha para os ribeirinhos um direito, imperfeito sim, mas que por ser imperfeito não deixa de ser direito, de pedir o transito das aguas dos rios, de que possuem algumas margens. Há para o proprietario das margens inferiores o direito de regularisar esse transito para os ribeirinhos, de accordo com estes.

Eis-aqui o que he principio moderno do seculo XIX, do seculo do vapor e dos caminhos de ferro.

Este principio nunca foi pelo Brasil abandonado: foi antes o Brasil, como já vimos, que, regularisando o direito de transito para os ribeirinhos do Amazonas, lhes mandou offerecor até o commercio interior do rio, com reciproco direito de commerciarem os Brasileiros nas povoações que pertencem áquellas republicas.

As convenções servem para fixar os direitos, os limites e as condições do seu exercicio.

Entre ribeirinhos, porém, e nações que o não são concebem todos que differença enorme apparece: estas não teem aquelle direito imperfeito de que acima fallamos, e que pertence aos ribeirinhos; mesmo diversos são seus projectos, suas intenções seus interesses e suas necessidades.

Quaes são os direitos do Brasil, e que contestações se lhes tem feito: será o objecto do artigo seguinte.

III.

Qual he o direito que compete as nações, em cujo territorio se acham encravados rios navegaveis?

Ninguem ainda ousou dizer que, se os rios navegaveis correm unicamente pelo territorio de uma nação, não tem esta o direito pleno e exclusivo de propriedade sobre sua suas aguas. Actualmente os Estados-Unidos possuem o Mississipi, navegam-no exclusivamente com seus vapores, bem como os seus confluentes, porque o curso de todos elles he em territorio da União Americana. A França tem o Senna, o Loire, o Rhodano, o Gironda; o Ebro e o Gudalquibir são da Hespanha; o Dniester e o Dnieper pertencem a Russia; o Severn á Inglaterra. Jamais se pretendeu fixar direito de navegação para nações estranhas nas aguas destes rios, e nem mesmo nas do S. Francisco, do Mucury, do rio Doce, do Itapicurú, e de muitos outros que correm nas terras do Brasil.

A questão, portanto, he unicamente relativa aos rios, cujas margens são possuidas por duas ou mais nações.

Segundo os Americanos modernos, isto he, o tenente Maury e seus companheiros, ha para todos direito de navegar por semelhantes rios, para assim communicar-se com os povos com quem pretendem commerciar. Podem, portanto, os Americanos subir o Amazonas, e todos aquelles confluentes seus, que communicam com o Perú, a Bolivia, Venezuela, Equador e Nova Granada, e por suas margens lançar colonias agricolas e estabelecimentos commerciaes, sem mesmo preceder o assentimento do Brasil, proprietario da maior parte das suas margens navegaveis e margens inferiores.

Estas idéas, que o tenente Maury e seus amigos chamam de direito das gentes, são espalhadas por entre um povo aventureiro, iuvasor e expansivo, que não contente com a vasta extensão da União Americana, ainda não perfeitamente habitada, atiram-se sobre todas as terras que lhes agradam e dellas tentam apossar-se annexando-as á grande Republica.

Felizmente semelhantes idéas nem mesmo são admittidas pelo proprio gabinete de Washington, que em despachos de 20 deabril e 23 de setembro de 1853 declarou ao diplomata brasileiro —que *as autoridades da União não facilitarão scientemente a sahida de qualquer navio que se destinasse a violar as leis do Brasil; e que, em quanto não decretasse o Brasil a livre navegação do Amazonas, uma empreza que pretendesse forçar a entrada do rio, seria illegal e commetteria uma violação dos direitos do Brasil.*

Se o governo dos Estados Unidos não se visse tantas vezes obrigado, como o tem sido, a curvar-se as exigencias populares que se levantam ás vezes extravagantemente; se realmente dirigisse a nação, á cuja testa se acha, e se não formasse uma administração, por assim dizer anomala e excepcional, a linguagem do Sr. Maury, secretario dos negocios estrangeiros, bastaria para abafar as vozes dos inventores do novo direito das gentes. Para o povo da União Americana porém, que se deixa arrastar pelos seus demagogos, e força o seu governo muitas vezes a acompanha-lo, mister he mais alguma cousa; para obstar a projectos que estes ou aquelles turbulentos possam formar, como já o fizeram relativamente a Texas e á ilha de Cuba, convem muito illustrar a opinião publica e combater doutrinas tão attentatorias dos direitos alheios, e tão contrarias ás idéas recebidas em toda a parte do mundo, como do direito das gentes.

Para desenvolver as theorias do direito das gentes e applica-las ao rio Amazonas, ninguem em habilidade e illustração excede do certo ao Sr. Pedro de Angelis no seu folheto. Era tambem já questão velha para elle; sobre ella importantissimos artigos havia o Sr. de Angelis publicado no *Archivo Americano*, quando, por ordem do dictador D. João Manoel de Rosas, sustentava o direito da Confederação Argentina, como ribeirinha inferior dos rios Paraná e Uruguay, para negar a navegação por suas aguas a quaesquer outras bandeiras que não fossem as da Confederação.

O Sr. Pedro de Angelis he perfeitamente logico: desejava manter illeso aquelle principio em favor do dictador e chefe da Confederação Argentina, que não queria por forma alguma tratar quer com nações não ribeirinhas, quer mesmo com nações ribeirinhas: em favor do Brasil hoje, relativamente ao Amazonas, sustenta as mesmas doutrinas.

Nós porém, que por diversas vezes na tribuna parlamentar, em 1848, em 1850 e em 1851, combatemos as exageradas pretenções do governador Rosas, quando fechára o transito dos rios mesmo ás nações ribeirinhas, a pretexto de seu pleno direito de propriedade sobre suas margens inferiores, não podemos admittir no seu rigor a applicação dos principios estabelecidos pelo Sr. de Angelis.

Os principios estabelecidos por Vattel, liv. 1.º cap. 8.º § 99, cap. 22 § 266, liv. 2.º cap. 7.º § 94, cap. 9.º §§ 126, 127 e 128, cap. 10 §§ 131 e 132; por Martens, liv. 2.º cap. 1.º § 39, liv. 3.º cap. 1.º § 72, e liv. 4.º cap. 3.º § 140; por Kluber, tit. 2.º 2.ª parte, cap. 2.º § 76, e tomo 2.º cap. 1.º § 124, já anteriormente enunciados por Wolff, e Puffendorf, são: 1.º que as nascentes dos rios não determinam a sua propriedade, porque esta he só determinada pelo seu curso; 2.º que as nações teem propriedade na extensão dos rios que correm por seus respectivos territorios; 3.º que essa propriedade não fica sujeita á servidão nehuma, como o está a propriedade particular pelo direito civil, e que a nação possuidora das margens inferiores póde negar passagem e transito ás que ficam nas margens superiores; 4.º que essa servidão só pode ser estabelecida por convenções, segundo as condições, e pelos termos nellas expressados.

A Inglaterra principalmente sustentou estes principios, quer na larga questão que teve com os Estados-Unidos ácerca da navegação do rio S. Lourenço, questão que não teve mais necessidade de ser resolvida, porque o Estado de New-Yorck com os seus canaes e caminhos de ferro chamou a si o commercio dos terrenos banhados pelos lagos Superior, Michigan, Huron, Erié, St.-Clair, S. Pedro e Ontario, e perdeu todo o interesse que então tinha em abrir caminho para o Oceano pelo S. Lourenço; quer nas discussões com a França ácerca do rio Gambia no Senegal, quer emfim nas suas relações com o proprio dictador Rosas á respeito da navegação dos rios que formam o Prata.

Durante o seculo passado, e mesmo no começo do seculo corrente, receberam esses principios rigorosa applicação. Actualmente porém as luzes, que por toda a parte se teem diffundido, a marcha accelerada do tempo em que se inventaram os caminhos de ferro, os vapores, as vias electricas, e tantos outros meios de communicação, que fazem desapparecer o espaço, e approximam as maiores distancias; a expansão e desenvimento da industria e do commercio, que simplificam os systemas alfandegáes, e combatem os impostos denominados protectores, admittem por ventura a rigorosa applicação desses principios?

Não de certo: os principios são verdadeiros, mas na applicação ha duas faces a considerar, e na applicação quer de uma das faces, que de outra, modificações se tem introduzido, para as quaes chamamos a attenção dos leitores.

Quando se trata de nações ribeirinhas, já mostramos que ha nas que occupam as margens superiores, um direito imperfeito de tranzito, e o que cabe á nação que possue as margens inferiores he regularisar o tranzito, marcando-lhe os modos e condições.

Quando se trata de commerciar, e não do simples transito, cada uma he livre de negar-se, ou recusar-se a tratar, e pode prohibi-lo nas margens, que são suas, ou todas as vezes que o conceda, nos portos unicamente que determinar.

Quando se trata de nações, que nenhuma propriedade teem nos rios, muda inteiramente a questão; o direito he perfeito e pleno da nação, em cujo territorio encontra-se o rio com os mares que elle procura.

Vê-se, pois, que no seculo dezenove tem havido modificação na applicação do direito das nações ribeirinhas.

He curioso notar-se a marcha que tem seguido o direito das gentes na parte de que tratamos.

Grocio foi o primeiro publicista que sustentou que a liberdade de tranzito he devida não somente ás pessoas, mas tambem aos generos e mercadorias, porque ninguem pode privar uma nação de communicar-se com outra, com tanto que seja isso do interesse geral da sociedade, e de nenhum modo prejudicial á pessoa alguma a sua navegação até o mar.

Em 1784 José II d'Austria exigio para seus estados das margens superiores do Escalda a sua navegação até o mar; a Hollanda, que possuia as margens inferiores, resistio; a guerra teve lugar, e não teve José II a ventura de conseguir o resultado que almejava. O principio porem ficou lançado, e em 16 de novembro de 1792, a convenção franceza proclamou mais do que o simples tranzito do ribeirinho que reclamava José II; fez, o que perdeu sempre a revolução franceza, isto he, exagerou; proclamou o direito livre de navegação do Escalda.

O tratado de 16 de março de 1795 estendeu ainda a idéa; declara livres as navegações do Escalda, do Rheno, do Mosa e do Hondt.

Em 1792 Jefferson, na America, estabeleceu o direito de tranzito para os ribeirinhos relativamente ao Mississipe, cujas margens inferiores possuia a Hespanha; esta nação solveu a questão, cedendo em 1795 as suas possessões aos Estados-Unidos.

Em 1815 o congresso de Vienna applicou a liberdade plena da navegação para o Mosella, o Mosa, o Escalda, o Meno, o Rheno e o Neckar.

Em 13 de julho de 1840 a Russia e a Austria abrem ao mundo a entrada do Danubio.

Os autores modernos, como Wheaton, D. Int. T. I, Kent, Laws of nations, Lectura 2, n. 34, D. Ardrés Bello, Derecho internacional, cap. 3º § 5º, Chity — A treatis on the laws of commerce, etc., T. II, resumem este progresso nas seguintes modificações:

1.ª Direito do ribeirinho para o tranzito.

2.ª Direito imperfeito que comprehende todavia todos os direitos incidentes para se effectuar.

3.ª Direito do possuidor de margens ribeirinhas, de regularisar o exercicio de modo a não ser incommodado.

4.ª O regulamento e exercicio devem estabelecer-se por meio de convenções.

O Brasil, portanto, razão tinha para exigir do dictador Rosas que regularisasse o direito de tranzito sobre os confluentes do Prata, porque o Brasil occupava as margens superiores do Uruguay, do Paraná e do Paraguay; e Rosas, a pretexto do rigor dos principios, recusando-se a tratar com o Brasil, faltava ás leis do progresso e ás idéas do seculo; fundava o systema japonez, e negava aos povos ribeirinhos daquelles rios a civilisação e a vida, que a navegação lhes devia trazer.

E para prova da coherencia de principios, respeita ao illustrado autor do — *Annuaire des Deus Mondes* — o Brasil, senhor das margens inferiores do Amazonas, foi quem procurou os ribeirinhos superiores deste rio, para com elles regularisar a sua navegação, mandando missarios á Nova Granada, á Bolivia, ao Equador, á Venezuella e ao Perú.

O Brasil, portanto, tem marchado com o seculo, e desistido dos direitos, que em rigor e perfeita plenitude lhe cabiam, segundo as doutrinas geraes de direito das gentes, admittidas geralmente.

A respeito das nações, que não são ribeirinhas, proclama-se que o Brasil se nega á abrir-lhes a livre navegação do Amazonas.

Mas o Brasil tem liquido esse direito, como tem o de marcar os portos, que abre ao commercio estrangeiro, como tem o de não permittir a navegação de cabotagem senão a bandeira brasileira.

E por ventura as nações todas do mundo, que prohibem a cabotagem, praticada por estrangeiros em suas costas e bahias, e com o systema japonez, são inimigas da civilisação?

E mesmo como, com que fundamento se diz que o Brasil não quer tratar com as nações estrangeiras relativamente á navegação do Amazonas? Que governos tem procurado entender-se com o governo brasileiro?

Esta navegação não se pode fazer senão por meio de convenções e ajustes: de nada disto se tem tratado, e ja vem a accusação!

Bazear-se-ha ella em que o Brasil procurou os ribeirinhos, e não as nações estrangeiras, para tratar? Este facto prova unicamente o desejo vehemente que nutre o Brasil de apertar suas relações politicas e commerciaes com os povos Americanos, com os quaes está em contacto pelas suas fronteiras terrestres.

O Brasil, pelo seu contacto com estes povos, mais que nenhuma outra nação, tem interesse em ve-los progredir na carreira dos melhoramentos materiaes e moraes, que entre elles extirpem o espirito de anarchia que tem assolado paizes dignos de melhor sorte; a paz naquelles paizes firmara a união dos povos da America do Sul, e preparará esta parte do mundo para um futuro tão lisonjeiro como o que espera a America Septentrional.

Não declarou ainda o Brasil livre ao mundo inteiro a navegação do Amazonas: não, e nem o devia declarar.

O Amazonas, propriamente dito, corta cêrca de quatrocentas leguas de territorio do Brasil, com os seus tributarios talvez exceda de mil leguas o seu curso brasileiro, aquellas são já navegaveis por vapor; as dos tributarios estão ainda pouco conhecidas. Depois do Brasil he o Perú' quem mais tem a ganhar com a navegação interna destes rios, porque possue vastas porções de territorio aquem dos Andes, que mais facilmente podem por elles communicar-se com o mundo; apoz o Perú' deve contar-se o Equador, se bem que excellentes portos tenha no Pacifico para a exportação dos productos da maior parte do seu territorio, Venezuella lucrará menos do que o Perú' e o Equador, porque maior conveniencia encontrarão sempre em dirigir seus generos para os portos do mar dos Caraibas, que lhe dão facil accesso. A Bolivia he a nação que menos lucra, porque quasi que só com parte da provincia de Moxos pode abrir o commercio e navegação do Amazonas: para a Bolivia o verdadeiro caminho de commercio he a navegação dos rios Bermejo e Pilcomayo, que desaguam no Paraguay; he a navegação do mesmo Paraguay, que vai lançar-se no rio do Paraná, e sahir pelo Prata no Oceano.

Todo, porém, esse interior do Brasil, do Perú, da Bolivia, do Equador, de Venezuela, e de Nova Granada, he um deserto de mattos e de aguas; o commercio, a industria e a civilisação, só a pouco e pouco poderão introduzir-se; regularisar convenientemente a marcha que devem seguir, encaminha-los com prudencia e tino, he o que cumpre ao Brasil; preparar os elementos, para que esse resultado se consiga, he o que o Brasil faz, e o faz com todo o zelo e esmero.

Creou a navegação por vapor por cima daquellas aguas, que pareciam escondidas ao homem; vai lançando aqui e acolá colonias agricolas, postos militares e estabelecimentos commerciaes. Ainda não pode ser a navegação lucrativa, porque os productos da terra não chegam para abafar a despeza; o governo do Brasil concede annualmente um subsidio pecuniario á companhia que leva o vapor a Tabatinga e a Nauta; ainda não pode admittir-se concurrencia de navegação porque, não bastando para uma empreza o commercio, a concurrencia pode destruir tudo; o governo concedeu a companhia um privilegio por cinco annos, e assim garante-lhe a existencia, ao passo que, fazendo prosperar aquelles lugares, abre-os a maior commercio, e alimenta-os para desenvolvimento mais largo: o estabelecimento de colonias agricolas e commerciaes não podem ainda dar vantagens a uma empreza, concede-lhe o Brasil terras e favores, para tornar-lhe possivel a introducção de colonos, que formem a população do valle do Amazonas.

Tudo isto fez o governo brasileiro; e para que fim? Para preparar o valle do Amazonas ao commercio e a' navegação do mundo, quando, sem obstaculo para si, e já com garantias para os estranhos, lhe convier declarar livre a navegação.

Esta he que he a marcha verdadeira, a unica acertada para se conseguir tão grande resultado. Tudo o mais he pela precipitação sacrificar o futuro.

Estão todas as costas do mundo sujeitas ao commercio estrangeiro? Não; unicamente o estão aquellas que, pelas respectivas leis municipaes são assim declaradas. Não he o maior interesse de um paiz para augmentar sua riqueza e fazer prosperar suas finanças, abrir ao commercio do mundo maior quantidade de portas? Ninguem por certo o contestara'.

He, pois, este tambem o interesse do Brasil, relativamente ao Amazonas, cuja navegação se regularisa, e de cuja colonisação trata actualmente; oxala' breve venha o tempo que elle contenha cem portos para o commercio estrangeiro, que o Brasil se apressara' em abri-los.

Além, portanto, de ser a marcha que o Brasil segue, a que he conforme com o direito das gentes moderno, accordr com a civilisação do seculo, deste seculo o qual se alargam todos os progressos, se prostram todos os privilegios, e se suicidam todas as idéas mesquinhas, e generosa e franca com as nações americanas, com as quaes limita e confunde interesses, he, demais a mais, ainda, esta marcha a unica que convem ao engrandecimento e prosperidade do valle do Amazonas, a' sua futura grandeza, e aos interesses do imperio.

P. da Silva.

(*Correio Mercantil* do Rio).

PARA'.

Conclusao' do discurso com o qual o Exm. Sr. conselheiro Sebastiao' do Rego Barros abrio a assembléa legislativa provincial do Para' em 15 de agosto de 1854.

(*Continuação do numero 221 de 27 de setembro de 1854.*)

OBRAS GERAES.

Palacio do governo.

Este bello edificio achava-se em pessimo estado quando entrei para a administração. Com os creditos ultimamente concedidos pelo governo imperial tem-se feito consideraveis melhoramentos de pintura, decoração e mobilia; e com quanto estejam em andamento offerece elle já decente residencia á primeira autoridade da provincia. Fizeram-se tambem e continuam-se a fazer os necessarios concertos no seu pavimento terreo.

Palacio episcopal.

As obras deste palacio começadas em outubro de 1852 acham-se concluidas á satisfação do Exm. prelado, que já está hoje de posse de uma habitação mais propria de sua alta posição.

Alfandega desta cidade.

Para dar-se maior espaço e commodos a esta repartição, e facilitar-se a fiscalisação das rendas, determinei que se fizessem no seu respectivo edificio e dependencias as obras e concertos indispensaveis, e com quanto já alguma cousa se tenha feito, ainda muito falta para pôr-se essa repartição em estado de bem preencher as necessidades do serviço.

Obras militares.

A vista do estado de ruina dos quarteis desta cidade, e tendo de aquartelar o 11.º batalhão de infantaria, pude conseguir para esse fim do respectivo prior uma parte do convento do Carmo, que mandei preparar, e onde com effeito se acha hoje convenientemente accommodado esse batalhão.

No hospital regimental, á cargo do 3.º batalhão d'artilharia a pé, fizeram-se igualmente no semestre ultimo os possiveis melhoramentos para torna-lo proprio a satisfazer seus fins, não tendo ainda sido concluidos em razão das difficuldades de que já vos fallei.

Fizeram-se outrosim reparos na fortaleza da barra e no arsenal de guerra, e construio-se no castello da cidade, além de outras obras, uma casa para laboratorio pyrotechnico.

Tendo o governo imperial mandado levantar fortificações na villa de Obidos encarreguei os seus trabalhos ao major Marcos Pereira de Sales, que alli se acha e já lhes deu começo. Na praça de Macapá tem-se feito tambem importantes melhoramentos.

OBRAS PROVINCIAES.

Concluidas.

Das obras provinciaes, que se achavam em andamento, ou foram ordenadas no semestre findo, concluiram-se as seguintes: as que mandei fazer no pavimento terreo do palacio do governo para accommodar o thesouro provincial, e no edificio em que se achava anteriormente esta repartição e que destinei para a de obras publicas; as da cadeia desta cidade, que hoje, apár da necessaria segurança e limpeza, offerece as devidas accommodações aos presos das diversas classes; e finalmente o aterro na praça da ponte de pedras, contratado com Joaquim José de Figueiredo; e o das antigas dócas adjacentes á mesma, contratado com o barão d'Arary.

Em andamento—Ponte de pedras e continuação do caes etc.

Os trabalhos desta ponte progredem quanto lhes permitte a natureza do local e a falta de materiaes, e de operarios proprios para a especialidade da obra; acha-se todavia bastante adiantada não só no que respeita ao leito e rampas da ponte, como a sua cobertura para abrigo dos generos, que ahi tem de fazer o embarque e desembarque. Na sua execução tem tido muito em vista o respectivo engenheiro o capitão Juvencio Manoel Cabral de Menezes, o seu bom plano e solidez, e informa-me elle, que ficará de todo acabada no fim do corrente anno.

Não tem sido possivel dar-se andamento á continuação do caes, que tem de fechar o espaço comprehendido entre a dóca do Ver-o-peso e o Castello, e só o será talvez depois de findos os trabalhos da ponte.

Dóca do reducto.

Tendo-vos requerido o contratante desta obra, o cidadão Antonio José de Miranda, a rescisão do contrato, submettestes este negocio á minha decisão, e havendo-o eu examinado, e ouvido o parecer dos engenheiros, vim ao conhecimento de que não só não cumprira elle as condições a que se sugeitara, na parte da obra que fizera, mas ainda que a não concluira no prazo que lhe foi marcado e a conservava paralysada, impoz-lhe a multa e os mais onus do contrato; e não tendo apparecido novo arrematante determinei que fosse feita por administração. Acha-se hoje muito adiantada com o serviço das praças de trabalhadores, alli empregadas, havendo-se feito d'então para cá 56:000 palmos cubicos de escavação e 320 de estacada.

Vallas da estrada do arsenal.

Nos ultimos mezes do semestre findo fizeram-se tres braças de muralha de pedra e cal com os competentes taludes nos lugares das pontes, estacaram-se 36 braças de valla, fincaram-se esteios para sustentar o estacamento de mais de treze, e escavaram-se 40 braças de terreno com a quarta parte de profundidade.

Estrada do Paul-d'agua.

Concluiram-se no sobredito semestre 61 ½ braças de estrada macadamisada, com os competentes esgotos lateraes e o encanamento das aguas para o Igarapé do Reducto. Por estes dias deve estar esta obra de todo prompta.

Caes da rua do Imperador.

Está bastante adiantado o seu aterro, foi porem preciso prorogar-se por mais dous mezes o prazo que havia sido marcado ao respectivo arrematante para o seu acabamento.

Nivellamento da praça de Pedro II.

Continuou a ser feito no ultimo semestre tanto quanto foi possivel com o pequeno pessoal, que nelle se tem podido empregar.

Quartel do corpo de policia.

Proseguem as obras que se estão a fazer para a construcção das casas em que se tem de estabelecer a enfermaria e suas dependencias, as cozinhas e cavallariças do corpo, e acha-se ja feito grande parte dos alicerces e paredes, e das columnas que tem de sustentar o travejamento, e lageado o corpo da guarda e varanda em frente do pateo.

Projectadas.—Edificio para os Paços da assembléa, camara, etc.

Pelo art. 1.º da resolução n. 224 de 3 de dezembro do anno passado autorisastes a presidencia para fazer construir um edificio, que sirva para os paços da assembléa legislativa e da camara municipal, para thesouro e recebedoria provinciaes, e para do lyceu paraense, tribunal do jury, etc.; em consequencia disso encarreguei o capitão de engenheiros Juvencio Manoel Cabral de Menezes de levantar a planta do mesmo, e esta me foi apresentada ha pouco e por mim remettida a repartição de obras publicas para dar seu parecer a respeito; a quantia a despender-se com esta obra foi calculada pelo dito engenheiro em réis 150:000$000.

Mercado publico.

Foi igualmente incumbido o major Marcos Pereira de Salles de apresentar-me a planta desta obra, e havendo-o elle feito e orçado em a quantia de réis 33:373$268, a construcção de seus alicerces, mandei-a pôr em arrematação e como não apparecesse arrematante, ordenei que se fizesse por administração. Não pôde porem ter ainda começo a sua execução.

Encanamento d'agua potavel.

A planta e orçamento desta obra foram encarregados ao major Brokenauss; não me apresentou elle ainda esses trabalhos; posso porem asseverar-vos que estão quasi promptos, e que brevemente o serão.

Obras do largo de palacio.

Não tem sido por ora possivel continuar-se com o aterro, nivellamento e mais obras do largo do palacio do governo de que trata a resolução n. 174 de 3 dezembro de 1850.

Edificio contiguo ao mesmo.

Entendendo conveniente aproveitar a obra, que se acha começada ao lado do dito palacio, determinei que fosse posto em arrematação o levantamento das suas paredes e a cobertura, orçados em réis 24:366$825.—O unico concurrente, que appareceu, foi o barão de Arary, com o qual ainda assim não foi possivel contratar-se a obra e por isso resolvi manda-la fazer por administração.

Devereis, Srs., reconhecer que razão tive para assim proceder, por quanto não he admissivel, que essas quatro paredes continuem a subsistir indefinidamente no lugar onde estão, e a sua demolição importaria talvez na mesma despeza, que o preparo da obra para um fim qualquer.

Caes do porto de Cametá.

Ja me foi tambem apresentada a sua planta pelo major Marcos Pereira de Salles, com o orçamento do seu primeiro lanço na importancia de réis 47:796$950, pela qual o mandei pôr em arrematação; aconteceu porem com esta, o mesmo que as outras acima mencionadas; não teve pretendentes. Incumbi, pois, ao dito major de faze-la sob sua administração; elle, porem, representou-me que não podia começa-la senão depois de concluida a matriz daquella cidade, por que so então haveria algum pessoal disponivel para os seus trabalhos.

ILEGÍVEL

MUTILADO

Esta razão de escassez de operarios e a de materiaes, ja por vezes indicadas, he commum á todas as obras ultimamente referidas neste artigo, as quaes pelo seu vulto e importancia demandando-os em maior quantidade, e achando-se empregados em outras os poucos que se obtem, tornam-se por isso de mais difficil e tardia execução.

Deixo de tratar aqui de outras muitas obras, por have-lo ja feito nos artigos em que ellas naturalmente deviam entrar; no entretanto remetto-vos para os relatorios dos engenheiros, e ao quadro annexo a este, sob n. 15, onde encontrareis relacionadas todas ellas, quer geraes quer provinciaes, com os esclarecimentos necessarios.

CORPO DE TRABALHADORES.

Esta creação tão util, que tanto honra as legislaturas que a instituiram e procuraram melhorar, e que tantos serviços ja' prestara a provincia, achava-se abandonada quando tomei conta da administração, em consequencia da erronêa e prejudicial intelligencia pela qual certos espiritos pouco previdentes e demasiadamente susceptiveis entraram a propagar a idéa da sua incompatibilidade com a instituição da guarda nacional, restabellecida nesta provincia.

Mas eu entendi desde logo, que era essa uma necessidade vital, e que a medida de dar trabalho as classes ociosas e quasi proletarias, beneficiando-as e ao mesmo tempo ao publico, em nada repugnava com uma instituição para a qual, respeitado o espirito senão a lettra da respectiva lei, só devem ser chamados cidadãos, que tenham as competentes qualificações e offereçam a necessaria garantia.

Colhendo pois as informações, que me eram precizas sobre o seu estado e sobre os abuzos, que em grande parte haviam concurrido para o descredito dos corpos de trabalhadores, tratei de os reorganizar, tornando effectivas as leis, que os regulavam, e que não obstante acharem-se em seu inteiro vigor jasiam no esquecimento.

Facil vos sera' avaliardes os tropeças, com que nesse empenho terei lutado e ainda luto, não só da parte daquelles que ainda se recordam do iniquo procedimento de que eram victimas, a pretexto do serviço publico, mas tambem dos que entendem dever locupletar-se a custa da sua simplicidade.

Felizmente não tem sido perdidos os meus esforços, alguma cousa tenho ja conseguido, e muito espero ainda conseguir no sentido de remover esses abusos, precouceitos e estôrvos, e de reorganisar convenientemente esses corpos, cuja necessidade sóbe actualmente de ponto á vista da carestia de braços e da multiplicidade de obras publicas projectadas ou em andamento; ja esta capital e muitos districtos de fora sentem em parte os seus beneficios, e os proprios trabalhadores vão comprehendendo melhor as vantagens que d'ahi lhes resulta. Hoje são-lhes pagos os salarios em dia, e fielmente respeitados os prazos marcados para o seu serviço; voltam pois satisfeitos as suas casas levando algum fructo do seu trabalho: o mesmo lhes não aconteceria de certo com os que lhes eram muitas vezes impostos pelos seus actuaes officiosos patronos, dos quaes sahiam exhaustos de forças e sobrecarregados de empenhos.

Do mappa junto n. 27 vereis o estado em que ja se acham esses corpos e a que brevemente poderão chegar a vista dos alistamentos, que tenho mandado fazer, e dos que terão de se-lo ainda.

Opportunamente tratarei de regularisar, e distribuir o seu serviço de modo que seja detalhado com a igualdade possivel pelos differentes pontos da provincia.

POLICIA RURAL DA ILHA DE MARAJO.

A sorte dos creadores de gado nesta ilha, que como ja vos disse continua pouco mais ou menos nas mesmas circumstancias que d'antes, reclama providencias.

O regulamento mandado observar por portaria de 16 de dezembro de 1852, que teve por fim melhora-la, garantindo os fazendeiros contra o roubo constante de que eram victimas as suas creições, infelizmente não tem produzido o beneficio desejado.

He certo que em grande parte concorrem para isso os proprios creadores, que fiados unicamente na tutella do governo, não curam de empregar por si os meios proprios e que alias poderiam sem grande sacrificio por em pratica para acautelar o futuro. Mas sem duvida a razão principal do nenhum resultado d'aquelle regulamento consiste na impropriedade do systema de policia alli estabelecida.

Logo que tomei conta da administração da provincia procurei fazer effectivas as suas disposições; dirigi-me repetidas vezes, e quasi em vão, as diversas autoridades policiaes e camaras d'aquella ilha, recommendando-lhes sua execução. Reiterei ordens para serem convocados os conselhos ruraes aos quaes era ella especialmente encarregada, e apenas consegui que se reunisse o de Monsarás; e esse mesmo só servio para mais confirmar-me no receio em que ja estava a cerca da improficuidade dos esforços que houvesse de empregar nesse sentido.

Os corpos collectivos não são os mais proprios para encargos de semelhante natureza. Convem confia-los a pessoas individualmente responsaveis por seus actos, que possam com facilidade mobilisar-se e exercer uma inspecção prompta e immediata em qualquer ponto do seu districto, estranhas aos interesses e complicações locaes, com ordenados que as incitem a empregarem-se exclusivamente a e serem zelozas no seu mister, e com os agentes e mais recursos necessarios para as diligencias de que essencialmente depende esta especie de serviço, e por fim simplificar-se o processo actualmente embaraçado de formulas e de julgadores.

Sob estas bases pois entendo que seria acertado reformardes aquelle regulamento ou autorisardes a presidencia para isso, consignando verba sufficiente para fazer-se face ás despezas não só com o pessoal como com o material e tudo o mais que fôr preciso para sua execução, inclusive alguma força ou destacamento de policia local, quando seja indispensavel crea-la na dita ilha.

Estou convencido que estas medidas combinadas com as que já propuz da creação de uma comarca alli, e da compra de um vapor, que ponha em mais frequente e facil communicação alguns pontos da mesma ilha entre si e com esta capital, quando não consigam estirpar de todo o mal que lamentamos, e prover-nos de carne boa e abundante, poderão ao menos minora-lo consideravelmente.

EXECUÇÃO DE DIVERSAS LEIS.

Logo depois de encerrados os trabalhos de vossa ultima sessão tratei de dar execução ás leis que promulgastes.

Já em differentes partes deste relatorio vos tenho feito ver a que tiveram algumas; resta-me dar-vos conta da de outras.

Em consequencia do disposto na lei n. 223 de 29 de dezembro do anno passado officiei aos consules brasileiros em Barcellona e New-York pedindo-lhes informações sobre a melhor maneira e condicções para obter-se n'aquelles paizes os animaes das raças indicadas na dita lei, e ao ministro do Brasil em Paris acerca do engajamento de um bom veterinario, afim de estabelecer-se a caudelaria para cuja creação fui autorisado. Este respondeu-me ha pouco que ficava fazendo as diligencias para satisfazer o meu pedido; o consul de Barcellona remetteu-me tambem ha pouco uma informação sobre a qual ainda nada pude deliberar, visto que sem conseguir primeiro o veterinario para montar-se aquella caudelaria, nada se pode fazer a tal respeito; do consul em New-York não tive ainda resposta alguma, tendo-lhe ultimamente dirigido segunda via do meu officio.

Desejando realisar a grande medida que decretastes pela lei n. 230 de 20 de dezembro ultimo, publiquei em 16 de janeiro do corrente anno as bases juntas. E; sob cujas condições entendi que devia ser ella effectuada.

Apresentou-se-me o gerente da companhia de navegação e commercio do Amazonas, propondo-se a tomar sobre si a empreza, mas unicamente na parte relativa a navegação entre esta capital e a cidade de Cametá. Offerecendo essa parte da empreza vantagens, talvez independentemente de subvenção, e devendo servir de alguma maneira como de compensação as demais linhas, não annui aquella proposta, cujo resultado seria neutralisar de todo os beneficios que tivestes em vista, ligados principalmente á navegação entre esta capital e a ilha de Marajó; e como não apparecessem outros pretendentes mandei publicar as sobreditas bases nas provincias de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, mas por ora não appareceu ahi quem se propozesse a realisa-la. Ultimamente me foi dirigida pelo cidadão dos Estados-Unidos Thomaz Rainay, uma proposta para esse fim; porem a vista dos termos em que a mesma he concebida não me julguei autorisado a acceita-la, e para os conhecerdes devidamente e deliberardes a seu respeito como julgardes conveniente, ser-vos-ha ella apresentada.

Nestas circumstancias parece-me que não devemos contar por agora com capitaes particulares para a execução d'aquella medida, e que pois conviria que habilitasseis o governo da provincia com os meios necessarios para acquisição de um vapor afim de ser empregado na conducção do gado de Marajo para o abastecimento desta cidade; isto poderia ate concorrer para animar os grandes fazendeiros d'aquella ilha, que então conheceriam melhor seus verdadeiros interesses, a estabellecer no futuro igual meio de transporte para o gado de suas fazendas.

A não adoptardes esta idéa seria pelo menos preciso ampliardes a autorisação do artigo 3.º da citada lei n. 230 quanto a subvenção de que ahi se trata.

Pelo artigo 46 da lei do orçamento vigente determinastes que fossem vendidas as 50 acções da companhia de navegação e commercio do Amazonas pertencentes a esta provincia; antes porém de dar execução a esta disposição, foi de urgente necessidade entrar-se com a segunda prestação de reis 5:000$000, sem o que na fórma dos estatutos d'aquella companhia teria a provincia de perde-las. Feito isto mandei po-las a venda nesta capital e como corressem os annuncios, e o unico pretendente que appareceu não offerecesse vantagens, recommendei ao procurador da provincia na corte que as vendesse alli, depois de recebido o segundo dividendo; isto não se havia realisado ainda em 10 do mez passado; o primeiro dividendo já foi pago nesta cidade á razão de reis 6$000 por acção.

A venda da rocinha em que outr'ora esteve o collegio de Educandos artistas, effectuou-se com vantagem para os cofres publicos, pela quantia de reis 4:500$000, ficando assim cumprido o artigo 41 da lei acima mencionada.

A publicação e coordenação das leis e mais actos officiaes de que trata o artigo 36 da mesma lei citada, foi contratada repartidamente com as tres typographias: do *Treze de Maio, Aurora, e Diario do Grão-Pará*.

Na fórma da autorisação dada á presidencia pelo artigo 42 § 8.º dessa mesma lei, mandei entregar pelo thesouro publico provincial, ao cidadão André Cursino Benjamin, sobre fiança, a quantia de reis 500$000, para coadjuva-lo na impressão do seu Repertorio ou indice das leis provinciaes que se acha já no prelo.

Das desapropriações autorisadas pela resolução n.º 293 de 28 de dezembro ultimo, acha-se effectuada a do predio pertencente á D. Maria Carolina de Figueiredo e Vasconcellos na estrada de Nazareth; quanto aos de M. J. Rodrigues na mesma estrada, e dos herdeiros de Lavareda no Porto do Sal, cujos valores foram arbitrados para o primeiro em reis 300$000, e para o segundo em reis 8:700$000, promove-se os respectivos processos, que se acham em termos de serem julgados. Seria conveniente decretar-se tambem a desapropriação dó predio arruinado, pertencente aos herdeiros do commendador V. A. de Miranda, situado no largo da Sé, para demolir-se e regularisar-se o mesmo largo; e bem assim obter-se dos poderes geraes autorisação para ser desapropriada a parte do terreno e a pequena varanda do convento de S. Antonio, cuja demolição he necessaria para alargar-se e endireitar-se a rua, que vai do largo do mesmo ao do quartel do corpo de policia.

Sendo insufficientes as rondas de terra e mar para impedir o contrabando, que se faz em grande escala no espaço entre o porto do Sal e o Castello, determinei ha pouco ao thesouro publico e á capitania do porto, que dessem execução ao § 1.º do art. 14 da lei n. 183 de 9 de dezembro de 1850, em consequencia do que foram os proprietarios das casas alli situadas que tem cercas, varandas etc. para o mar, intimados para demoli-las no prazo de um mez; tanto mais que se acham ellas abusivamente collocadas em terrenos de marinhas. Esta providente medida de fiscalisação desagradará de certo aos interessados na continuação do contrabando.

Tendo officiado aos consules brasileiros nas diversas praças estrangeiras que com esta commerciam, pedindo-lhes a remessa dos documentos de que trata o § 1.º do art. e lei citados, obtive-os ha pouco dos de Cayenna, Lisboa, Liverpool, Havre, e Hamburgo, e enviei-os a thesouraria de fazenda e ao thesouro provincial para os devidos exames na alfandega e recebedoria.

Por portaria de 27 de março do corrente anno mandei sobr'estar na execução do art. 21 da lei n. 242 de 30 de dezembro do passado. Tomei esta deliberação em vista da petição e documentos que me foram apresentados por Manoel Gonçalves do Rego em abono de sua posse, e com os quaes me declarava que ia sustenta-la em juizo. Pareceu-me este com effeito o meio mais proprio e mais competente para solver a questão; todavia vós resolvereis difinitivamente a este respeito como julgardes mas acertado.

ADMINISTRAÇÃO DA FAZENDA.

O thesouro publico provincial acha-se actualmente melhor accommodado no pavimento terreo do palacio do governo, que, como ja vos disse, mandei preparar para esse fim; funcciona elle regularmente, porém os seus trabalhos tem crescido de anno para anno por tal forma, que o seu pessoal, apesar de ultimamente augmentado com alguns empregados, ja não basta para lhes dar expediente, quer na parte relativa á sua escripturação e contabilidade, quer a boa ordem do archivo, como tudo bem demonstrado se acha no relatorio do inspector dessa repartição, onde encontrareis tambem o quadro do pessoal, que na opinião do mesmo lhe he indispensavel.

Outro tanto se pode dizer a respeito da recebedoria, não só quanto ao accrescimo do serviço, mas tambem quanto ao numero de empregados necessarios para a boa arrecadação e fiscalisação da renda. O respectivo administrador, no seu relatorio appenso áquelle, indica o augmento de pessoal, que igualmente se faz preciso a' sua repartição, e algumas outras medidas de fiscalisação que julgo muito convenientes. Tendo-me requerido os seus empregados, que lhes mandasse pagar suas porcentagens, quando doentes, e não me julgando para isso autorisado, indefiri a sua pretenção, deixando-vos o dicidirdes se em taes circumstancias, devem elles perceber essa parte de seus vencimentos, como me parece ser de toda a justiça.

Releva aqui dizer, que os chefes de ambas as repartições acima referidas desempenham seus deveres com actividade e zelo.

O serviço das collectorias, com quanto alguma cousa melhorado, todavia esta' ainda muito longe de satisfazer as necessidades fiscaes nos diversos pontos do interior da provincia. Convem regularisa-lo melhor, e o relatorio citado do inspector do thesouro provincial vos póde orientar sobre algumas medidas, que se deve ter em vista para esse fim, e que ahi são cumpridamente fundamentadas.

A receita provincial realisada nos exercicios de 1852, 1853, e 1.º semestre do corrente foi a seguinte:

Em 1852	303:309$121
« 1853	488:820$894
No 1.º semestre de 1854	317:641$821

A despeza nesses mesmos exercicios e no dito semestre foi:

Em 1852	309:122$485
» 1853	297:801$933
No 1.º semestre de 1864	167:789$924

Da comparação das cifras da receita entre si resulta, que a de 1853 excedeu a do anno anterior em réis 185:429$773 e que a do 1.º semestre do corrente, não obstante a isenção de varios impostos, decretada na lei do orçamento vigente, chegou a quasi 7|10 da renda total daquelle anno. O progressivo augmento que tem tido a receita provincial, he devido pala maior parte ao meio dizimo sobre a gomma-elastica no desembarque e na exportação; só essas verbas tem contribuido n'aquelles periodos com as quantias seguintes:

	Meio dizimo no desembarque	Meio dizimo na exportação	Total.
Em 1852	45:676$564	44:829$980	90:506$544
« 1853	122:916$470	112:261$736	235:178$206
No 1.º semestre de 1854	123:076$412	122:846$612	245:923$024

Comparada a receita e a despeza do 1.º semestre do corrente anno, resulta o saldo de réis 149:851$897 que reunido ao de réis 305:802$759, que se reconheceu no fim do anno de 1853, e ao de réis 16:590$711 da caixa addicional do anno de 1852, prefaz o de réis 472:245$367: dos quaes réis 61:393$807 da caixa addicional ao anno de 1853 no fim do 1.º semestre do corrente, e réis 410:851$559 da caixa effectiva como se demonstra no relatorio do inspector do thesouro.

A receita para o anno financeiro de 1855 foi orçada por esta repartição em. . . . . . 483:464$000
e a despeza em. . . . . . 444:255$309
Saldo presumivel. . . . . 39:208$691

Este saldo, porém, que deverá ser muito superior, se a receita do segundo semestre do corrente exercicio guardar a devida proporção com a do primeiro, será ainda assim absorvido pelas consignações necessarias para se effectuarem as medidas e melhoramentos, que vos proponho neste relatorio, se merecerem ellas a vossa approvação.

A divida activa da provincia, segundo consta do relatorio do inspector do thesouro publico he de. . . . . . 149:073$364

A saber: Divida do ex-thesoureiro Antonio Dias Guerreiro. 73:651$289
Em execução incluidos 5:009$717 de impostos que se devem arrecadar em dobro. . 16:499$496
Por cobrar. . . 58:922$481
—149:073$364

Da quantia de reis 58:922$481 foi liquidada atfim de junho do corrente anno pela commissão noemeada em 22 de fevereiro ultimo, em virtude do § 4.º do artigo 42 da lei do orçamento vigente, a de reis 5:002$550, que, com a de 300$144 reis de juros de seis por cento da móra, prefaz a de reis 5:302$694. A essa commissão arbitrei pelo seu trabalho a gratificação de 12% das quantias que liquidar, repartidamente pelos seus membros.

Ao ex-thesoureiro Antonio Dias Guerreiro foi designado em 15 de fevereiro ultimo, por deliberação da junta do thesouro publico, e por autorisação minha, o prazo de seis mezes para apresentar, nos termos da moratoria que lhe foi concedida, o balanço e relatorio do estado de sua casa. Foram elles com effeito appresentados, e vão annexos ao relatorio d'aquella repartição: como porem são viessem em forma, foram lhe novamente exigidos dentro do mesmo prazo.

A divida passiva constante do quadro annexo a lei do orçamento vigente, na importancia de rais 20:789$787, acha-se reduzida depois dos ultimos pagamentos a reis 15:763$347, os quaes não tem sido pagos por não o haverem exigido os respectivos credores, alguns dos quaes tem já fallecido sem deixar successores ou herdeiros.

A maior parte pois desta mesma quantia tem de ficar prescriptae m o primeiro de janeiro de 1859.

CORREIO.

Com quanto seja esta uma repartição geral, todavia he tão intima a sua ligação com os interesses provinciaes, que julgo dever dar-vos uma ideia, ainda que de passagem, do estado em que ella se acha, e de suas principaes necessidades.

Seus trabalhos tem crescido e continuam a crescer de anno a anno, não sendo já sufficiente para a sua expedição e boa ordem o lugar em que funcciona, nem o seu pessoal, sobre tudo no que toca aos empregados necessarios para o serviço do mar, de modo que muitas vezes acontece entrarem e sahirem embarcações, principalmente das que navegam no interior da provincia, sem que o saiba aquella repartição. Procurei remediar este mal ordenando a capitania do porto, que não lhes permittisse a sahida sem se mostrarem desembaraçadas por alli.

Existem creadas agencias em Breves, Gurupá, Prainha, Santarem, Obidos, Cametá, Bragança e Macapá. A condução das malas das cinco primeiras he feita com regularidade pelos vapores da companhia do Amazonas; o serviço da de Cametá que já era soffrivelmente feito ficará perfeito mediante a navegação a vapor ultimamente estabelecida para ahi, pela referida companhia; quanto porem ao de Macapá e Bragança está muito longe de satisfazer as necessidades do publico e da administração; tratei de melhorar o primeiro ordenando que a canoa da Praça d'aquella villa fizesse duas viagens regularmente por mez á esta capital, e o da segunda ficara livre de estorvos e delongas com a abertura dá estrada de que já vos fallei.

Por vezes se tem annunciado á arrematação da condução das malas d'aquelles dous lugares, e como ninguem se propuzesse á mesma, determinei ao administrador do correio que a fizesse por administração na forma do respectivo regulamento; assim como para a da Vigia que se pretende estabelecer.

He de absoluta necessidade crear-se novas agencias, retribuir melhor os seus empregados, para que seja possivel have-los, e prover a repartição dos meios indispensaveis de communicação por agua, sem o que jamais poderá ella bem funccionar.

Sobre isto officiei ultimamente ao Exm. ministro do imperio e espero delle alguma providencia.

SECRETARIA DO GOVERNO.

Os trabalhos desta repartição tem sido feitos com regularidade não obstante o seu diminuto pessoal que consta do mappa junto n. 28. Se confrontardes este com o do seu expediente n. 29, desde o dia em que tomei posse da administração até o ultimo de julho findo, podereis bem calcular que esforços não terão sido precisos da parte de seus empregados para vencerem-no. He justo que melhoreis a sua sorte retribuindo-os com ordenados mais em relação com o serviço que sobre elles pesa, e com a carestia da subsistencia nesta cidade. No dito mappa n. 28 vos appresento a proposta que me parece adoptavel para esse fim, bem como para o augmento de seus empregados. Deveis comprehender facilmente que não he possivel continuar a secretaria do governo com um pessoal calculado para o seu expediente ha 16 annos. O accrescimo de despeza que resultará dessa medida será apenas de réis 2:348$ com o qual sem onerar-se o thesouro publico muito ganhará a administração.

Tendo-se deixado de reproduzir na lei do orçamento vigente o art. 8.º da lei n. 183 de 9 de dezembro de 1850, pelo qual ficaram pertencendo aos empregados desta repartição, os emolumentos que nella se cobram, e convencido de que não foi vossa intenção priva-los dos mesmos, até porque não lhe destes applicação em verba alguma do orçamento, determinei que se continuassem a receber ficando depositados em mão do official-maior até que deliberasseis ácerca de sua distribuição pelos mesmos empregados aos quaes devem em todo caso pertencer. O modo porém pelo qual até aqui tem sido estabelecida essa distribuição não me parece o mais razoavel, nem o mais conforme com a pratica seguido nas demais secretarias; entendo que deve ser feita com attenção ás cathegorias dos diversos empregados.

Seria igualmente conveniente, que autorisasseis a organisação de uma nova tabella para a cobrança desses emolumentos, porquanto a actual confeccionada em 1842 não só he defectiva em alguns pontos, como até tem suscitado duvidas na sua execução.

Tenho cumprido, senhores, o preceito da lei; dei-vos um esboço imperfeito do estado de cousas de vossa provincia, do pouco que me tem sido possivel fazer em seu beneficio no curto lapso da minha administração, e dos melhoramentos que ella mais urgentemente reclama. Se me faltam as forças necessarias para bem preencher a commissão com que me honrou o governo imperial, sobra-me a vontade; e no empenho de realisar as suas vistas beneficas e paternaes, e de cooperar quanto possa para preparar o grande futuro que espera e de que he digna esta bella parte do imperio, conto com o vosso apoio porque vos faço justiça; assim como deveis contar com o meu, porque vos assevero que he aquelle o meu unico desejo e o unico interesse a que aspiro como seu administrador.

Palacio do governo da provincia do Grão Pará 14 de agosto de 1854. — *Sebastião do Rego Barros.*

PERNAMBUCO.

COMARCA DE S. ANTAO'.

Villa da Escada 2 de janeiro de 1855.

Não pretendia eu, nem tão pouco esperava escrever-lhe tão depressa, e nesta resolução nem sequer pensava em ir antecipadamente redigindo e coordenando algumas lettras; eis senão quando apresenta-se-me o Faustino, offerecendo-se para a praça, e como os portadores que queiram ir ahi são incertos, inconstantes e até mesmo raros, aproveito o meu Cicerone, que he creatura de meu seio, para dirigir-lhe a presente, e dest'arte investigar de sua saude, dar-lhe as boas festas e prospera entrada do anno incipiente, devendo saber pois que o seu bem-estar he sempre para mim cousa de grande aprazimento. E como o não reconheço egoista, confesso-lhe que muito regosijei-me por ve-lo agraciado—official de rosa—pelo que dou-lhe os parabens.

O seu caboclo velho não tem passado muito bem, pois emquanto todos desfructavam das delicias da festa, entre folias e cantares, gemia eu sobre o meu pobre girão, aonde arrojou-me o malevolo rheumatismo para de uma vez fazer-me succumbir á força de incessantes e insoffriveis dores, ou quiçá para purificar-me de alguns peccadinhos; apezar de que diz a minha Andreza, que não foi senão pragas de alguns marrecos, cuja ogeriza me ha lançado anathemas e imprecações: em tal não creio eu. Mas o que he certo he que ainda agora mal posso menear esta penna, que á custo sustento; e se eu fosse tão cheio de prejuizos, como certos coetaneos que conheço, desde já deixaria de mão a tarefa de que sobrecarreguei-me tão de bom grado e espontaneamente; porém este gostinho he o que eu lhes não dou: ou hão de cohibir-se de máos feitos, ou po-los-hei desapiedadamente no olho da rua. Quem falla assim não engana.

Ha pouco o Faustino sahio á uma excursão pelos limites da freguezia, afim de obter algumas noticias, pois que nesta vizinhança está-se na maior esterilidade, porém quasi nada conseguio: no entanto passo a referir-lhe o que pode elle obter, e ninguem se agaste comigo, que o caso narro, como foi-me dito.

Antes porem que entre a noticiar-lhe, quero que me responda, (se sabe) qual o motivo porque, tendo-se elevado esta povoação á villa para commodo, utilidade ou vantagem local, isto he, de nós habitantes deste lugar, continuamos na mesma penuria, contigencia e dependencia? Qual o motivo porque ainda estamos soffrendo a falta do collector das rendas provinciaes? Qual o motivo porque ainda somos condemnados á recorrer a Victoria? Pois cria-se e preenche-se a collectoria geral, e entretanto a provincial fica só dependente de uma vontade, ou de um capricho?! Chamar-me-ha curioso, ou abelhudo; embora, desejo saber a razão, somos privados do que em identica circumstancia os demais gozam.

Vamos adiante.

Consta-me que, em uma das noites proximas passadas, por esta villa passou um audaz e formidavel gatuno, levando surripiados alguns escravos. O Cavalcanti soube, mas nenhuma providencia deu. O Sr. Cavalcanti vai de dia em dia afrouxando de sua primitiva energia: queixa-se (e tem razão) que não pode desempenhar cabalmente o seu cargo por deficiencia de recursos para as operações policiaes. Eu não cessarei de repetir e enunciar a extrema precisão que aqui temos de um destacamento, ou ao menos o Exm. Sr. presidente faça que algum dos ambulantes estenda as suas operações até cá, onde espero pilhará bons melros.

Tenho clamado, e clamarei para que sejamos remediados, ou sequer aligeirados desse mal, que nos opprime. Ouseremos nós os mais immerecedores, á cujas vozes sejam surdos todos os ouvidos, afim de que não se nos occorra com aquelles meios, cuja privação se nos faz evidentemente sensivel, já em relação á segurança individual, e já finalmente á moralidade publica, que tão altamente reclama os meios de sua manutenção?! A policia local (os ceroulas) são inhabeis e enexpertos para expurgar esta terrinha dos facinoras, que a infestam: no entanto devemos estar condemnados a tolerar com resignação a prepotencia dos magnatas e a malvadez dos sceleratos?! Oh! praza aos céos que não!

— João Leite, rendeiro ou lavrador do engenho Cachoeira, ou porque se julgasse autorisado, em razão de pertencer á familia de *perús de roda*, ou porque estivesse assenhoriado do grande e folgazão Baccho de quem he—Deos me perdôe! — (diz o Faustino) fiel e inseparavel adepto, acerrimo sectario, espancou com uma tabica a um rapazinho, cujo unico defeito he ser pobre, de bens e de espirito (e destes he o reino dos céos.)

O Sr. Leite se não contentou sómente com o attentado commettido, prosegue de mais a mais com provocações á familia do infeliz, andando constantemente cruzado de armas!... Soube que se está formando o processo, mas veremos o resultado, que provavelmente será: Quem apanhou e não deu, vá com Deos.

Ah! Sr. correspondente, como felizmente pertenço á classe dos proletarios, não posso deixar de indignar-me quando presencio tão ignobil procedimento, quando vejo ultrajado, (postergando-se as leis divina e humana) um homem, só porque esse homem he um desvalido!... Soffre este um acto da perversidade, estupidez, despeito, ou embriaguez daquelle—que fica incolume—, para quem a justiça não tem acção, a lei não tem energia nem vigor! E porque? Oh! porque! Pelo respeito a aquillo, ante quem se callam todas as considerações, attenções, dedicações—a riqueza, o dinheiro!!...

Sim, sem elle a virtude he pesquizada, a religiosidade he disfarçada hypocrisia, a amizade he embuste com a capa da lisonja. Onde falla a riqueza, calla humilde a justiça.

Leis em favor dos reis se estabelecem,
As em favor do povo só perecem.

Verdade incontestavel! verdade terrivel; mas de que temos todos os dias exuberantes e convenientes provas!

Não me pronuncio desta forma, porque haja observado falta de applicação de justiça por cá, mas sim pelo que hei testemunhado, e o que não desejo ver reproduzir-se neste lugar, onde as autoridades actuaes sabem comprehender e cumprir exactamente com os seus deveres: procuro só desperta-las, e desejo que sobre ellas não recaia o anathema publico, e menos que me proporcionem occasião de syndicar de suas acções.

Queixei-me, e assás penalisou-me o estado valetudinario em que apanhou-me a festa do Natal, obrigado a guardar uma rigorosa dieta, em lugar de entregar-me as profusões, que em taes tempos se nos offerecem; porém alguem houve que achou-se em peiores lençoes, portanto consolo-me dizendo como a ave engaiolada:

Antes gaiola que um tiro,
Antes penar que morrer.

Eis o caso.

Um portuguez por nome Antonio, que depois de isentar-se da tentação de ordenar-se, assumio á segundas nupcias, indo, ou mandando citar a um morador do engenho Vicente Campello, para este indemnisa-lo de certa quantia de que lhe era devedor, foi cruelmente espancado por mandado (diz Faustino) do Sr. Manoel Gonçalves, que tomou em ponto de honra, justiçar-se um seu morador sem seu obvio consenso!!! Não sei como qualificar tal proceder! Até que ponto subirão as prepontencias de taes e quejandos regulos!! *Dicant Paduani*.

Ahi estão as autoridades, e não desejamos, aliás faremos votos para que se não reproduzam por aqui semelhantes actos.

— Patricio, cujo patriotismo ignoro em que consisto, pardo, maltratou grosseiramente a sua propria consorte. Poz-se ao fresco immediatamente, e não sei do resultado final.

Quando eu já havia fechado a minha ultima enviada, recebi do meu amigo collaborador esta carta, que passo a transcrever-lhe tal qual:

I
Amice mi, mon compère,
Noticias minhas vou dar-vos,
E juntamente rogar-vos
Novas vossas m'envieis:
Ingrato não vos mostreis.

II
Aussi a vossa comadre
Lembranças á vós dirige,
De mais a mais ella exige,
Q'apresenteis com largueza
Saudar á comadre Andreza.

III
De saude vamos indo
Em nosso estado normal,
Mas não he em tudo igual;
Perseguindo aos pecurruchos
—Tosses, catarrhos, defluxos.

IV
Mormente o bello Pepê
(Pedrinho vosso afilhado),
Que sendo tão engraçado,
Hoje está tão bezuntão!
Feio, aborrido e chorão!

V
Sahindo estão-lhe os queixaes,
Q'os outros já são sahidos:
Padece dôr nos ouvidos,
Por sobre as demais masellas:
Te' na cabeça bostellas.

VI
Por mais q' hei-lhe applicado
A geral homéopathia,
(Que não passa d'agua fria
D'inculcados gafanhotos
—Como chamam-os alguns doutos—)

VII
Cada vez vão á peior:
Nem eu creio em tal patranha...
Tres oviculos de aranha,
Que effeitos podem ter?!
He por certo escarnecer!

VIII
Recorri ao nosso Caldas,
Cuja casa he uma botica;
Sendo por certo a mais rica,
Por sua variedade,
Q'ha nesta localidade.

IX
Além de corruptas drogas
Tem purgantes de mamona;
Pois esse picaro fona
P'ra o venha á nós he capaz
De vender a Satanaz.

X
Sua casa he de ferragem,
He taberna, adega, ou venda;
He botequim e he tenda:
Vende tambem safadezas,
Fazendas e miudezas.

XI
Quereis saber o que fez
Esse sandêo, esse astuto?
Impingio á um matuto,
—Sem remorso e sem murmurio—
Alvaiade por mercurio.

XII
Não he sómente ladrão
O que de pilhagem usa;
He mais aquelle que abusa
Da boa fé, sem ter pejo,
Só p'ra cumprir seu desejo.

XIII
Como pedio-me o Faustino
Certas noticias vos desse,
Emquanto elle estivesse
No balcão mais occupado,
Continuo á bom recado.

XIV
Deu o Caldas uma surra
Em uma sua negrinha,
Depois com certa mésinha
Q'elle mesmo lhe applicou,
Para logo a abrevion.

XV
Já vos fallei desse heroe:
Passo á certo mequetrefe,
Que c'um trumpho mangarefe,
Sem co' a sota s'importar,
Quer só c'o basto trumphar.

XVI
Não quiz tocar em tal mono,
Foi a penna, que errou;
Mas já que nelle tocou,
Proseguir he meu dever,
Dê lá emfim no que der.

XVII
Mas que direi desse moço?
Que he um bello arlenquim?
Um completo manequim?
Um dandy, um elegante?
Lord, gamenho, clubante?

XVIII
Tudo, nada, isto, aquillo!
Ah! vai levantar engenho,
Donde eu inferir venho,
Q'o cunho do seu dinheiro
Passa por ser *verdadeiro*.

XIX
Mas isto inda não he tudo
Melhores cousinhas ha!
De certos tempos p'ra cá,
Riquezas já não arrota:
'Sta fazendo banca-rota.

XX
Já não da por pão-de-lós
Vestidos a dous de fundo;
Cá já deve á todo o mundo...
Já não dá por *embingadas*
As louras e as encarnadas.

XXI
Tentou trocar um escravo
Do seu charissimo Lins,
Por notas, francos, sequins;
Com que o Lins enfiou,
E por fim arripiou.

XXII
O negocinho das sedulas
Tenho que mais lhe não rende;
Pois me consta que pretende
Vender o sobrado e casas...
Já o basto não faz vasas!

XXIII
O mesmo engenho q' ufano
Dizia ir levantar,
Veio por fim agourar.
Seus arrojos vãos e vis
Vão dar em vasa-barris.

XXIV
Meu compadre, aqui termino;
Que a minha cançada musa,
Vai-se tornando profusa,
Relevai tanta largura
Je suis le votre—Ventura.

A salubridade publica continua á bom andar.

O sol prosegue com rigor, tanto que os campos estão excessivamente crestados.

As carnes tem se conservado a 4$000 rs.; a farinha tem dado a 240 rs. á cuia; o milho a 200 e 240 rs.; o feijão a 600 e 640 rs.

Venturas, bons patacos e gordura lhe deseja

O Velho Aldeão.
(Carta particular.)

REPARTIÇAO DA POLICIA.

Parte do dia 11 de janeiro.

Illm. e Exm. Sr.—Participo a V. Exc. que, das differentes participações hoje recebidas nesta repartição, consta que foram presos:

Pela subdelegacia da freguezia de S. José, o segundo sargento do corpo de policia José Francisco Lavra, por haver dado duas estocadas em uma mulher, os pretos escravos Jeronymo e Miguel, este para ser castigado, e aquelle sem declaração do motivo, o pardo Miguel dos Anjos, por crime de roubo, e a parda Rita Norberta do Espirito Santo, por desordem.

Pela subdelegacia da freguezia da Boa-Vista, o preto escravo Antonio, por andar fugido.

Por officio de 23 de dezembro findo, participou-me o delegado do termo de Garanhuns, que no dia 6 fora assássinado no lugar Inhumas do primeiro districto do mesmo termo, Bazilio de tal, com uma pancada de olho de machado, por seu primo de nome Ferreira da Costa, que apenas perpetrou o delicto se poz em fuga. O mesmo delegado havia dado as providencias precisas para ser capturado o criminoso contra o qual se havia instaurado o competente summario.

O delegado do primeiro districto deste termo, vem de participar-me que tendo sido apprehendida pelo subdelegado da freguezia de Santo Antonio, a um balceiro uma nota falsa de dous mil réis de papel azul e estampa encarnada, e declarando o dito balceiro have-la recebido do alfaiate Cajú, estabelecido na rua Nova, immediatamente o mesmo subdelegado procedeu ao avarejo não só no dito estabelecimento, mas tambem nas lojas dos portuguezes Parente, Vianna e José Baptista Braga, que se tornaram suspeitos, sendo na mesma occasião varejada pelo delegado a casa em que nos Afogados mora o dito Cajú, o qual sendo interrogado declarou haver comprado uma balça de lenha e que por não ter nessa occasião dinheiro pedira 16$000 rs. emprestados ao portuguez Parente Vianna, com que pagara ao balceiro, cujo portuguez sendo tambem interrogado respondeu que era verdade ter feito o emprestimo da quantia referida, mas que se não lembrava de haver dado a sebredita nota falsa. A vista do que não se tendo conseguido descobrir cousa alguma continuava a delegacia na diligencia de empregar os convenientes meios para chegar a um resultado.

Deos guarde a V. Ex. Secretaria da policia de Pernambuco 11 de janeiro de 1855.— Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo presidente da provincia.—O chefe de policia, *Luiz Carlos de Paiva Teixeira.*

CORRESPONDENCIA.

Senhores redactores: — Havendo até o presente gosado de uma reputação sem nota, nesta praça, onde ha tantos annos commercio, não posso deixar de levar ao conhecimento do publico um facto que comigo acaba de dar-se e de que pude felizmente sahir confundindo completamente a quem quer que, convertendo-se em meu gratuito inimigo, resolveu offuscar o meu conceito.

No dia 9 do corrente foram varejadas a minha casa e a minha loja pelos senhores delegado e subdelegado, acompanhados de força de policia, pelo fundamento de existirem em meu poder sedulas falsas. Tendo-se procedido á buscas minuciosas, nada se encontrou e nem mesmo indicio algum de que me desse á humilhante trafico. Qual foi porém a origem desse procedimento da policia para comigo, que até hoje tenho vivido no goso de uma reputação illibada? Uma circumstancia mui simples; o haver eu feito á um barcaceiro de lenha o pagamento de 30$500, entre os quaes foi uma sedula de 2$ que se diz falsa por um Portuguez de nome Poças, com taberna na travessa do Rosario!

Sabem todos que, se o mercado se acha eriçado de sedulas falsas, não são estas por certo fabricadas nesta terra, e a experiencia e os processos teem demonstrado que não são Brasileiros os que regularmente se dão á um trafico tão infame.

Ficarei entretanto aqui, senhores redactores, tranquillo na minha consciencia e atirando á face do miseravel que ousou manchar-me com a infamia de que só elle seria capaz.

Dignem-se, senhores redactores, de dar publicidade ás presentes linhas em seu conceituado jornal, com ques ficará obrigado o etc.

Manoel do Amparo Cajú.

PUBLICACAÕ A PEDIO.

O CONSUL JOAQUIM BAPTISTA MOREIRA, E AS CONTAS DA HERANÇA RODRIGUES COSTA!!

Estamos a 11 de janeiro de 1855, e tendo decorrido mais de dous annos depois que falleceu o Portuguez Manoel Rodrigues Costa, deixando de herança mais de 120:000$ em bom dinheirinho, sedulas, titulos, ouro, prata e predios, do que tudo se metteu de posse o consul Joaquim Baptista Moreira em 10 de dezembro de 1852, até hoje não teem os herdeiros do finado, representados em Pernambuco por negociantes ricos e poderosos, podido arrancar da burra consular o restante da mesma herança, que talvez exceda a quantia de 60:000!! Como he isto, senhor consul portuguez? Como soffrer isto, senhor Jervis e senhor Rodrigo?

Na presença de factos taes e de arguições tão graves, documentadas e mesmo confessadas pelo consul que á ellas se conserva silencioso, não ousando chamar a responsabilidade á quem quer que seja o publicador de semelhantes arguições; como conservar o governo portuguez um empregado contra quem clamam centenares de portuguezes?! Será porventura necessario um exercito alliado, uma esquadra combinada para abrir brexa, demolir e lançar por terra um empregado a quem se póde com propriedade appellidar o *Sebastopol de carne e osso?*

Senhores ministros da corôa he já tempo de acordares aos brados da justiça, que clama pela destituição de um empregado, que não comprehende os fins de sua missão! Os Portuguezes não querem em paiz estranho, longe da sua patria, ter por curador um padrasto, que sobre não cuidar em seus deveres, nenhuma confiança lhes inspira.

Y.

VARIEDADE.

A FESTA DO ANNO BOM.

Desde a mais remota antiguidade, os povos do Indostão teem o costume de se reunirem no primeiro dia de cada anno: perdoam reciprocamente as suas offensas, visitam-se, desejam-se felicidades, e fazem presentes uns aos outros. Das numerosas ceremonias que outr'ora acompanhava esta festa, e que ainda se encontram vestigios em muitas provincias, citaremos a seguinte. Formavam diante do palacio do rei um alto e espaçoso tablado, guarnecido de uma balaustrada, e coberta com ricas tapecerias. Ao lado deste edificio, levantava-se outra de madeira ornado de madreperola, mas de menor tamanho. O principe e os seus ministros colocavam-se no primeiro; alguns radjas de distincção estavam no segundo. A um signal dado, as pessoas da côrte e o povo approximavam-se em attitude de profundo respeito, lançavam-se aos pés do monarcha, manifestavam-lhe expressões de reconhecimento por sua bondade, e retiravam-se recuando para traz. O principe praticava então actos de liberdade, dando empregos á uns e vestidos ou adornos a outros. Esta apresentação e permutas continuavam por espaço de dezoito dias, como para recomeçar o novo anno.

As festas do anno bom teem-se espalhado por todos os povos, e teem-se perpetuado até nossos dias.

Em Tong-King, os habitantes no ultimo dia do anno collocam diante de suas casas uma vara em cuja extremidade superior amarram um cesto ornado em roda com papeis pintados e dourados. Imaginam que estes papeis tem a virtude do affastar os máos espiritos, e de impedir que alguem seja infeliz durante o anno que vai começar. Tambem usam escolher esta occasião para se reconciliar com os seus inimigos. Neste mesmo dia celebram a memoria dos mortos illustres. Levantam pelos campos tropheos em que inscrevem os seus nomes, e altares para os sacrificios. Milhares de soldados são mandados para esta festa, na qual assiste o chefe da provincia com numeroso sequito de cortezões Logo que o principe se appresenta, procede-se aos sacrificios, queima se incenso em honra dos mortos, e recitâm-se preces appropriadas a occasião. Terminado esta ceremonia, o principe e os seus mandarius se inclinam profundamente quatro vezes diante de cada tropheo, e atiram quatro flexas contra os mortos que causaram disturbios contra o estado. As almas que foram invocadas para a solemnidade são então reenviadas para os seus aposentos celestes por descargas de artilharia; queimam-se os altares, os monumentos, os papeis dourados que os ornavam, e os assistentes retiram-se, alçando altos gritos. No dia seguinte, primeiro dia do anno, todos cuidam em se fecharem em suas casas; até os parentes evitam trocar alguma palavra entre si, e só se communicam no caso de absoluta necessidade, tanto receiam nesta occasião, fazer qualquer cousa, de exporem-se á qualquer toque, conversa ou vista de um objecto que ho considerado de máo agouro! Mas, nos dias seguintes, vão visitar os seus amigos, lhes dirigem felicitações pela entrada do novo anno, e lhes dão algumas dadivas.

A festa mais sumptuosa dos Chinezes he a da renovação do anno. Chamam-lhe o *fecha dos sellos*, porque as pequenas caixas aonde se guardam os sellos dos tribunaes são nessa occasião fechados com grande apparato. Desde este momento, todos os negocios cessam, os empregados do estado suspendem os seus trabalhos. Trocam-se então as visitas, as felicitações e os presentes. Um viajante descreve as ceremonias publicas que se fazem nesta festa, pela maneira seguinte: « A solemnidade começa na vespera a noite, na primeira apparição da lua. Primeiro que tudo sôa o grande sino do palacio imperial; rufam-se muitos tambores que só servem para esta occasião, e dão numerosas descargas de artilharia. Apoz disto, o povo reunido e os individuos de todas as classes manifestam a sua alegria, lançando fogos de artificios ao som dos instrumentos. A occupação dos sacerdotes, cujo numero he incrivel, he tocar clarim nos templos e nos claustros. No dia seguinte, todos se fecham em suas casas, como em Tong-King; e no dia immediato, ha grande repecção na côrte. As ruas enchem-se de procissões, que trazem estatuas de uma multidão de deoses; sendo precedidas e acompanhadas por um grande numero de *lamas* e sacerdotes com thuribulos e rosarios. Esta festa dura tres dias. »

Celebra-se no Japão a renovação do anno com grande solemnidade. O primeiro dia se passa em fazer visitas, em cumprimentos, em venerações, em homenagens reciprocas. As dadivas, que mutuamente se trocam, consistem principalmente em bocetas, contendo leques, nos quaes são atados pedaços de carne secca de wabi (*lauris maurina.*) O nome da pessoa que offerece o presente he inscrito sobre a tampa da boceta, afim que, a pessoa á quem he destinada possa saber donde vem; se ella se acha ausente, collocam-a sobre o lumiar da porta. Algumas vezes mandam presentes de arroz, tendo em cima um caranguejo, uma laranja ou uma couve artificial. O caranguejo he, segundo os Japonezes, o emblema da fecundidade, porque creem que as pernas tornam a crescer, quando as arrancam. Tambem acreditam ser um emblema da saude, por causa da sua cor encarnada. A laranja e a couve são para elles de um valor symbolico, em virtude da doce significação das palavras que designam estes dous vegetaes: o nome de laranja, *dai dai*, significa igualmente prosperidade; e o da couve, *sumi* se emprega alem disso no sentido de riqueza. O resto do mez he todo gasto em festins e divertimentos.

Semelhante costume se encontra até a extremidade da Siberia, entre as tribus dos Bratskains. Todos os annos este povo celebra uma festa que tem por objecto alcançar do céo um anno feliz e fecundo. A ceremonia começa ao romper do sol. Um sacerdote sustenta horisontalmente um ramo de betula dirigida para este astro, e, se ajoelhando, invoca os deoses em altas vozes. Outros dous estão de pé á seu lado, tendo cada um na mão uma tigella de madeira cheia de leite de besta e de aguardente. Ambos se dirigem para o lado do sol, lançando ao ar as tigellas com tudo que ella contem, entretanto, que o sacerdote que está ajoelhado recita alguma oração. A ceremonia se termina com o sacrificio de um carneiro que os sacerdotes e os assistentes dividem entre si os pedaços, e o resto do dia he consagrado á canticos, á dansas e á felicitações acerca da ventura que lhes ha de porvir da execução daquelle sacrificio.

O anno, que era no antigo Mexico, composto de dezoito mezes e vinte dias, se terminava por cinco dias de congratulações.

Durante estes cinco dias o povo se entregava á toda qualidade de prazeres. Os trabalhadores largavam as suas occupações; as lojas se fechavam; os tribunaes tinham ferias, e até os sacerdotes abandonavam os seus altares. No primeiro dia do novo anno, todos visitavam-se, dando dadivas uns aos outros, e entregavam-se á alegria, á dansa, aos banquetes, para compensar d'ante mão, segundo elles diziam, as tristezas e as miserias que lhes reservava o anno que ia começar.

Os Persas celebram com festas e presentes, o principio de cada anno. Davam uns aos outros dadivas de ovos pintados de differentes cores ou dourados, em allusão ao dogma dos magos, que o mundo havia sahido d'um ovo furado pela chifrada de um touro de Mitra.

Os Persas conservaram por longo tempo uma celebre festa cuja creação vem da mais remota antiguidade, a qual tinha lugar no dia do novo anno, sendo conhecida pelo nome de *Nauruz*, ou a nova luz. Na tarde do quinto dia, diz um historiador, levavam ao palacio um bello mancebo, que passava a noite na ante-camara do monarcha. Pela manhãa, entrava na camara sem ser annunciado. O principe perguntava-lhe quem elle era. O mancebo respondia: « Sou Almobarek, isto he, o abençoado. Venho da parte de Deos, e trago o novo anno. » Apenas acabava de prononciar estas palavras, e os chefes do povo entravam, trazendo todos na mão um vaso do prata, que continha differentes especies de grãos, uma canna d'assucar e duas peças d'ouro.

Estas offertas eram para o rei.

Ao terminar a ceremonia, traziam um grande pão; o principe comia alguns bocados e convidava aos assistentes a imitar o seu exemplo, dirigindo-lhes estas palavras. « Eis aqui um novo dia que he o começo de um novo mez, e de um novo anno. He justo que renovemos reciprocamente as boas obras afim que unamo-nos uns aos outros. » Depois, vestindo-se d'um manto real, lançava aos assistentes a sua benção, e os despedia com ricos presentes. Ainda encontram-se vestigios d'estes antigos usos entre os Persas d'hoje. O novo anno he festejado ainda por elles com muito esplendor. A troca dos ovos pintados e dourados he celebrada como no tempo dos magos. O shah destribue uma immensidade d'elles aos seus fidalgos. Luiz XIV, da mesma maneira, os dava no dia de Paschoa á todas as pessoas que se achavam presentes quando se levantava da cama pela manhãa. Os ovos, que nos paizes christãos, se davam no tempo da Paschoa, tem a sua origem na Persia; esta festa começava por longo tempo o anno nas nações christãs, as quaes conservaram até a seculo X outras muitas praticas do culto mitrico, mui espalhadas durante o baixo imperio. Na Russia, as festas de Paschoa tem conservado a mesma fórma que tinham quando começavam o anno. Visitam-se, abraçam-se e fazem presentes de ovos.

As ceremonias que terminam a época do pequeno beyran dos Turcos tem alguma semelhança com aquellas que se fazem em quasi todos os paizes, na occasião do primeiro dia, do anno; a festa para tres dias durante os quaes cessa todo trabalho; fazem-se visitas, dadivas e felicitações pela chegada do novo anno, e, depois da celebração do culto nas mesquitas, que he no ultimo dia da festa, abraçam-se, e perdoam-se as injurias que por ventura possam ter um do outro.

Os mahometanos da ilha de Java tem uma festa especial para celebrar o novo anno, conhecida pelo nome de *patti*. Eis aqui como elles procedem. Ornam de tapeceria as paredes, o soalho e o forro de uma sala. Na frente, e a alguma distancia da parede, armam um altar, sobre o qual se levanta uma columna cuja extremidade toca no forro, circumdado de tiras semelhantes a rendas ou de papel dourado e de sedas. Em baixo, collocam garrafas e ramalhetes de flores. Os homens, que se acham presentes a esta ceremonia, vestidos com roupas de seda ou de chita, assentam-se em almofadas com as pernas cruzadas. As mulheres collocam-se junto á porta. O altar he perfumado de incenso, e algumas tochas de cera amarella alumiam a este acto. Estando assim tudo arranjado, os sacerdotes cantam hymnos religiosos que os assistentes repetem em côro. Um dos officiantes lê depois differentes versiculos do Alcorão, aos quaes a assembléa responde de vez em quando em altas vozes. Durante a cantoria, uma ou mais pessoas presentes accompanham as vozes com uma rabeca. A ceremonia termina, todos se retiram, e vão visitar seus amigos, a' quem offerecem felicitações e dadivas de pouco valor.

A busca do visco de carvalho que tinha lugar no primeiro de janeiro, era, para os Gualezes, nossos antepassados assim como para todos os outros povos de origem cimbrica, um das festas mais solemnes. Em esta grande occasião, á chamada dos druidas, que faziam reunir os Gallos com o grito: *Auqui*, o anno novo, a nação toda inteira se dirigia para as florestas situadas entre Chartres e Dreux. A ceremonia começava por uma procissão. Os bardos, cujo principal emprego consistia em cantar hymnos nos sacrificios, formavam um só côro. Os antigos druidas seguiam: eram os sacrificadores e os prophetas. Um *arauto*, vestido de branco, coberto d'um ligeiro chapeo, e trazendo na mão um ramo de verbena com duas serpentes enroscadas, conduzia os noviços, isto he, os mancebos preparados para a iniciação. Os tres mais antigos druidas dirigiam-se emparelhados atraz dos noviços; um levava o pão que iam offertar; o segundo, um vaso cheio d'agua; o terceiro, uma mão de marfim fixada na extremidade d'uma vara. O rei pontifice, ou a grão sacerdote, tambem vestido de branco, caminhando a pé, fechava o cortejo com o resto dos druidas. A nobreza e o povo seguiam atraz d'elle. Quando a procissão chegava junto ao carvalho onde deviam cortar o visco, o grande saccerdote pronunciava uma oração, queimava o pão, espalhava a agua pelo, fogo distribuia um e outro aos assistentes, depois subia a arvore, cortava o visco com uma foucinha d'ouro, e o lançava na tunica d'um dos druidas, que o expunha sobre o altar á vista das pessoas devotas. Então o grão sacerdote descia, fazia uma outra oração, e terminava a ceremonia com o sacrificio de dous touros. Durante o dia, os druidas d'uma ordem inferior distribuiam ao povo, a titulo de dadivas pedaços de visco que o grão sacerdote tinha cortado. D'ahi vem o costume, sem duvida, de chamar o *anno do visco* os presentes que se fazem no primeiro dia do anno nos paizes religiosos.

Mas porque he que os druidas se entregavam todos os annos a busca do visco? Porque, logo que o haviam encontrado, iam elles cortar com esse instrumento? Em uma palavra, qual a significação que davão á esta ceremonia misteriosa? Tal he o problema que, até o presente, tem desafiado a sagacidade de todos historiadores, que por um acaso feliz nos he permittido dar a solução respectiva.

Não he só entre os Gaullezes que a religião druidica se achava estabelecida. Ella estava igualmente em vigor na Germania, na Bretanha e ha Scandinavia. A cidade d'Upsal e a ilha de Mona eram os principaes lugares dos seus collegios. Destruido na Gallia, na Germania e na grande—Bretanha, o culto druidico se conservou no norte até o seculo XII. Em esta época, os dogmas, os ritos, os preceitos, até então confiados á memoria dos iniciados, foram consignados por escripto no *Edda*, e foi permittido aos profanos levantar o espesso veo com que a iniciação se havia coberto. He ahi que achamos a explicação da busca do visco e da ceremonia que a terminava.

Ainda hoje encontramos vestigios deste uso religioso. Em alguns lugares junto a Bordéos mancebos extravagantemente vestidos vão em bandos, no primeiro de janeiro, cortar ramos de carvalho, de que fazem corôas, e voltão entoando cantigas que chamão *guilanus*. Em muitos lugares da alta Allemanha, he costume ir bater nas portas e nas janellas das casas, gritando, *Guthyl*! isto he, carvalho. Os povos de Hoistein e dos paizes vizinhos tem conservado á esta planta o nome de *marenta-Ren*, ramos dos espectros, devido sem duvida por causa das propriedades magicas que lhe attribuiam desde o tempo dos druidas pelos não iniciados. Os romanos tinham a mesma crença. Lê-se no Apuleo alguns versos do poeta Lelio nos quaes o carvalho he citado como uma das cousas que podem tornar um homem magico.

Durante o ultimo mez do anno, os antigos judeos se entregavam aos actos de devoção e de penitencia para expiação dos peccados que tinham commettido. O primeiro dia do novo anno era annunciado publicamente pelo som da trombeta: immediatamente todo trabalho era interrompido, e sacrificavam em holocausto a Deos um vitello, dous carneiros, e sette cordeiros, aos quaes ajuntavam offertas ordinarias de farinha e de vinho. Hoje, esta festa he solemnemente annunciada no interior das synagogas pelo som da trombeta. O sacerdote, encarregado de fazer retumbar este instrumento, se colloca no mesmo lugar onde se leem as leis. A tarde, quando voltam á synagoga, os judeos dirigem-se reciprocamente felicitações empregando estas palavras; « Sejais assignalado pelo bom anno. » o interlocutar responde: « E vos tambem. » Depois, cada um retira-se para sua casa e se faz servir de outros alimentos, como mel, pão de fermento, e de tudo que pode dar um anno abundante e feliz.

No primeiro dia das calendas de janeiro, os Romanos enviavam reciprocamente presentes, que elles chamavam *strenæ*, dadivas. Dizem que este costume tinha sido introduzido pelo rei Tatio, porque havia sido o primeiro que tinha colhido nos bosques sagrados da deosa Strenia, ramos verdes, presagio feliz do novo anno; e accresentavam que antigamente as dadivas consistiam unicamente de simplices ramos. Talvez que este uso fosse tomado á ceremonia do *corte* do carvalho entre as nações de origem cimbrica. Pelo correr do tempo, não praticaram mais pompa alguma; davam-se algumas vezes objectos de grande valor, e era preciso ser muito falto de fortuna para se limitar a offerecer figos, ameixas ou mel, que não fossem embrulhadas em uma folha d'ouro.

No tempo de Augusto, se introduzio o uso de dar, como na India, presentes ao imperador.

Ninguem julgava poder dispensar-se disto, nem o senado, nem os cavalleiros, nem o povo: O importe destas offertas era applicado a levantar estatuas que decoravam os templos. Mas o que não era então o effeito d'um sentimento de affeição ou de respeito tornou-se uma obrigação absoluta no reinado de Caligula. Este imperador publicou uma ordem que obrigava aos cidadãos a vir depositar as suas offertas, no primeiro de janeiro, no vestibulo do seu palacio; e nem pensou avilitar a dignidade da sua posição suprema exercendo elle mesmo o officio de collectar. Claudio renunciou este tributo tyrannico: conheceu quanto era injusto, seguindo os costumes dos seus predecessores; e temia ainda mais o resentimento do povo do que era avido e não do seu ouro.

Posto que Claudio houvesse reproduzido o edicto de Caligula ácerca das dadivas do primeiro do anno, os imperadores não deixaram todavia de recebe-las depois delle. As ceremonias usadas nesta occasião, misturavam-se com certas praticas que, nos primeiros seculos da igreja, fizeram despertar as piedosas susceptibilidades dos bispos. Estes prelados não desdenharam conferi-las em concilios, e prohibiram aos Cesares a faculdade de recebe-las para o futuro. O uso, entretanto se conservou entre o povo, e tem assim chegado até os nossos dias.

Os sacerdotes, tão escrupulosos no que dizia a respeito as offertas, não trepidaram em instituir na idade media a celebre festa dos doudos, que se celebrava no primeiro dia de janeiro, e que era de alguma maneira cheia de idéas pagãs.

Nesta occasião, reunidos aos clerigos, elles se ajuntavam em grande numero, elegiam ironicamente um papa ou um bispo, e o conduziam com pompa á igreja onde entravam dansando mascarados ou vestidos de mulheres, com trajos extravagantes ou sob a forma de animaes, como se praticava nas saturnaes de Roma, e, mais antigamente ainda, na India e no Japão, nas festas do começo ou no fim do anno. Cantavam versos obcenos, faziam do altar um aparador sobre o qual comiam e bebiam durante a celebração dos mysterios, alli jogavam á dados, queimavam em lugar de incenço, o couro das velhas sandalias; corriam, saltavam na igreja fazendo mil contorsões ridiculas. Depois, o clero que havia estabelecido esta festa, teve grande difficuldade em supprimi-la.

Alguns vestigios deste uso, menos as profanações, se tem conservado com especialidade na Suissa, e em Berne. He costume se mascararem na vespora do primeiro dia do anno, percorrendo as ruas em altos gritos, e de se entregarem depois aos prazeres da mesa, No dia seguinte, tem lugar, como em todas as partes a troca dos presentes

Sob a primeira raça dos nossos reis, era costume disfarçarem-se no primeiro dia do anno. Cobriam-se de pelles de animaes e particularmente as de viado e de bois. Neste dia não respeitavam cousa alguma do vizinho; nem até lhes davam lame. Cada um collocava diante da porta mesas abundantemente cheias de carne e outros alimentos destinados aos viandantes. Misturavam tambem nella presentes, sobre os quaes haviam feito conjurações para afastar sobre aquelles que se apoderavam delles, as desgraças que os poderiam ameaçar. Estes perfidos presentes que denominavam *dadicas diabolicas*, foram muitas vezes o objecto de censuras da igreja.

Antes da revolução franceza, as festas do primeiro de janeiro eram para a côrte uma cousa de estupenda grandeza. Muitos arruinavam-se com os sumptuosos presentes que faziam. Via-se o marquez de Choiseu, appellidado—o bom dansarino—para animar a sua esposa que morria d'uma molestia de languidez, dar-lhe no primeiro dia do anno, um adereço de diamantes que lhe havia custado quarenta mil francos.

Conta-se ainda que o marechal de Luxemburgo deu como dadiva um collar de cincoenta mil francos á sua neta, a duqueza de Lauzun. O cardeal Duboi, distribuia tambem magnificos presentes. As pessoas de sua casa só tinham a esse respeito motivos para elogia-lo, e até o seu mordomo a quem elle dizia regularmente todos os annos:

« Senhor, dou-vos o que me haveis roubado. »

(*Clavel*)

COMMERCIO.

PRAÇA DO RECIFE 11 DE JANEIRO AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Assucar branco someno—1$900 por arroba.
Dito mascavado escolhido—1$650 e 1$750 por arroba.
Frete para o Canal de Parahiba—a 50 e 5 % por arroba de assucar.
Descouto de lettras até 9 mezes—a 9 % ao anno.
Cambio sobre Londres a 90 dias—28 d.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 10. . . . . 98:997$927
Idem do dia 11 . . . . 23:141$710
122:139$637

Descarregam hoje 12 de janeiro.
Barca ingleza—*Rothezay*—bacalhão.
Barca americana—*Conrad*—farinha.
Brigue inglez—*Ann Porter*—carvão.
Brigue inglez—*Everton*—idem.
Brigue hamburguez—*Olava*—mercadorias.
Escuna prussiana—*Kennet*—idem.
Patacho portuguez—*Destino*—diversos generos.

Importaçao'.

Acrescimo do manifesto do brigue portuguez *Alegre*, que por engano não foi publicado.
20 barricas semeas; a Antonio Joaquim de Souza Ribeiro.
10 ditas ditas; a José Pereira da Cunha.
1 barrica gesso matte; a Moreira & Fragoso.
1 dita dito, 2 caixas drogas; a João Soum.
1 caixa, 2 barricas e 1 pacote drogas; a Vicente José de Brito.
2 saccas favas, 1 dita trigo, 1 presunto; a ordem.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 10. . . . . 12:627$363
Idem do dia 11 . . . . 3:981$435
16:608$798

ILEGÍVEL

MUTILADO

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 10	800$617
Idem do dia 11	180$900
	981$517

Exportacao'.

Genova, polaca sarda *Raphaelino*, de 244 toneladas, conduzio o seguinte: — 80 pipas aguardente, 1,038 vaquetas, 520 couros salgados, 1,670 saccos e 4 barricas com 8,358 arrobas e 12 libras de assucar.

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 1 a 10	2:297$178
Idem do dia 11.	283$453
	2:580$631

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 10.	22:457$748
Idem do dia 11	3:797$352
	26:255$100

MOVIMENTO DO PORTO.

Navios entrados no dia 11.

Terra Nova—35 dias, brigue inglez *Belle*, de 200 toneladas, capitão George Hartry, equipagem 12, carga 2,000 barricas com bacalhão, e 116 barris com vinho; a Mc. Calmont & Companhia.

Rio de Janeiro—22 dias, galera ingleza *City of Kandy*, de 392 toneladas, capitão Stephen Gwyther, equipagem 16, em lastro; a C. J. Astley & Companhia.

Assú—7 dias, hiate brasileiro *Castro*, de 54 toneladas, mestre Francisco de Castro, equipagem 6, carga sal e mais generos; a Domingos Alves Matheus. Passageiro, Francisco José dos Santos.

Navio sahido no mesmo dia.

Baltimore pela Cotinguiba—Hiate americano *Rosamond*, capitão N. L. Ellis, em lastro.

DECLARAÇO'ES.

CORREIO GERAL.

O brigue nacional *Hebe* recebe mala para o Rio de Janeiro hoje (12) do corrente ao meio dia.

— De ordem do Exm. Sr. director geral da instrucção publica, faço saber a quem convier, que está á concurso a cadeira de instrucção elementar do segundo gráo de Pão-d'Alho, com o prazo de 50 dias, contados da data deste. Directoria geral 9 de janeiro de 1855.—*Candido Eustaquio Cesar de Mello*, amanuense archivista.

— Pela delegacia do 1.º districto do Recife foi preso e recolhido á cadeia desta cidade o preto Boaventura, que diz ser escravo de José Antonio Gomes, morador na cidade de Nazareth. Outro sim foi apprehendido a um preto da Costa um relogio de ouro com corrente igualmente de ouro: quem fôr seu dono compareça munido de documentos legaes, que lhe será entregue. Delegacia deste 1.º districto do Recife aos 9 de janeiro de 1855.—O delegado, *F. B. de Carvalho.*

COMPANHIA DE SEGUROS.
EQUIDADE.
ESTABELECIDA NA CIDADE DO PORTO.
AGENCIA EM PERNAMBUCO, RUA DO TRAPICHE N. 26.

O abaixo assignado, agente nomeado desta companhia, e formalmente autorisado pela direcção, aceitará seguros maritimos em qualquer bandeira, e para todos os portos conhecidos, em vasos ou mercadorias, e sob suas respectivas condições; o elevado credito de que tem gosado esta companhia e as vantagens que offerece, fará convencer aos concurrentes da sua utilidade, o seu fundo responsavel he de mil contos de reis fortes: a quem interessar ou convier effectuar ditos seguros, poderá dirigir-se á rua acima citada, a *Manoel Duarte Rodrigues.*

AVISOS MARITIMOS.

PARA O CEARA'

segue nestes dias o hiate *Correio do Norte*, ainda recebe carga: a tratar com Caetano Cyriaco da C. M., ao lado do Corpo Santo n. 25.

PARA O RIO DE JANEIRO

o hiate *Venus*, recebe carga e escravos a frete: trata-se com Caetano Cyriaco da C. M. ao lado do Corpo Santo n. 25.

— A barca «Gratidão» segue viagem impreterivelmente no dia 19 para Lisboa: quem na mesma quizer ir de passagem, para o que tem bons commodos, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

MARANHA'O E PARA'.

Segue em poucos dias o hiate nacional «Adelaide», ja' tem a maior parte da carga engajada: para o resto e passageiros trata-se com o consignatario J. B. da Fonseca Junior rua do Vigario n. 4.

— Para o Rio de Janeiro pretende sahir com a possivel brevidade o patacho nacional «D. Pedro V»: para carga e escravos a frete, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

— Para o Porto, segue impreterivelmente a viagem no dia 17 do corrente, a veleira galera *Braharense*: quem nella quizer carregar ou ir de passagem, para o que tem os mais aceiados commodos, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

PARA O RIO DE JANEIRO.

Espera-se do Assú por estes dias a barca brasileira *Imperatriz do Brazil*, a qual seguirá para o Rio de Janeiro um dia depois da sua chegada, e só recebe escravos a frete e passageiros, para o que tem excellentes commodos: a tratar na rua do Trapiche n. 14, com o consignatario Manoel Alves Guerra Junior.

— Para o Porto pretende sahir com a maior brevidade o brigue portuguez *Bom Successo*, de primeira marcha: quem no mesmo quizer carregar ou ir de passagem, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o Sr. Manoel Gomes dos Santos Sena, capitão do mesmo, na praça.

— Para a Bahia segue em poucos dias por ter a maior parte da carga a bordo, a veleira e bem conhecida sumaca «Hortencia», da qual he capitão Sebastião Lopes da Costa: para o resto da carga trata-se com seu consignatario Domingos A. Matheus, na rua da Cruz n. 54.

PARA A BAHIA

Sahira' impreterivelmente no dia 14 do corrente o patacho «Alfredo», pode receber alguma carga para completar o seu carregamento: trata-se com o consignatario J. B. da Fonseca Junior, rua do Vigario n. 4.

RIO DE JANEIRO.

O brigue nacional «Damão» segue no dia 14 do corrente, só recebe escravos e passageiros: trata-se com Machado e Pinheiro na rua do Vigario n. 19 segundo andar.

— Para o Rio de Janeiro sahe com muita brevidade o muito veleiro brigue «Recife» o qual ja' tem prompta a maior parte do seu carregamento, para o restante e passageiros trata-se com Manoel Francisco da Silva Carriço na rua do Collegio n. 17 segundo andar, ou com o capitão Manoel José Ribeiro.

PARA O ARACATY.

Segue em poucos dias o bem conhecido hiate *Capibaribe*, de primeira marcha, pregado e forrado de cobre: para o resto da carga, trata-se na rua do Vigario n. 5.

LEILO'ES.

— O agente Borja, de ordem do Illm. Sr. Dr. juiz do civel e commercio, Custodio da Silva Guimarães, a requerimento do curador fiscal da massa fallida de Victorino & Moreira, fara' leilão da loja de miudezas, que foi daquelles senhores, sita na rua dos Quarteis n. 22, e não tendo lugar quarta feira 10, fica transferido para sabbado 13 do corrente, as 10 horas em ponto, pelo maior preço que for offerecido.

Hoje as 10 horas e meia da manhãa o agente Victor fará leilão no seu armazem da rua da Cruz n. 25, de grande sortimento de obras de marceneria novas e usadas, de differentes qualidades, charutos de Havana, ditos da Bahia, e outros muitos objectos: ao meio dia em ponto se venderá tambem um escravo possante, de idade de 30 e poucos annos, e juntamente um cavallo alazão muito novo bom trotador, proprio para carro.

— Timm Mousen & Vinassa farão leilão por intervenção do agente Oliveira, de grande sortimento de fazendas ultimamente importadas e despachadas, e as mais proprias do mercado; segunda-feira, 15 do corrente, as 10 horas da manhãa, no seu armazem, largo do Corpo Santo.

AVISOS DIVERSOS.

— O Sr. residente na rua da Senzala, casa n. 70, que annunciou no *Diario* de hoje n. 8, querer comprar porção de prata, tanto nova como velha, querendo comprar um grande taboleiro e um apparelho de chá inteiro, tudo daquelle metal e tudo contrastado, obra do Porto, póde vir ver e ajustar na rua da Aurora n. 34, residencia de José Vieira Lima.

CONSULTORIO DOS POBRES
25 RUA DO COLLEGIO 1 ANDAR 25.

O Dr. P. A. Lobo Moscozo dá consultas homeopathicas todos os dias aos pobres, desde 9 horas da manhãa até o meio dia, e em casos extraordinarios a qualquer hora do dia ou noite.

Offerece-se igualmente para praticar qualquer operação de cirurgia, e acudir promptamente a qualquer mulher que esteja mal de parto, e cujas circumstancias não permittam pagar ao medico.

NO CONSULTORIO DO DR. P. A. LOBO MOSCOZO.
25 RUA DO COLLEGIO 25
VENDE-SE O SEGUINTE:

Manual completo de meddicina homeopathica do Dr. G. H. Jahr, traduzido em portuguez pelo Dr. Moscozo, quatro volumes encadernados em dous e acompanhado de um diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc. . . . . . 20$000

Esta obra, a mais importante de todas as que tratam do estudo e pratica da homeopathia, por ser a unica que contém a base fundamental d'esta doutrina—A PATHOGENESIA OU EFFEITOS DOS MEDICAMENTOS NO ORGANISMO EM ESTADO DE SAUDE—conhecimentos que não podem dispensar as pessoas que se querem dedicar á pratica da verdadeira medicina, interessa a todos os medicos que quizerem experimentar a doutrina de Hahnemann, e por si mesmos se convencerem da verdade d'ella: a todos os fazendeiros e senhores de engenho que estão longe dos recursos dos medicos: a todos os capitães de navio, que uma ou outra vez não podem deixar de acudir a qualquer incommodo seu ou de seus tripulantes: a todos os pais de familia que por circumstancias, que nem sempre podem ser prevenidas, são obrigados a prestar *in continenti* os primeiros soccorros em suas enfermidades.

O vade-mecum do homeopatha ou traducção da medicina domestica do Dr. Hering, obra tambem util ás pessoas que se dedicam ao estudo da homeopathia, um volume grande, acompanhado do diccionario dos termos de medicina . . . . . . 10$000

O diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc., encardenado. . . 3$000

Sem verdadeiros e bem preparados medicamentos não se pode dar um passo seguro na pratica da homeopathia, e o proprietario deste estabelecimento se lisongeia de te-lo o mais bem montado possivel e ninguem duvida hoje da grande superioridade dos seus medicamentos.

Boticas de 24 medicamentos em globulos, a 10$, 12$ e 15$000 rs.

Ditas 36	ditos	a . . .	20$000
Ditas 48	ditos	a . . .	25$000
Ditas 60	ditos	a . . .	30$000
Ditas 144	ditos	a . . .	60$000
Tubos avulsos			1$000
Frascos de meia onça de tinctura			2$000

Na mesma casa ha sempre á venda grande numero de tubos de crystal de diversos tamanhos, vidros para medicamentos, e apromptase qualquer encommenda de medicamentos com toda a brevidade e por preços muito commodos.

—Novos livros de homeopathia em francez, obras todas de summa importancia:

Hahnemann, tratado das molestias chronicas, 4 volumes. . . .	20$000
Teste, molestias dos meninos	6$000
Hering, homeopathia domestica. . . .	7$000
Jahr, pharmacopéa homeopathica. . . .	6$000
Jahr, novo manual, 4 volumes	16$000
Jahr, molestias nervosas.	6$000
Jahr, molestias da pelle.	8$000
Rapou, historia da homeopathia, 2 volumes	16$000
Harthmann, tratado completo das molestias dos meninos.	10$000
A Teste, materia medica homeopathica. .	8$000
De Fayolle, doutrina medica homeopathica	7$000
Clinica de Staoneli	6$000
Casting, verdade da homeopathia. . . .	4$000
Diccionario de Nysten	10$000
Atlas completo de anatomia com bellas estampas coloridas, contendo a descripção de todas as partes do corpo humano . .	30$000

vedem-se todos estes livros no consultorio homeopathico do Dr. Lobo Moscoso, rua de Collegio n. 25, primeiro andar.

PUBLICAÇAO' DO INSTITUTO HOMEOPATHICO DO BRASIL.
THESOURO HOMEOPATHICO OU VADE-MECUM DO HOMEOPATHA.

Methodo conciso, claro e seguro de curar homeopathicamente todas as molestias que affligem a especie humana, e particularmente aquellas que reinam no Brasil, redigido segundo os melhores tratados de homeopathia, tanto europeos como americanos, e segundo a propria experiencia, pelo Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho. Esta obra he hoje reconhecida como a melhor de todas que tratam da applicação homeopathica no curativo das molestias. Os curiosos, principalmente, não podem dar um passo seguro sem possui-la e consulta-la. Os pais de familias, os senhores de engenho, sacerdotes, viajantes, capitães de navios, sertanejos etc. etc., devem te-la a mão para occorrer promptamente a qualquer caso de molestia.

Dous volumes em brochura por	10$000
» » encadernados	11$000

vende-se unicamente em casa do autor, no palacete da rua de S. Francisco (Mundo Novo) n. 68 A.

J. JANE, DENTISTA,
continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

AULA DE LATIM.

O padre Vicente Ferrer de Albuquerque, professor jubilado de grammatica latina, tem estabelecido sua aula particular na rua Direita sobrado n. 27, segundo andar, onde recebe todos os alumnos, quer externos ou internos, tanto desta praça como do mato, mediante a razoavel convenção que pessoalmente offerecera'.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, estabelecido na rua larga do Rosario n. 36, segundo andar, colloca dentes com gengivas artificiaes, e dentadura completa, ou parte della, com a pressão do ar. Tambem tem para vender agua dentifrice do Dr. Pierre, e pó para dentes. Rua larga do Rosario n. 36 segundo andar.

— O Sr. procurador da camara municipal do Limoeiro, haja de mandar pagar a assignatura do «Diario de Pernambuco», para a mesma camara, que se acha em grande atrazo de pagamento.

— O Sr. Antonio Ferreira da Costa Braga tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

— O Sr. Joaquim Ferreira que teve loja na pracinha do Livramento tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

— L'iride Italiana, revista artistica, scientifica e litteraria, debaixo do immediato patrocinio de S. M. o Imperador, redigida em duas linguas pelas mais conhecidas capacidades do imperio, e dirigida pelo professor A. Galeano-Ravara. Subscreve-se em Pernambuco, na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

Loteria da Provincia.

O cautelista Antonio Ferreira de Lima e Mello, avisa ao publico que tem as suas cautellas da loteria da amoreira e criação do bicho da seda, que corre no dia 13 de janeiro, no Recife loja n. 11, rua do Rosario n. 26, dita Direita n. 62, aterro da Boa-Vista n. 58, na povoação do Monteiro em casa do Sr. Nicoláo, e em sua loja rua Nova n. 4, pelos preços abaixo declarados.

Bilhetes	5$000
Meios	2$800
Quartos	1$500
Decimos	700
Vigesimos	400

COMPANHIA PERNAMBUCANA DE VAPORES.

O conselho da direcção, de conformidade com o art. 4.º, tit. 1.º dos estatutos da companhia, convida aos senhores accionistas a realisarem mais 15 % sobre o numero de acções que subscreveram até 15 de janeiro de 1855, afim de serem feitas com regularidade para Inglaterra as remessas de fundos com que tem de attender os prazos do pagamento do primeiro vapor em construcção; os pagamentos devem ser feitos em casa do Sr. F. Coulon, rua da Cruz n. 26.

— Na rua das Cruzes n. 40, taberna do Campos, ha das melhores e mais modernas bichas hamburguezas para vender-se em grandes porções e a retalho, e tambem se aluga.

— O abaixo assignado, professor particular de instrucção elementar do segundo grão, residente no terceiro andar da casa n. 58 da rua Nova, participa ao respeitavel publico e maxime aos senhores pais de seus alumnos, que abre sua aula a 15 do corrente, e nesse mesmo recinto lecciona tambem a lingua latina e franceza a alumnos internos e externos. Declara portanto que tem sempre prodigalisado esmero no adiantamento de seus discipulos, como póde provar com o termo de exames, tanto do anno proximo passado como dos anteriores.

José Maria Machado de Figueiredo.

— Precisa-se de uma ama para comprar e cozinhar para uma casa de pouca familia: na travessa da Concordia, indo para a cadeia nova, n. 17.

— Precisa-se de uma preta escrava, de boa conducta, para tratar de uma criança: quem a tiver e quizer alugar, dirija-se ao sobrado n. 8 da rua de S. Francisco, ou ao porteiro da alfandega desta cidade, na mesma repartição.

Casa de educação.

Jeronymo Pereira Villar, devidamente autorisado, abrio de novo em 8 do corrente a sua aula de instrucção primaria, na rua larga do Rosario n. 16, á qual reunio outra de lingoa latina, dirigida pelo Sr. Profiro da Cunha Moreira Alves, professor publico do bairro da Boa-Vista, e um curso de lingoa franceza, professado pelo Sr. Dr. José Soares de Azevedo, lente cathedratico do lyceu.

— Rodrigo José Leitão portuguez, retira-se para a cidade do Porto.

— Precisa-se de duas amas, uma de leite e outra secca que seja de meia idade, para casa de pouca familia, para engommar e cozinhar: na rua das Cruzes n. 20.

— Precisa-se alugar uma preta captiva para uma casa de pequena familia, que cozinhe: na rua do Sebo n. 42.

LOTERIA DA PROVINCIA.

Aos 5:000$000, 2:000$000, 1:000$000.

O cautelista Antonio Rodrigues de Souza Junior avisa ao respeitavel publico, que os seus bilhetes e cautelas não soffrem o desconto dos oito por cento nos tres premios grandes, os quaes se acham á venda nas seguintes lojas: praça da Independencia n. 4, do Sr. Fortunato, 13 e 15 do Sr. Arantes, e 40 do Sr. Faria Machado; rua do Queimado n. 37 A, do Sr. Freire; rua da Praia, loja de fazendas do Sr. Santos; rua larga do Rosario n. 40, do Sr. Manoel José Lopes; e praça da Boa-Vista, loja de cera do Sr. Pedro Ignacio Baptista, cuja loteria tem o seu andamento infallivel em 13 do futuro janeiro.

Bilhetes	5$500	recebe por inteiro	5:000$000
Meios	2$800	»	2:500$000
Quartos	1$500	»	1:250$000
Oitavos	800	»	625$000
Decimos	700	»	500$000
Vigesimos	400	»	250$000

— Lava-se e engomma-se com toda a perfeição e aceio: no largo da ribeira de S. José, na loja do sobrado n. 15.

— Aluga-se um bom armazem, na rua da Praia n. 76: a tratar na rua do Collegio n. 15, ou com o proprietario, no sitio do Manguinho.

— Aluga-se uma excellente casa de sobrado á margem do rio Capibaribe, na Ponte de Uchôa, confronte ao sitio do Sr. Barão de Beberibe; a tratar na rua do Collegio n. 15, ou na Ponte de Uchôa, casa do proprietario Francisco Antonio de Oliveira.

— O Sr. João Nepomuceno Ferreira de Mello, que mora para o Salgadinho, queira mandar receber uma encommenda na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

NO GELLO,

existe 5 barris com maçães, os quaes se abrem á vista do comprador.

ARMAÇÃO E LOJA.

Traspassa-se a chave e armação de uma casa propria para fazendas, miudezas, outro qualquer negocio, na rua da Cadeia do Recife. Vende-se tambem a armação e balcão de uma taberna, tudo isto trata-se no Recife, rua da Cadeia, ns. 18, 23.

— Na rua estreita do Rosario n. 11, ainda existe o resto das bellas maçães, preços commodos.

FABRICA DE SABA'O.

Continua no seu trabalho e acha-se aberto um deposito na rua da Senzala velha n. 140, aonde acharão sempre do muito acreditado sabão amarello, cinzento e preto, os preços serão sempre o mais commodo possivel: trata-se com Delfino Gonçalves Pereira Lima no mesmo deposito.

— O escripturario da companhia de Beberibe encarrega-se de comprar e vender acções da mesma companhia: na rua Nova n. 7 primeiro andar.

— Deseja-se fallar ao Sr. Alexandre Maclou Tessier, vindo de Lisboa no anno de 1841, pouco mais ou menos, ou a alguem por elle, e consta ter estado no engenho Saué: na rua do Vigario n. 7.

— L. Delouche faz saber ao respeitavel publico, principalmente aos seus freguezes, que acaba de comprar a relojoaria de Mr. Lacaze, na rua Nova n. 22, para onde já transferio o seu estabelecimento, convidando-os a que ahi o procurem, na certeza de terem-no sempre prompto a desempenhar o seu trabalho de maneira a satisfazer a confiança nelle depositada.

— Joaquim Lobato Ferreira embarca para o Rio de Janeiro o seu escravo, crioulo, de nome Seraphim, official de pedreiro.

— Quer-se alugar uma ama para casa de pouca familia, que saiba cozinhar o diario, engommar e ensaboar: na rua do Cotovello adiante da casa do finado Sette, defronte do sobrado onde morou o Dr. Alcoforado.

— Precisa-se de uma ama com bom e bastante leite, e seja forra: na rua larga do Rosario n. 16, sobrado de um andar, junto a padaria do Sr. Manoel Antonio de Jesus.

— Aluga-se uma casa terrea na Boa-Vista, na rua dos Coelhos, com 6 quartos, 2 salas, cozinha fóra, concertada e pintada de novo: quem a pretender, dirija-se á rua do Queimado, loja n. 10.

— A viuva de Fortunato Correa de Menezes roga a todos os seus devedores tenham a bondade de virem satisfazer seus debitos na praça da Independencia n. 17. A mesma declara que a unica pessoa encarregada do dito recebimento he seu mano Thomaz José Marinho.

— Do primeiro andar da rua do Cabugá n. 1 B, furtou-se um relogio de ouro de vidro, horisontal, n. 9823: quem o achar, leve-o á sua do Cabugá, loja de 4 portas n. 1 B, que será bem recompensado.

— Offerece-se um rapaz brasileiro para caixeiro de qualquer estabelecimento, excepto taberna ou padaria, o qual da fiador de sua conducta: quem o pretender, annuncie por este jornal.

Agencia de passaportes, titulo de residencia e folhas corridas.

Claudino do Rego Lima, despachante pela repartição da policia, despacha passaportes para dentro e fóra do imperio, titulo de residencia e folha corrida, por preço commodo e com presteza: na rua da Praia, primeiro andar n. 43.

— Uma pessoa habilitada a' ensinar primeiras lettras se offerece a dar lições em casas particulares: quem quizer utilisar-se do seu prestimo pode dirigir-se a esta Typographia que se dira' quem he.

— O bilhete inteiro da 1.ª parte da 1.ª loteria da cultura da amoreira e criação do bicho de seda n. 2197, pertence ao Illm. Sr. Deocliciano Ernesto de Albuquerque, da cidade do Aracaty, provincia do Ceara, cuja loteria está annunciado ter o seu andamento no dia 13 do corrente.

— Quem annunciou comprar o curso de geometria, trignometria, e elementos de algebra, procure na rua do Rangel n. 22, a qualquer hora do dia. Na mesma casa se vendem varios livros usados, tanto espirituaes como em direito para toda a Asia. Tambem se vendem saccas com farinha por commodo preço, uma porção de madeira para obra, uma rotula nova, um benco de carapina, novo, uma caixa com ferramenta do mesmo officio, tudo em conta no preço.

— Precisa-se de um preto escravo, de meia idade, e boa conducta, que entenda de compras de rua e de serviço de casa: quem o tiver e quizer alugar, dirija-se á rua Direita n. 12, segundo andar, ou no aterro da Boa-Vista, sobrado de um andar n. 80.

— A pessoa que se achar doente e que se queira tratar, fazendo as despezas, dirija-se á rua da Senzala Velha n. 88, para ajustar com a pessoa que o tem de tratar, com toda perfeição e amor.

— O padre João Capistrano de Mendonça, professor de geographia, chronologia e historia do lyceu desta cidade, pretende abrir no 1. de fevereiro um curso particular de rethorica, e outro de geographia para todo o anno lectivo: os senhores estudantes que os quizerem frequentar, poderão dirigir-se a casa n. 51 da rua Nova, a qualquer hora, afim de darem seus nomes á matricula.

— Traspassa-se uma hypotheca em um pequeno sitio distante da praça duas leguas, do valor de 500$ rs.; na rua do Livramento, botica n. 22.

— Quem precisar de um caixeiro para taberna ou outra qualquer arrumação, mas de taberna he que tem bastante pratica, dirija-se a rua de Hortas n. 15, taberna.

GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA.

Por ordem da directoria roga-se aos Srs. accionistas, que conservam em seu poder livros além do prazo marcado para a leitura, se dignem recolhe-los á bibliotheca no prazo de 8 dias.—*M. F. de Souza Barbosa*, segundo secretario.

O BRASIL MARITIMO.

Até o dia 15 deste mez acha-se aberta nesta typographia a renovação de assignatura do segundo anno deste interessante periodico, dedicado unicamente á propagação dos conhecimentos maritimos, organisação e administração etc. da marinha de guerra e mercante nacional, sendo redigido pelo Sr. tenente da armada Euzebio José Antunes, auxiliado pela collaboração de algumas pessoas illustradas da mesma corporação. Publica-se duas vezes por mez em dias indeterminados, contendo 12 paginas em quarto, sendo 8 destinadas ás materias do programma, e 4 exclusivamente á publicação das regras internacionaes e diplomacia do mar de Ortolan, obra esta assás importante e necessaria á todos que sulcam os Oceanos. O custo da assignatura he de 5$000 annuaes pagos adiantado, e de 8$000 para os senhores subscriptores que quizerem possuir quasi todo o primeiro volume da obra referida, já annexa ao primeiro anno do periodico.

LEITURA REPENTINA.
METHODO CASTILHO.

A escola se acha transferida para a rua larga do Rosario n. 48, principia a leccionar no dia 8 de janeiro, As lições para as pessoas occupadas de dia serão das 7 a's 9 da noite.

—Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar e fazer as compras para uma mui pequena familia: na rua da Conceição n. 9; prefere-se escrava.

— São convidados os senhores accionistas da companhia para o estabelecimento da fabrica de tecidos de algodão nesta cidade, para comparecerem na casa do banco desta mesma cidade, pelas 11 horas da manhãa do dia 15 do corrente mez de janeiro, para se tratar, não só da nomeação provisoria da directoria da mesma companhia, como da commissão, para organisação dos estatutos e da petição a S. M. o Imperador, para se pedir a encorporação da mesma companhia e confirmação dos seus estatutos.

— Dão-se a fazer caixilhos de empreitada: na obra da rua do Crespo.

LOTERIA DA PROVINCIA.

Aos 5.00$000, 2:000$000, 1:000$000.

O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira avisa ao respeitavel publico, que a loteria corre indubitavelmente sabbado, 13 do corrente mez, as 10 horas da manhãa, no consistorio da igreja da Conceição dos Militares. Os seus afortunados bilhetes e cautelas estão isentos do imposto de oito por cento nos tres primeiros grandes premios, e estão á venda nas lojas seguintes: rua da Cadeia do Recife n. 24, loja de cambio do Sr. Vieira; lojas de miudezas n. 31 de Domingos Teixeira Bastos, e n. 45 de José Fortunato dos Santos Porto; na praça da Independencia, loja de calçados n. 37 e 39 de Antonio Augusto dos Santos Porto; rua do Queimado, lojas de fazendas de Manoel Florencio Alves de Moraes n. 39, e de Bernardino José Monteiro & Companhia n. 44; rua do Livramento, botica de Francisco Antonio das Chagas; rua do Cabugá n. 11, botica de Moreira & Fragoso; rua Nova n. 16, loja de fazendas de Jose Luiz Pereira & Filho; e no aterro da Boa-Vista n. 72 A, casa da Fortuna de Gregorio Antunes de Oliveira.

Bilhetes	5$500	recebera por inteiro	5:000$000
Meios	2$800	«	2:500$000
Quartos	1$500	«	1:250$000
Oitavos	800	«	625$000
Decimos	700	«	500$000
Vigesimos	400	«	250$000

— Os dous bilhetes inteiros n. 3198 e 3994 da loteria da Amoreira e criação do bicho de seda desta provincia, o abaixo assignado declara que pertencem a Manoel Dias Fernandes.

Firmino Moreira da Costa.

— Avisa-se ao respeitavel publico, que na rua da Gloria n. 106 ensinam-se meninas com toda perfeição, a ler, escrever e contar, não só as quatro operações fundamentaes de arithmetica, mas tambem juros, quebrados, regra de proporção, e a grammatica da lingoa nacional; e igualmente ensina-se a bordar, marcar de todas as qualidades, e a fazer labyrintho, por preço commodo.

— Francisco da Silva Migueis retira-se para Portugal.

— Joaquim Lobato Ferreira vende o seu sitio, que a 2 do corrente foi incendiado, na travessa do Monteiro, com a frente para o rio, contendo varias casas englobadas ou em separadas, e com diversas fructeiras, o qual se acha livre e desembaraçado: a tratar com o mesmo annunciante, na rua da Senzala Velha n. 110.

— O abaixo assignado, alferes do 9.º batalhão de infantaria, tendo servido de agente do rancho do mesmo batalhão em todo o anno de 1854, esta convencido que sempre pagou nos devidos tempos aos senhores que forneceram os generos precisos para o dito rancho no referido anno; mas se porventura assim não tenha acontecido, roga a qualquer que seja essa pessoa, de dirigir sua representação ao Illm. Sr. commandante do dito batalhão, no quartel da Soledade.—*Manoel Carneiro Machado Freire.*

— Negocia-se Algebra, Geometria e Trignometria por Lacroix, e uma obra de Georges Phillips, em muito bom estado: quem quizer, dirija-se ao pateo do Collegio n. 2.

ATTENÇAO'.

A taberna nova do barateiro, na povoação de Santo Amaro de Jaboatão, acha-se com um completo sortimento de bebidas de todas as qualidades, cerveja em meias garrafas e garrafas, licores francezes, vinho tinto e branco, queijos novos, sardinhas de Nantes, manteiga ingleza e franceza, da melhor que se póde encontrar no mercado, chá da India e de S. Paulo, dito preto, chocolate, assucar de todas as qualidades, bolachinha ingleza, dita de ararota, charutos para os amigos do bom gosto, das melhores marcas, S. Felix, Figueiredo Rocha, e outros muitos que se pedirem, aletria, macarrão, talharim para sopa; pedimos tambem aos senhores de engenho mais proximos que nos queiram honrar nosso novo estabelecimento com suas freguezias, achando tudo pelo preço da praça e a satisfação do comprador.

— O padre João José da Costa Ribeiro, substituto das cadeiras de latim desta cidade, abre a sua aula particular no dia 1 de fevereiro.

HE CARO, POREM HE BOM.

No armazem de Joaquim Francisco de Alem no largo da Assembléa, he chegado o afamado feijão do Aracaty: quem o pretender venha vêr, porque apreciando a boa qualidade deste legume não deixará de trazer na algibeira quantia sufficiente que possa trocar por uma sacca. He dinheiro á vista.

— Perdeu-se no dia 9 do corrente, das 7 para as 8 horas da noite, desde o Recife seguindo pelo aterro da Boa-Vista, Ponte Velha, rua da Gloria até o Mondego, uma carteira de algibeira, presa por um laço de borracha, e contendo 70$000 em sedulas e um soberano, moéda ingleza; tendo consciencia quem a tiver achado, e querendo restitui-la, póde dirigir-se á rua do Vigario n. 3, dando-se a metade de alviçaras.

LOTERIAS DA PROVINCIA.

Amanhãa sabbado 13 de janeiro he o indubitavel andamento da primeira parte da primeira loteria d'amoreiras e bicho de seda, a's 10 horas da manhãa, no consistorio da igreja da Conceição dos Militares. Os seus bilhetes e cautelas só estão a'venda até as 10 horas da manhãa do dia 13 do corrente mez nos lugares do costume.—Pernambuco 12 de janeiro de 1855.—O cautelista, Salustiano de Aquino Ferreira.

— O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira, cabalmente convencido que os seus bilhetes e cautelas hão de alcançar a mais brilhante victoria nos deus primeiros premios grandes, na loteria d'amoreiras e bicho de seda, que ha de correr indubitavelmente sabbado 13 do corrente a's 10 horas da manhãa; a' elles, que estão-se acabando.

— Lava-se e engomma-se roupa de toda a qualidade por preço commodo: no becco do Quiabo numero 5.

— Precisa-se de uma ama de leite sadia, de boa conducta: na rua do Vigario armazem de cabos numero 1.

— Perdeu-se meio bilhete em dous quartos n. 1683 da 1.ª parte da 1.ª loteria das amoreiras desta provincia, no dia 11 do corrente, e previne-se ao Sr. thesoureiro da mesma e cautelistas, de não o pagarem senão ao abaixo assignado.

João José Nunes de Paula

— O Sr. João Pinto de Mendonça, estudante, dirija-se á rua da Cruz do Recife n. 31, primeiro andar, a negocio de seu interesse.

— Aluga-se o primeiro andar do sobrado da rua da Senzala Velha n. 68; a tratar no segundo andar do mesmo.

— Ainda está fugida a negra Francisca, já velha e magra, falla muito fanhosa, e tem nos pés signaes de ter estado nos ferros: roga-se, portanto, as autoridades policiaes e capitães de campo a captura da dita escrava, e levem-a á rua da Senzala Velha n. 68, que serão recompensados.

— Diz o abaixo assignado, que tendo de retirar-se para fóra desta provincia, faz sciente a quem tiver penhores em seu poder, queira resgata-los no prazo de 16 dias.—*José Pinto Ribeiro.*

— Quem precisar de uma ama escrava, que sabe cozinhar o diario de uma casa e fazer o serviço da mesma, a qual tem muito boa conducta, dirija-se á rua do Queimado n. 14, loja.

— Lava-se e engomma-se com toda perfeição e aceio, e entrega-se a roupa todos os oito dias; na loja do sobrado n. 40, rua da Aurora.

— No dia 10 do corrente fugio da povoação do Monteiro uma preta crioula, por nome Izabel, com os signaes seguintes: baixa, e alguma cousa grossa, braços bem grossos, as duas orelhas rasgadas no lugar dos brincos, quando anda puxa por uma perna, os pés apalhetados, e um mais que outro, tem marcas de vacinas em ambos os braços; levou tres vestidos, um de chita escura, outro de cassa de quadros, e outro de chita de assento branco com flores encarnadas, um chales amarello: quem a pegar, leve-a no Mouteiro, em casa do major Sebastião Antonio do Rego Barros, que gratificará.

— Precisa-se de um distilador para engenho perto da praça: quem desse mister entender e quizer servir, dirija-se á rua da Cadeia do Recife n. 38, para tratar.

— Fugio no dia 27 de outubro do anno passado, uma escrava de nome Clementina, crioula, idade 25 annos, pouco mais ou menos, com os signaes seguintes: olhos grandes, orelhas pequenas, boa estatura e pouco corpo, tem na perna direita o signal de uma ferida, e com alguns signaes de cipoadas pelas costas; talvez ande para as partes do Recife ou engenho S. Paulo: quem a pegar e levar a seu senhor Caetano Martins dos Santos, morador no engenho Pimentas, freguezia do Cabo, será recompensado do seu trabalho.

VISPORA, DOMINO', E DAMAS.

Chegou á loja de miudezas da rua do Collegio n. 1, um sortimento de jogos de vispora, dominó e damas, que se vende muito barato para acabar.

CAIXAS PARA COSTURA.

Chegou á loja da rua do Collegio n. 1, um rico sortimento de caixas para costura, pelo diminuto preço de 3, 4, 5 e 6$000 rs.

— Perdeu-se da cocheira defronte do porto das canoas da rua Nova até a rua Direita, uma manta de cavallo de panno azul ainda nova, que um preto conduzia em cima de um sellim que trazia na cabeça, d'onde cahio, a qual manta além do circulo de ourello preto tem uma fita de casemira encarnada, e por cima da mesma um enfeite de trança; quem a achou, querendo restitui-la, póde entregar na rua Direita n. 17, que se recompensará.

— Precisa-se alugar por arrendamento de 3 annos um sitio que seja perto da praça; na rua da Gloria n. 85.

COMPRAS.

— Compra-se prata brasileira ou hespanhola: na rua da Cadeia do Recife n. 54.

— Compra-se toda porção de prata velha ou nova, que possa apparecer, a peso conforme sua qualidade: na rua da Senzala Velha n. 70, segundo andar, se dirá quem compra.

— Compram-se escravos de ambos os sexos, tendo boa figura; paga-se bem: na rua Direita n. 66.

— Compra-se em meio uso uma chronologia pelo autor da historia sagrada: no ultimo sobrado da rua das Cruzes, lado direito n. 9, quem vai para S. Francisco. Na mesma casa se aluga uma loja com armação para taberna, ou sem ella, quasi no pateo da Santa Cruz.

— Compra-se um negro cozinheiro e comprador, não se olha a idade nem a nação; quem o tiver, dirija-se á rua do Crespo, loja n. 3, proxima ao arco de Santo Antonio.

VENDAS.

ALMANAK PARA 1855.

Sahiram a' luz as folhinhas de algibeira com o almanak administrativo, mercantil, agricola e industrial desta provincia, corrigido e accrescentado, contendo 400 paginas: vende-se a 500 rs., na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

FOLHINHAS PARA 1855.

Acham-se a' venda as bem conhecidas folhinhas impressas nesta typographia, de algibeira a 320, de porta a 160, e ecclesiasticas a 480 rs., vendem-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

CAL VIRGEM.

a mais nova que ha no mercado, a preço commodo; na rua do Trapiche n. 15, armazem de Bastos Irmãos.

— Vende-se a casa terrea da rua da Paz ou antiga rua do Cauno n. 38; a tratar na rua das Trincheiras n. 19, segundo andar.

— Vende-se um carro americano, novo, de 4 rodas, chegado ultimamente da America: os pretendentes dirijam-se á rua de S. Francisco, cocheira do Sr. Raymundo.

— Vende-se o sitio denominado Genipapeiro, no lugar da Embiribeira, confronte a caixinha das almas, contendo grande quantidade de coqueiros deitando fructo, e algumas outras arvores, quatro viveiros e proporção para mais outros, terreno para plantações de capim, mandioca etc., grande extenção de terreno proprio para criação de gado por ser muito fertil, casa de vivenda ainda nova, com uma rua de outras casas menores, e um grande armazem com grande estribaria proprio para rancho, tudo quasi novo: a tratar com Francisco Rodrigues Cardoso de Barros, dono do mesmo, no lugar mencionado.

— Vendem-se excellentes cavallinhas de Lisboa, em barris de 175 cada um, a 5$000 o cento: na rua da Praia n. 4.

— Vendem-se saccos com gomma com 4 ½ arrobas a 9$000: no Forte do Mattos n. 20, em frente ao trapiche do algodão.

— Vende-se superior vinho muscatel de Setubal, em ancoretas de 2 ½ canadas e 5 cada uma; na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

— Vende-se uma preta de nação, de meia idade, pelo preço de 350$000; o motivo he por querer vender na rua, e não o querer servir em casa: a tratar na rua estreita do Rosario n. 11.

MADAPOLAO' COM TOQUE DE AVARIA A 2$, 2$500, 3$, e 3$500 a peça!!!

A dinheiro á vista.

Vende-se na rua do Queimado n. 17, loja ao pé da botica, madapolões finos com toque de avaria de agua doce.

— Vende-se cal virgem de Lisboa, a mais nova e melhor que ha no mercado, a 4$000 a barrica: na rua do Collegio n. 21.

— Vende-se a loja de calçados da rua do Livramento n. 42, a qual he bem afreguezada, e com poucos fundos: a tratar na mesma rua n. 29.

— Vende-se uma negrinha de 10 annos, muito linda e esperta, uma mulatinha com 8 annos, tambem muito linda, e dous molequinhos de 8 a 10 annos: na rua larga do Rosario n. 22, segundo andar.

AOS NEGOCIANTES.

Vende-se na villa de Mamanguape a melhor casa que alli existe, tanto pela mão d'obra e tamanho, como pela posição para commercio, tendo sido feita para este fim, e por modico preço: quem a pretender, dirija-se ao seu proprietario, na capital desta provincia, o thesoureiro da alfandega João Carlos de Almeida e Albuquerque, e nesta villa ao Dr. Antonio Carlos de Almeida e Albuquerque.

Para senhoras.

Superiores chapeos de palha e seda para passeio, fazenda inteiramente moderna e de bom gosto, por preço muito commodo: na praça da Independencia n. 24, 26, 28 e 30.

PULCEIRAS.

Chego á loja de miudezas da rua do Collegio n. 1, um rico sortimento de pulceiras da ultima moda, que se vende muito barato.

— Vende-se uma preta, crioula, de algumas habilidades, com uma cria; na rua de Copiares, sobrado n. 3.

NOVAS INDIANAS DE SEDA ESCOCEZA A 800 RS. O COVADO.
Na rua do Queimado, loja n. 40.

SEDAS ESCOCEZAS A 1$000 RS. O COVADO.
Na loja da rua do Queimado n. 40.

BAREGE DE SEDA DE LINDAS CORES A 700 RS. O COVADO.
Na rua do Queimado, loja n. 40.

ALPACAS ESCOCEZAS A 400 RS. O COVADO.
Na rua do Queimado, loja n. 40.

RISCADOS ESCOCEZES A 260 RS. O COVADO.
Na rua do Queimado, loja n. 40.

NA RUA DO APOLLO N. 19,

vendem-se saccas com farinha de mandioca, superior qualidade por preço nunca visto; sendo porção faz-se todo o negocio.

FARINHA DE MANDIOCA.

Na loja n. 26 da rua da Cadeia do Recife, esquina do beco Largo, vendem-se saccas com superior farinha da terra por menos preço do que em outra qualquer parte.

— Vende-se muito bom doce de cajú secco, por preço commodo: nos Quatro Cantos da Boa-Vista numero 1.

—Vende-se 1 habito do cruzeiro; na rua larga do Rosario n. 17, junto ao quartel.

— Vende-se um sitio grande na estrada de Belem passando a pontezinha o primeiro a direita, o qual tem uma grande casa com sotão de pedra e cal, dous viveiros e muitas arvores de fructo, terra para plantar, etc.; os pretendentes dirijam-se ao abaixo assignado na rua do Torres casa n. 19, terceiro andar, ou na rua do Brum armazem n. 14.

Luiz Antonio Barbosa de Brito.

— Nos Quatro Cantos da Boa-Vista n. 1, vende-se boa linha de novelo a 3 por 40 rs. de todos os numeros e em libras da mesma numeração por barato preço, porção de palitos de dentes finos e o masso a 120 rs., tudo isto he pechincha.

— Na rua de Apollo n. 19, vende-se potassa muito nova, chegada ultimamente do Rio de Janeiro, por menos preço do que em outra qualquer parte.

— Vendem-se ricos e modernos pianos, recentemente chegados, de excellentes vozes, e preços commodos: em casa de N. O. Bieber & Companhia, rua da Cruz n. 4.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se a bordo do brigue *Conceição*, entrado de Santa Catharina, e fundeado na volta do Forte do Mattos, a mais nova farinha que existe hoje no mercado, e para porções a tratar no escriptorio de Manoel Alves Guerra Junior, na rua do Trapiche n. 14.

Deposito de vinho de champagne Chateau-Ay, primeira qualidade, de propriedade do conde de Marcuil, rua da Cruz do Recife n. 20: este vinho, o melhor de toda a Champagne, vende-se a 36$000 rs. cada caixa, acha-se unicamente em casa de L. Lecomte Feron & Companhia. N. B.—As caixas são marcadas a fogo—Conde de Marcuil—e os rotulos das garrafas são azues.

CEMENTO ROMANO BRANCO.

Vende-se cemento romano branco, chegado agora, de superior qualidade, muito superior ao do consumo, em barricas e as tinas: atraz do theatro, armazem de taboas de pinho.

— Vende-se um cabriolet com coberta e os competentes arreios para um cavallo, tudo quasi novo: para ver, no aterro da Boa-Vista, armazem do Sr. Miguel Segeiro, e para tratar no Recife rua do Trapiche n. 14, primeiro andar

RUA DO CRESPO N. 12.

Vende-se nesta loja superior damasco de seda de cores, sendo branco, encarnado, rôxo, por preço razoavel.

—Vendem-se lonas da Russia por preço commodo, e de superior qualidade: no armazem de N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4.

Agencia de Edwin Maw.

Na rua de Apollo n. 6, armazem de Mc. Calmont & Companhia, acha-se constantemente bons sortimentos de taixas de ferro coado e batido, tanto rasas como fundas, moendas inteiras todas de ferro para animaes, agoa, etc., ditas para armar em madeira de todos os tamanhos e modelos mais modernos, machina horisontal para vapor com força de 4 cavallos, cocos, passadeiras de ferro estanhado para casa de purgar, por menos preço que os de cobre, esco-vens para navios, ferro da Suecia, folhas de flandres; tudo por barato preço.

—Na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, tem a venda a superior flanella para forro de sellins chegada recentemente da America.

Potassa.

No antigo deposito da rua da Cadeia Velha, escriptorio n. 12, vende-se muito superior potassa da Russia, americana e do Rio de Janeiro, a preços baratos que he para fechar contas.

Devoto Christão.

Sahio a luz a 2.ª edição do livrinho denominado—Devoto Christão, mais correcto e acrescentado: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia a 640 rs. cada exemplar.

PUBLICAÇAO' RELIGIOSA.

Sahio á luz o novo Mez de Maria, adoptado pelos reverendissimos padres capuchinhos de N. S. da Penha desta cidade, augmentado com a novena da Senhora da Conceição, e da noticia historica da medalha milagrosa, e de N. S. do Bom Conselho: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia, a 1$000.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa, de capim, na fundição de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, tem para vender diversas muzicas para piano, violão e flauta, como sejam, quadrilhas, valsas, redowas, schotickes, modinhas, tudo modernissimo, chegado do Rio de Janeiro.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

Reduzido de 640 para 500 rs. a libra

Do arcano da invençao' do Dr. Eduardo Stolle em Berlin, empregado nas colonias inglezas e hollandezas, com grande vantagem para o melhoramento do assucar, acha-se a venda, em latas de 10 libras, junto com o methodo de empregalo no idioma portuguez, em casa de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz n. 4.

—Vende-se uma rica mobilia de jacaranda', com consolos e mesa de tampo de marmore branco, a dinheiro ou a prazo, conforme se ajustar: a tratar na rua do Collegio n. 25, taberna.

DEPOSITO DE CAL DE LISBOA.

Na rua da Cadeia do Recife n. 50 ha para vender barris com cal de Lisboa, recentemente chegada.

— Vende-se uma balança romana com todos os seus pertences, em bom uso e de 2,000 libras: quem a pretender, dirija-se á rua da Cruz, armazem n. 4.

TAIXAS DE FERRO.

Na fundiçao' d'Aurora em Santo Amaro, e tambem no DEPOSITO na rua do Brum logo na entrada, e defronte do Arsenal de Marinha ha' sempre um grande sortimento de taichas tanto de fabrica nacional como estrangeira, batidas, fundidas, grandes, pequenas, razas, e fundas; e em ambos os logares existem quindastes, para carregar canoas, ou carros livres de despeza. O preços sao' os mais commodos.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se superior farinha de mandioca, em saccas que tem um alqueire, medida velha, por preço commodo: nos armazens n. 3, 5 e 7 defronte da escadinha, e no armazem defronte da porta da alfandega, ou a tratar no escriptorio de Novaes & C., na rua do Trapiche n. 34, primeiro andar.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, vende-se farelo novo, chegado de Lisboa pela barca *Gratidão*.

POTASSA BRASILEIRA.

Vende-se superior potassa, fabricada no Rio de Janeiro, chegada recentemente, recommenda-se aos senhores de engenhos os seus bons effeitos ja' experimentados: na rua da Cruz n. 20, armazem de L. Leconte Feron & Companhia.

Taixas para engenhos.

Na fundiçao' de ferro de D. W. Bowmann, na rua do Brum, passando o chafariz, continua haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 5 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidao': embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

AGENCIA

Da Fundiçao' Low-Moor. Rua da Senzala nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor, e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos, para dito.

—Em casa de J. Keller & C., na rua da Cruz n. 55, ha para vender 5 excellentes pianos vindos ultimamente de Hamburgo.

— Vende-se um excellente sitio muito perto da praça, com casa de vivenda soffrivel, murado em toda a frente, com alicerces para uma casa de 40 palmos de frente e 110 de fundo, com cacimba de agua de beber, assim como um poço com agua igual a do Capibaribe, differentes fructeiras de boas qualidades, muito boa baixa para capim com camboa no fundo, que pode-se bem fazer 2 optimos viveiros etc.: a fallar com M. Carneiro, ou na entrada da estrada dos Afflictos, primeiro sitio a direita.

— Vende-se excellente taboado de pinho, recentemente chegado da America: na rua de Apollo, trapiche do Ferreira, a entender-se com o administrador do mesmo.

— Vendem-se uns trastes de amarello e modernos, com pouco uso, por preço commodo; na rua estreita do Rosario, loja de barbeiro n. 19, se dirá quem vende.

— Vendem-se dous caixões com caixilhos, proprios de taberna: quem pretender annuncie para ser procurado; e juntamente 5 ternos de medidas de folha para liquido.

— Vendem-se dous escravos moços de bonitas figuras: na rua Direita n. 3.

— Vendem-se duas cabras, bicho, de muito boa qualidade, e muito mansas: na rua da Cadeia de Santo Antonio n. 20.

— Vende-se papel pintado, envernisado, com a particularidade de se poder lavar, e sempre esta' novo, decorações mui lindas e modernas, e preço razoavel quanto a qualidade: vende-se na rua da Cruz do Recife n. 27, armazem de Victor Lasne.

CEMENTO ROMANO.

A 11$000 a barrica.

Vende-se cemento romano em barricas de 12 arrobas, as maiores que ha no mercado, e chegado ultimamente de Hamburgo: no Recife, rua da Cruz, armazem n. 13.

— Vende-se uma propriedade na Passagem da Magdalena, porque o proprietario muito deseja cumprir deveres ponderosos; quem pretender compra-la fará o especial favor dirigir-se á rua estreita do Rosario n. 30, segundo andar.

SAL DO ASSU'

vende-se abordo do hiate «Adelayde» fundeado defronte do Trapiche do algodão: a tratar com J. B. da Fonseca Junior na rua do Vigario n. 4.

PALHA DE CARNAUBA

vende-se a bordo do hiate «Adelaide»: a tratar com José Baptista da Fonseca Junior na rua do Vigario n. 4.

— Vendem-se caixas com velas stearinas de superior qualidade, meias latas e quartos de sardinhas, cognac em barris, gigos com garrafas e meias de champagne da ja' bem conhecida marca estrella, e quartolas com o verdadeiro vinho de Bordeaux: na rua do Trapiche n. 11.

— No armazem da rua da Cruz n. 5, vende-se repolho conservado e salame, chegado ha pouco de Hamburgo, por preço commodo.

— Vende-se uma bonita casa terrea com optimos commodos para familia, quintal cacimba e chãos proprios, sita na rua do Padre Floriano: a tratar na rua do Vigario casa n. 7.

A BOA PITADA.

Na rua do Queimado, loja da quina do becco da Congregação n. 41, vende-se rapé novo de Lisboa, a 40 rs. a oitava.—

O FREQUEZ VELHO.

Saccas de farinha.

Vendem-se saccas com farinha da terra, nova e bem torrada; vendem-se tambem saccas com arroz na rua da Cadeia do Recife n. 18 e 23.

— Vende-se uma morada de casa de 3 andares, com um grande sotão, sita na rua do Vigario n. 8: os pretendentes dirijam-se á loja da esquina da rua do Crespo, voltando para a do Queimado, que se dirá quem vende.

— Vende-se um escravo preto, moço e de bonita figura, e proprio para todo serviço: na rua do Queimado, loja de Manoel Florencio Alves de Moraes.

— Vende-se uma escrava preta, moça e bem parecida, engomma com perfeição, cose bem, cozinha e faz doces, pão-de-ló e bolinhos: na rua Direita, no terceiro andar do sobrado n. 36.

— Lonas da Russia, de boa qualidade, e por preço commodo; vendem Novaes & Companhia em seu escriptorio, rua do Trapiche n. 34, primeiro andar.

— Vende-se um carro novo inglez de 4 rodas, recentemente chegado, para um ou dous cavallos, feito em Londres: para ver na cocheira do Sr. Poirier no aterro da Boa-Vista n. 55; e para tratar na rua da Cruz n. 42 no escriptorio de Crabtree & C.

LOTERIA DO BICHO DA SEDA.

Corre no dia 13.

Na casa da Fama, aterro da Boa-Vista n. 48, estão expostos á venda os bilhetes e cautelas desta loteria.

Bilhetes	5$000
Meios	2$800
Quartos	1$500
Decimos	$700
Vigesimos	$400

FARINHA DE MANDIOCA

nos armazens de Paula Lopes, Annes e Cazuza no caes da Alfandega a' preço commodo: trata-se com José Baptista da Fonseca Junior, rua do Vigario n. 4.

CEMENTO NOVO EM BARRICAS GRANDES.

Vende-se por preço muito commodo, em casa de Timm Mousen & Vinassa na praça do Corpo Santo n. 13.

— Vende-se sola muito boa, pelles de cabra, e gomma muito boa em saccos: na rua da Cadeia do Recife n. 49, primeiro andar.

— Vendem-se no armazem n. 60, da rua da Cadeia do Recife, de Henry Gibson, os mais superiores relogios fabricados em Inglaterra, por preços modicos.

— Chá hyson verdadeiro, o melhor que tem apparecido neste mercado, e por que preço? 2:560 cada libra, em caixinhas de duas libras: no Bazar Pernambucano, na rua Nova.

— No Bazar Pernambucano, vende-se a prodigiosa agoa de malabar por Lascombe, para tengir cabellos.

— No Bazar Pernambucano, vendem-se ricos jaqués bordados para meninos de 6 a 9 annos, crepe de todas as cores, toucas de lãa para senhoras, froco de todas as grossuras e cores, camizus de retroz bordados á matiz, chapéos francezes para homens a 6$, e 7$, setins de todas as cores a 880 rs. o covado, pastilha para o peito e estomago, e outras, muitas fazendas que se venderão baratas.

VESTIDOS A 2$000.

Vendem-se córtes de vestido de riscado francez, largo, padrões bonitos e cores fixas, pelo barato preço de 2$000 cada córte: na loja de 4 portas da rua do Queimado n. 10.

—Na livraria da rua do Collegio n. 8, vende-se uma escolhida collecção das mais brilhantes peças de musica para piano, as quaes são as melhores que se podem achar para fazer um rico presente.

CEMENTO ROMANO.

Vende-se superior cemento em barricas grandes; assim como tambem vendem-se as tinas: atraz do theatro, armazem de Joaquim Lopes de Almeida.

— Vende-se uma escrava crioula, com idade de 26 annos, sem vicio nem achaque: na rua da Gloria n. 69.

FARINHA DE MANDIOCA.

Saccas com superior farinha de mandioca: no armazem de Tasso Irmãos.

Champagne da superior marca Cometa: no armazem de Tasso Irmãos.

OLEO DE LINHAÇA

em barris e botijões: no armazem de Tasso Irmãos.

GARRAFAS VASIAS

em gigos de groza e de 110 garrafas: no armazem de Tasso Irmãos.

ESCRAVOS FUGIDOS.

— Desappareceu de bordo do brigue nacional *Flor do Rio* um mulato escravo, por nome Pedro, marinheiro, representa ter 25 annos de idade, pouca barba, cabello crespo, e tem a cabeça de um dos dedos das mãos de menos, em uma das pernas tem bastantes marcas de cicatrizes, e no cachaço a mesma cousa, usa tomar tabaco, tem a barriga um pouco grande, cara redonda, côr palida; levou calça e camisa de algodão azul, barrete inglez á maruja, e he de suppôr que o tenha mudado, por na occasião da fuga ter carregado com toda a roupa de outros de bordo do dito navio. Este mulato he filho da Parahiba do Norte, e de la tendo vindo para o Rio de Janeiro ha poucos tempos, e he hoje escravo dos Srs. Tinoco & Medeiros da mesma praça; e por isso recommenda-se a todas as autoridades policiaes, capitães de campo e quaesquer pessoas, que prendam o dito escravo e o queiram levar á bordo do dito navio, ou aos consignatarios Isaac Curio & Companhia, rua da Cruz n. 40, onde serão generosamente recompensado.

— No dia 30 de dezembro proximo passado, as 5 horas da tarde, se ausentou o preto Domingos, de nação Costa, idade 50 a 60 annos, aleijado de uma perna em consequencia de um tumor que á tempos teve no joelho; levou calça de algodão trançado de listra e camisa do mesmo, tudo novo; o qual escravo he pertencente ao casal do finado Francisco Dias Ferreira: quem o pegar ou delle tiver noticia, dirija-se á rua do Cabugá ao inventariante Manoel Duarte Ferrão, ou á rua da Roda n. 9, a Manoel José Soares de Avellar, que será recompensado.

— Desappareceu hontem, 9 do corrente, a negra Felicidade, de nação Cassange, de 30 annos, pouco mais ou menos, com falta de dentes na frente, altura regular, falla pouco explicada, levou um vestido preto e outro rôxo, ambos velhos; roga-se, portanto, as autoridades policiaes e capitães de campo a captura da mesma, e levem-a ão becco do Espinheiro, em casa da viuva do tenente Estevão da Cunha Mendes, que será gratificado.

PERN.: TYP. DE M. F. DE FARIA. — 1855

ILEGÍVEL

MUTILADO